

FACULDADE DE LETRAS
INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

CONIMBRIGA

VOLUME IX



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

1970

CONIMBRIGA

REVISTA DO INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA
DA FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA (PORTUGAL)

COMISSÃO DE REDACÇÃO :

Doutor MANUEL LOPES DE ALMEIDA

Doutor MÁRIO MENDES DOS REMÉDIOS DE SOUSA BRANDÃO

Doutor TORQUATO DE SOUZA SOARES

(Professores Catedráticos da Secção de História)

Licenciado JOÃO MANUEL BARRÃO OLFIRO

Licenciado JORGE DE ALARCÃO

Licenciado MÁRIO DE CASTRO HIPÓLITO

(Secretários)

**Toda a correspondência (envio de originais e de publicações para recensão,
pedidos de permuta, etc.) deve ser dirigida directamente ao**

DIRECTOR DO INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA
FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE — COIMBRA — PORTUGAL

CONIMBRIGA

(Página deixada propositadamente em branco)

FACULDADE DE LETRAS
INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

CONIMBRIGA

VOLUME IX



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

1970

(Página deixada propositadamente em branco)

CÁLICE DE TERRA SIGILLATA DA OFICINA DE C. ANNIUS

(FILIADO NA OBRA DE RASINIUS)

À MEMÓRIA DE AFONSO DO PAÇO

Proveniente de escavações efectuadas no acampamento romano da Lousa (1) por Afonso do Paço, publicámos em 1967 (2) dois fragmentos de cálice que classificámos de relativamente tardio dentro da produção aretina.

No ano seguinte, após nova campanha de escavações, aquele arqueólogo visitava-nos cheio de satisfação, pois descobrira inesperadamente, distantes de muitos metros, mais trinta fragmentos da mesma peça. Passados meses, surgiram ainda, num terceiro lugar, o fragmento com figura de pantera e o que reproduz a anca e o braço direitos de uma figura feminina.

Apesar da grande quantidade destes achados o vaso não estava completo.

A falta de muitos elementos de ligação das diversas partes existentes e o grande desgaste que apresentavam as fracturas tornou extremamente difícil a reconstrução da peça. Com efeito, raros são os elementos que colam, em sentido restricto.

Este difícil e moroso trabalho de montagem (Est. II) só foi possível após a reconstituição em desenho (Est. V) (3) da decoração figurativa

(1) Situado no Concelho de Mourão, na margem esquerda do Guadiana. A fortificação data dos meados do século i a.C. e perdeu guarnecida até aos primeiros anos do século i d.C.

(2) Cf. Afonso do Paço e J. Bação Leal, Adília Alarcão e Jorge Alarcão, «Castelo da Lousa (Moura)», *Boletim da Junta Distrital de Évora*, Évora, 1967, n.º 6.

(3) Reconstituição gráfica feita pela autora com a colaboração de Clara Portas.

que cobria toda a parede do vaso. Vencida esta primeira dificuldade, conseguiu delinear-se o perfil do cálice e verificar que a sequência das figuras proposta no artigo acima citado era inaceitável.

A decoração descreve uma cena dionisiaca centrada à volta da figura do deus. Acompanhado pela pantera báquica ele acolhe um sátiro que acorre da direita e lhe estende uma pinha. Esta figura é imediatamente seguida por uma ménade atrás da qual se ergue um arbusto. A esquerda de Díónisos surgem mais duas ménades entre as quais se colocou outro arbusto, idêntico ao primeiro.

Apesar da mutilação sofrida por quase todas as figuras, consegue-se compreender que a composição desenvolve uma simetria de gestos perfeitamente correspondente à atitude psíquica de cada personagem.

Ao centro, o deus pára e atende, apoiado no tirso, com serena grandiosidade. À sua frente, a pantera suspende o passo e volta a cabeça como que a interrogá-lo. Apressa-se o sátiro, ofegante, em atitude de oferta. Do outro lado, uma bacante interrompe o seu bailado tomada de êxtase, ao chegar junto de Díónisos. As ménades que seguem ambos estão igualmente orientadas para o mesmo centro, em gestos de dança, mas mais calmas.

Os mistérios dionisiacos são frequentes no repertório da T.S. aretina. Todavia, não conseguimos encontrar nenhum paralelo para o conjunto desta decoração (4).

Uma análise atenta das figuras obtidas por punção e dos elementos traçados à mão livre, faz-nos crer possível afirmar que estamos na presença de um vaso saído da oficina de C. Annius, utilizando, pelo menos, um punção de Rasinius e outros nele inspirados, como se verá adiante.

Rasinius (5) foi um dos primeiros oleiros aretinos que fabricaram cerâmica decorada. Teve oficina em St. Maria in Gradi e deixou uma obra não muito vasta mas da melhor qualidade artística. Não é possível atribuir-lhe ainda uma cronologia absoluta; todavia, parece que o termo da sua actividade foi mais ou menos coincidente com o início da terceira fase da produção de Perennius (produtos marcados M. Peren-

(4) Agradecemos uma vez mais ao Prof. Comfort a atenção que dispensou a este assunto e as sugestões que nos fez.

(5) A. Stenico, *La Cerámica Arretina, Rasinius I*, Milão, 1960.

nus Bargathes) ou seja durante os primeiros anos d.C. Num momento ainda mal definido da sua carreira, aparece associado com Memmius. Conhecem-se vários dos seus operários, mas ignora-se ainda o seu *prenomen*.

Annius (6) foi nome comum a dois artistas aretinos, Caius e Lucius, cuja produção individual é, por vezes, impossível de distinguir. Contudo, a comparação das peças marcadas já conhecidas faz pensar que o primeiro começou a trabalhar mais cedo (último decénio a.C.) e foi contemporâneo de Rasinius.

O repertório artístico destes oleiros inclui muitos elementos mais ou menos relacionados com Rasinius. Desconhecem-se ainda as condições explicativas dessa influência, mas como fez notar Stenico (7) é perfeitamente admissível que ela se deva a simples empréstimo ou derivação de punções.

Além disso não podemos esquecer as semelhanças causadas aos produtos de duas oficinas pela presença dos mesmos artistas. Pantagathus trabalhou igualmente com Rasinius e C. Annius. O seu nome apareceu ligado ao deste último em marca encontrada em Oberaden (10 a.C.) (8).

Ainda que relativamente tardio dentro da produção aretina, este cálice representa um achado raro e antigo no panorama da Terra Sigillata encontrada em Portugal.

As peças da mesma forma de que temos conhecimento (9) são de um período mais recente, ligadas à oficina de P. Cornelius cuja actividade Dragendorff situou entre os primeiros anos d.C. e a época tiberiana, mas que Stenico rebaixa consideravelmente. Ainda que sob reserva, desloca o próprio início da produção para o reinado de Tibério (10).

As recentes escavações de Conímbriga deram um vasto espólio (11),

(6) *Enciclopedia dell'Arte antica classica e orientale*, vol. I (Stenico), p. 402.

(7) A. Stenico, *op. cit.*, p. 20.

(8) *Enciclopedia Italiana dell'Arte Classica*, s.v. *Aretini o Arretini* (Stenico), p. 613.

(9) É nossa intenção reunir estas peças num estudo que aparecerá num número próximo desta revista.

(10) A. Stenico, «Sulla produzione di vasi con rilievi di C. Cispius», *Athenaeum*, N.S., Vol. XXXIII, 1955, p. 215-216.

(11) Em estudo. É sobretudo rico em cerâmica lisa.

saído em grande parte de camadas estratigráficas bem definidas, que vem demonstrar que a importação de T.S. itálica só teve significado económico a partir dos meados do governo de Augusto e durante o reinado de Tibério.

ANÁLISE DO VASO

Pasta cor-de-rosa amarelado, de grão fino e muito branda.

«Glanztonfilm» homogéneo, acetinado e de tom acastanhado.

Alt. total: 155 mm. Diâm. da boca: 198 mm. Alt. do pé: 31 mm. Espess. média: 5 mm.

Forma: variante do tipo I de Dragendorff. Combina o bordo da variante I a (ligado ao serviço I de Haltern) com o perfil largo e mais atarracado da variante I c/ (Est. I).

Paralelos: Bordo: Oxé, 1933 (12), Est. LVIII, 24, (C. Annus), Est. LVII, 294 (Achonistus C. Anni).

Pé: Oxé 1933, Est. XXXVI, 136 (Pantagathus C. Anni) — o mesmo desenho, mas mais alto do que o nosso — e Est. LXXII, 103b (Ateius).

Decoração: Diónisos (Est. III, a e Est. V) — Jovem, nú, voltado a três quartos para a esquerda e apoiado sobre o pé esquerdo e o tirso que empunha. Braço direito estendido (segurando um cântaro ? cf. Drag-Watz, fig. 21, p. 149(13). Manto descaído abaixo da cintura e passando sobre os braços num drapeado elegantemente cuidado (Oxé 1933, Est. LV, 275, p. 104-C. Annus; Drag.Watz, Est. 31, 451 e suplem. 7, 57, p. 148 e 220-Annus).

Precedido por uma pantera cujo passo foi súbitamente detido; apoiada sobre as patas trazeiras e a dianteira esquerda, tem a direita soerguida e a cabeça voltada para trás olhando o deus (Oxé 1933, Est. LV, 275, p. 104. Cf. baixo relevo neo-ático in Oswald-Pryce, Int, Est. XXXIII, 16) (14).

(12) A. Oxé, *Arretinische Reliefgefasse vom Rheim* (Materialen zur Romisch-Germanischen Keramik, Heft 5), Frankfurt a.M, 1933.

(13) H. Dragendorff, *Arretinische Reliefkeramik mit Beschreibung der Sammlung in Tubingen* (Nach des Verfassers Tode ergänzt und herausgegeben von C. Watzinger), Reuthinger, 1948.

(14) F. Oswald e T. D. Pryce, *An introduction to the study of Terra Sigillata*, Londres, 1966.

Uma cepa de vinha, farta de folhagem e frutos ergue-se por detrás de Díonisos em movimentos serpenteantes e um dos seus ramos vem curvar-se docemente sobre a cabeça dele. (Drag.-Watz, Est. 31, 451 e suplem. 7, 57a).

É interessante confrontar este conjunto atribuído a C. Annius com o molde encontrado em St.^a Maria in Gradi, na oficina de Rasinius e publicado por Stenico (Rasinius, I, Est. 17, 90, p. 34). O autor aproxima-o dos já citados e não contesta a sua atribuição. Sublinha, porém, o facto de ainda não ter aparecido nenhuma matriz da oficina dos Annii.

A comparação dos fragmentos publicados e do nosso, mostra-nos que há entre este e os de Tubingen, Munique e Colónia um parentesco maior (detalhes anatómicos e drapeado do manto) do que entre qualquer deles e o molde de St.^a Maria in Gradi. É possível que não se trate de uma única matriz.

Na oficina de C. Annius ter-se-ia reproduzido fielmente um punção originário de Rasinius.

Sátiro (Est. IV, b e Est. V) — Jovem nú, com cauda, correndo para a direita e empunhando uma pinha na mão direita. Pele de leopardo descida até à parte trazeira do joelho.

De inspiração neo-ática (cf. Oswald-Pryce, Int. Est. XXXIII, 2 e 3) como as restantes figuras e de igual qualidade artística, esta figura não encontra paralelo na bibliografia consultada. A dupla impressão que se nota em ambas as pernas, sugere fortemente como nos fez notar o Prof. Comfort, a mão de Rasinius. Convém notar, por outro lado, que esta característica não é específica daquele artista. Ela é frequente noutras obras, entre as quais a de Annius.

1. ^a ménade à direita (Est. IV, a e Est. V) — Mulher de frente, dirigindo-se para a esquerda, com a cabeça atirada para trás. A túnica plissada, cingida alto, adorna-lhe as ancas e deixa-lhe os braços inteiramente descobertos. Cabelos ondulados, retidos por uma fita. Na mão direita segura um véu que passa pelas costas, à altura dos quadris e vem prender-se negligentemente sobre a outra mão [Oxé, 1933, Est. LV, 264, p. 103 (Rasinius); Stenico, Rasinius, I Est. 19, 102 (des. 38), p. 35; Stenico, Cispus, Est. III, 27a, p. 184].

2. ^a ménade à direita (Est. V) — Apenas se conserva um fragmento de orla da túnica, da ponta do véu (à direita) que certamente a envolvia e outros da anca e do braço direito.

Não encontramos qualquer paralelo.

Ménade à esquerda (Est. III, b e Est. V) — Rapariga de costas voltada à direita com os cabelos apertados num puxo que lhe descobre a nuca. *Stola* de largas mangas plissadas. Provavelmente segurava um véu do qual parece haver vestígios junto da mão esquerda.

Embora nas suas linhas gerais a figura nos recorde outras vistas já em Rasinius (Stenico, Rasinius I, Est. 5 e Est. II, 64) não lhe encontramos paralelo.

Arbustos (Est. II) — Dois arbustos separam as três ménades. São plantas de fortes ramos nodosos e abertos, inspirados na produção rasiniana.

O desenho típico das suas folhas, denuncia, porém, a mão de Annius. Um fragmento publicado por Dragendorff-Watzinger reproduz um ramo absolutamente idêntico ao nosso. O fragmento é dito da autoria de Annius (Drag. Watz, Est. 31, 447, p. 219). Stenico (*Revisione critica...attribuzioni*, p. 81) (15) confirmou a atribuição.

Óvulo (Est. V e Est. III) — Simples e alongado corresponde ao tipo Rasinius 7 (Stenico).

A sua frequência em obras de Annius, é, porém, notável, e está sempre ligado à linha de pérolas como no nosso cálice. Particularmente importante nos parece o seu emprego no fragmento de Tubingen que acabámos de citar a propósito dos arbustos.

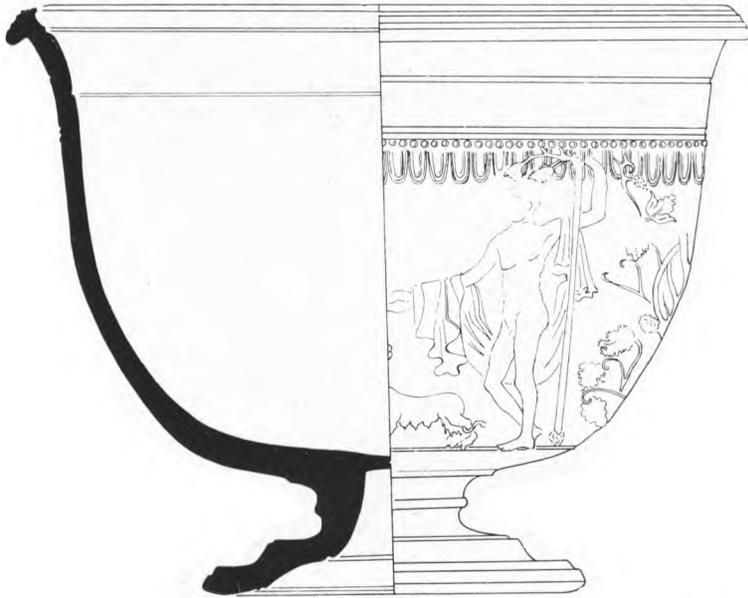
As figuras ultrapassam todas o campo da decoração, sobrepondo-se à moldura inferior e à linha dos óvulos.

A dupla impressão de punções pode observar-se em diversas figuras. É, porém, mais acentuada no sátiro e na pantera.

ADÍLIA M. ALARCÃO

(15) A. Stenico, *Revisione critica delle pubblicazioni sulla Cerámica Arretina-Liste di attribuzione dei vasellame decorato con rilievi edito fotograficamente*, Milão, 1960.

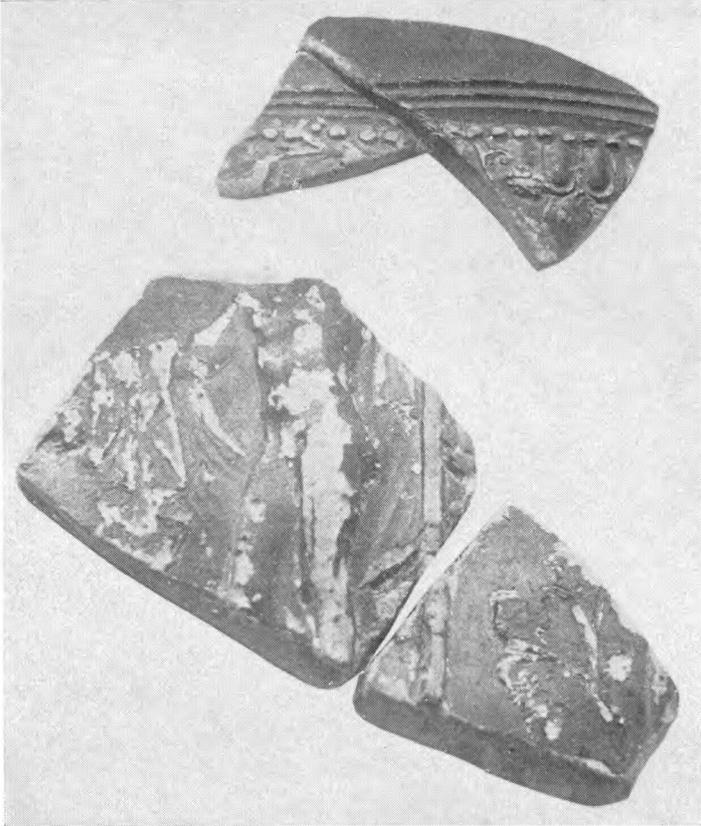
Est. I



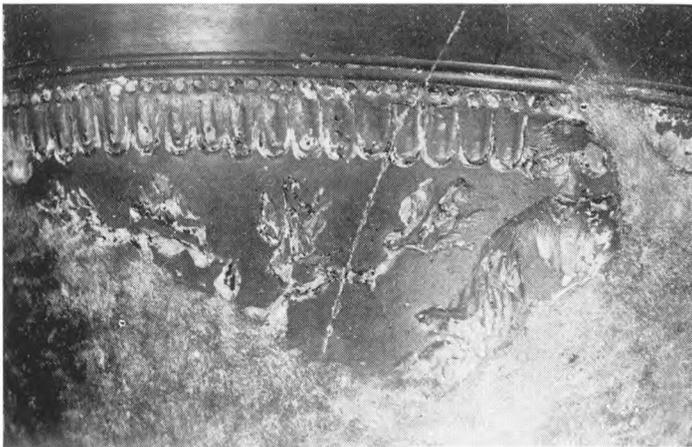
Escala 1 : 2

Est. II



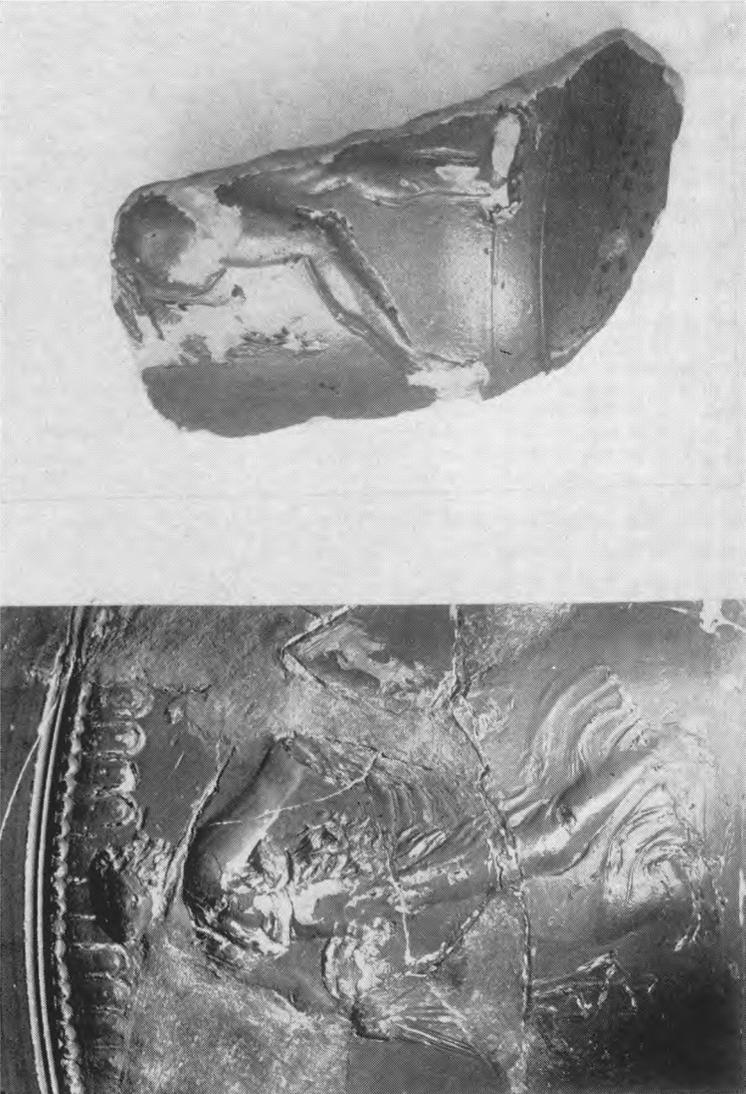


a



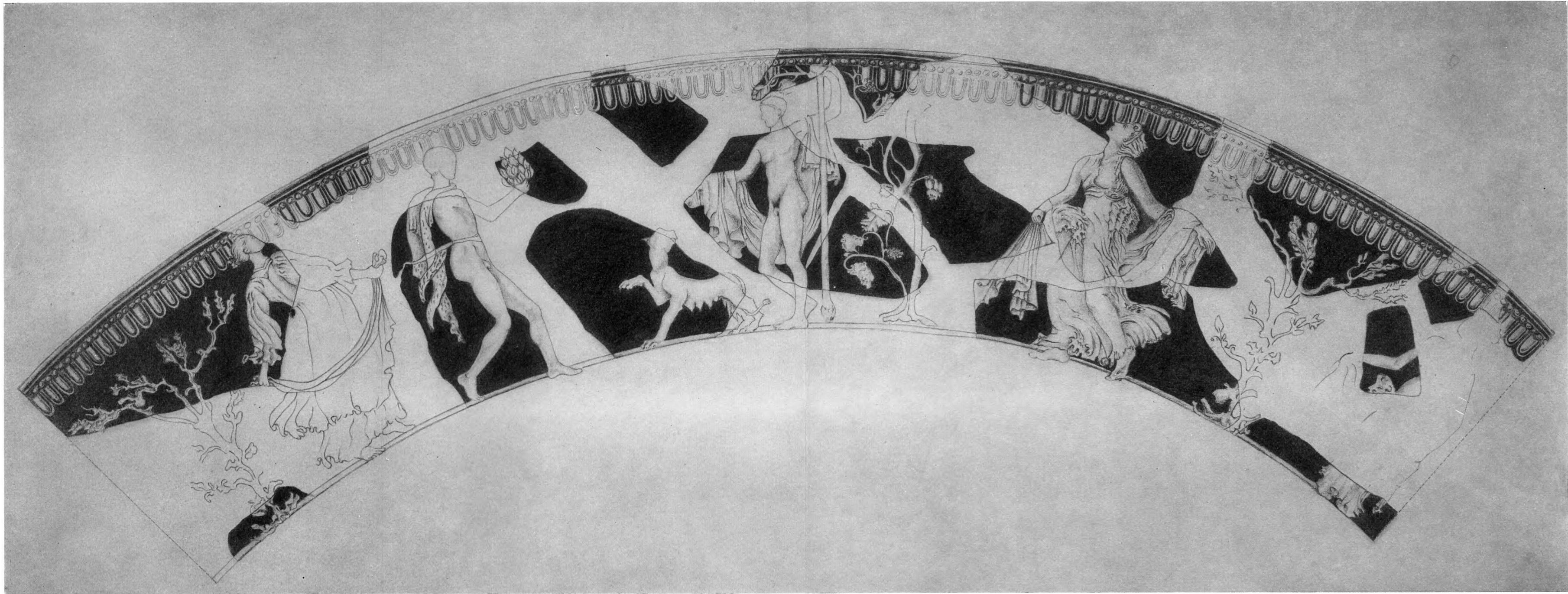
b

Est. IV



b

a



(Página deixada propositadamente em branco)

ELEMENTOS DE FREIOS TARDO-ROMANOS DE CONIMBRIGA

Desde o século iv ao vi, atingindo possivelmente o século vu, generalizou-se um tipo de freio constituído por dois estribos laterais com aselha superior para suporte das correias da cabeça e com um orifício circular no qual se encaixava um bridão de ferro. Nas extremidades do bridão, na parte exterior de cada estribo, existia uma argola onde vinham prender-se as rédeas (Est. II, 5).

Quanto à forma podemos distinguir três tipos essenciais de estribos:

- A) — Placa circular, decorada, com um orifício para a passagem do bridão localizado no centro ou deslocado para a base.
- B) — Aro curvilíneo, sem decoração, com o orifício para o bridão deslocado para a parte inferior da peça.
- C) — Placa de perfil em S, com decoração zoomórfica; o orifício para a passagem do bridão foi deslocado consoante as necessidades decorativas.

As aselhas aparecem com formas triangulares, trapezoidais e rectangulares, independentemente da forma geral do estribo.

Nas peças do grupo A distinguem-se as rodas vasadas em chapa de bronze cortada a buril ou troquei e as rodas decoradas com figuras de cavalos, fundidas em moldes. O grupo B apresenta peças vasadas em molde aberto e, nalguns casos, afeiçoadas com turquês. O grupo C é constituído por placas fundidas em moldes bivalves.

Freios deste tipo foram muitas vezes mal identificados.

No Norte de Africa (1) e em Portugal (2) foram tidos respectivamente por «faleras» ou «peças de arreo de cavalo» sem mais precisão. Mesmo Paiol, que dedicou especial atenção a estes objectos e deles se ocupou largamente, hesitou bastante sobre a sua identificação nos primeiros trabalhos que lhes dedicou e chegou a admitir a hipótese de que se tratasse de broches utilizados em arreios de cavalo ou em carros (3).

Posteriormente, com a aparição do freio quase completo da colecção Fontaneda (4), confirmou-se a utilização destas peças como elementos de freios.

No seu esquema essencial — peças circulares com perfuração central e aselha superior — os estribos tardo-romanos não representam uma inovação. Efectivamente, em sítios romanos (5) datados do século i, aparecem estribos com estes dois elementos, embora apresentem ligeiras alterações de forma. No século iv e seguintes apenas se adaptaram, a uma forma já antiga, motivos decorativos em voga.

Dentro da mesma cronologia — séculos iv e seguintes — encontramos um grupo de rodas vasadas ou decoradas com cavalos que merecem especial atenção.

São rodas que apresentam as seguintes alternativas: perfuração central e ausência de estribo (6); ausência de perfuração central, mas presença de estribo (7) e, finalmente, ausência tanto de perfuração como de estribo (8). A interpretação mais provável para o seu emprego é a que vê nelas simples faleras para adorno de arreios.

(1) Christiane Boube-Piccot, «Note sur l'existence d'ateliers de bronziers à Volubilis», *Bulletin d'Archéologie Marocaine*, V (1964), pp. 195-198.

(2) D. Fernando de Almeida, «Arte Visigótica em Portugal», *O Arqueólogo Português*, nova série, IV, (1962), pp. 247-248.

(3) P. de Paiol, «Algumas piezas de adorno de arnés de época tardorromana e hispanovisigoda», *A E Arq.*, XXV (1952), p. 303.

(4) P. de Paiol, «Bronces Romanos de la Provincia de Palencia», *B S A A*, XXXIII, (1964), p. 237.

(5) Günter Ulbert, *Die Römische Donau-Kastelle Aislingen und Buirghofe*, Berlin, 1959, fig. 13; n.ºs 16, 17.

(6) P. de Paiol, «Algumas piezas de adorno de arnés de época tardorromana e hispanovisigoda», *A E Arq.*, XXV, (1952); pp. 306-307, fig. 1D.

(7) D. Fernando de Almeida, *art. cit.*, est. LXIX, n.º 376, p. 247.

(8) P. de Paiol, *art. cit.*, fig. 3, 12, p. 305.

Paiol agrupa os estribos de freios segundo os temas decorativos:

- 1 — Rodas com decoração vasada de temas geométricos.
- 2 — Temas cristãos: crismones.
- 3 — Cenas várias.
- 4 — Cavalos.
- 5 — Temas de estilização zoomórfica.

Em face dos dois estribos, sem qualquer decoração, encontrados em Conimbriga (Est. II, 1 e 2), consideramos esta tipologia pouco compreensiva.

Assim a classificação destas peças deverá antes articular-se em:

- I — Estribos não decorados.
- II — Estribos decorados.

Para a primeira alínea oferecemos um tipo com duas variantes. Para a segunda aceitamos a tipologia de Paiol.

Problema complexo é o da filiação estilística dos bronzes de esquema heráldico.

No século iv, a arte cristã peninsular teve o seu ponto culminante dominado pelas formas e espírito romanos. A pouco e pouco, esta influência foi diminuindo e deu-se, então, o ressurgimento das tendências artísticas locais amalgamadas com grandes influências orientais. Foi dentro do novo ambiente artístico que nasceram estes bronzes. Persistiram, todavia, certas influências romanas como, por exemplo, leões, panteras e grifos afrontados, copiados ou inspirados em baixos relevos imperiais, e animais com cabeça voltada para trás representados em diversas obras metalúrgicas da Europa Central durante os séculos iii e iv.

A estas influências ocidentais juntou-se uma outra corrente — a oriental — que lhes imprimiu um cunho muito particular. É a corrente animalística Scito-Sármata.

Os Seitas, povo nómada do Sul da Rússia, criaram um estilo animalístico próprio. Exploraram os motivos naturais, com preferência pelos animais, que aparecem sempre em estado selvagem, com excepção do cavalo. As figuras são harmoniosas, estilizadas, mas com certo aspecto irreal.

Com o advento dos Sármatas, já no século i d.C, a arte dos Seitas conservou os seus temas mas sofreu modificações de estilo. Nasceu assim o geometrismo e as superfícies reservadas aos membros e ao corpo dos animais passaram a ser preenchidas por linhas e, em alguns casos, cravejadas com pedras preciosas.

No século ui os godos chegaram ao Sul da Rússia e aí contactaram com o estilo local. No século iv, foram expulsos pelos Hunos e começaram então a sua caminhada pela Europa até atingirem a Península Ibérica. Infelizmente o papel dos godos como introdutores deste estilo na Península carece de confirmação arqueológica. Toda uma série de problemas, tais como a ausência de objectos de estilo animalístico nos cemitérios godos peninsulares e nos diversos sítios localizados nas vias percorridas por este povo, através da Europa, foi já perfeitamente definida por Paiol (9) e aguarda solução.

ANÁLISE DOS ESTRIBOS ENCONTRADOS EM CONÍMBRIGA

I Grupo — Estribos em forma de aro curvilíneo, sem decoração, com o orifício para a passagem do bridão deslocado para a parte inferior da peça e com aselha na parte superior.

Distinguimos duas variantes:

- 1) Não há distinção propriamente dita entre o corpo do estribo e a aselha (Est. II, 1). Daí resulta para a peça a forma de um 8, com a parte inferior mais larga.
- 2) Corpo em forma de bolbo e aselha rectangular (Est. II, 2).

Para a variante 1 encontramos paralelo idêntico no freio representado no mosaico do «tepidarium» da villa romana de Dueñas (10), datado do segundo quartel do século iv.

(9) P. de Paiol, «Bronces de amés con representationes zoomórficas», *Ampurias*, XV-XVI (1953-1954), pp. 291-292.

(10) P. de Paiol, «Das Okeanos-Mosaik in der Römischen Villa zu Dueñas», *Madridrer Mitteilungen*, 8 (1967), Abb. 3, Farbtafel 4.

A análise atenta dos elementos do freio representado neste mosaico revela a existência de uma peça mal interpretada e desnecessária. O estribo, como vimos,

Para a variante 2 não conhecemos paralelo exacto.

II — Grupo. (Tipo V de Palol) — Caracterizado por temas de estilização zoomórfica.

Neste grupo destacamos os exemplares (Est. I, 1 e 2) que pertencem ao mesmo freio.

Como elemento decorativo central e principal apresentam dois animais afrontados com corpo de pantera e cauda de réptil. Os elementos decorativos secundários são constituídos por peltas e conchas. O estilo da juba, das patas e das escamas dos animais é semelhante ao do exemplar do Museu Arqueológico de Madrid (11). Neste exemplar e no proveniente da «villa» romana de Pedrosa de la Vega, Palencia (12), encontramos um tipo de peita semelhante ao das nossas peças, com um sulco periférico paralelo à linha exterior da peita. A concha, elemento muito comum em toda a arte tardo-romana, é achatada, com número de sulcos variável entre 4 e 7 e com pequenos traços radiados na orla externa. Os botões terminais do estribo superior parecem não ter significado cronológico. Tanto aparecem em peças do século i, como em peças tardias.

Para as argolas de ligação das rédeas, com cinco sulcos profundos, encontramos paralelo nas argolas dum freio proveniente do túmulo de Celles, datado de cerca de 180 d.C. (13).

era suficiente para suporte do bridão, das correias da cabeçada e, indirectamente, das rédeas. Por outro lado nos travessões laterais era comum a presença de dois orifícios, um superior e outro inferior, destinados à ligação da cabeçada. Ora, este pormenor essencial não aparece no travessão representado no mosaico. Cremos que o desconhecimento, por parte do mosaísta, do correcto funcionamento dos dois tipos de freio o levou a sobrepôr na mesma representação dois elementos laterais distintos, mas equivalentes — um estribo e um travessão.

(11) P. de Paiol Salellas, «Bronces de arnés con representationes zoomórficas», *Ampurias*, XV-XVI (1953-1959), p. 286, n.º 10.

(12) P. de Palol, «Bronces Romanos de la Provincia de Palencia», *B S A A*, XXXIII, (1967), Lam. VI, 1.

(13) M. Armand, *Nos tumulus Splendeurs Impértales*, Bruxelles, (1969), fig. 15.

Infelizmente a fig. 15 não apresenta escala; comparando as dimensões das argolas com as do bridão, este parece demasiado pequeno para ser utilizado num cavalo. Problema idêntico se levanta para o freio de Cubilles de Cerrato (Palencia). P. de Palol, «Algunas Piezas de Adorno de Arnés», *A E Arq.*, XXV, (1952), p. 303.

Paiol, nos trabalhos atrás citados, afirma que as peças de esquema heráldico por ele estudadas foram decoradas a cinzel depois de fundidas. O mesmo não acontece com os exemplares de Conímbriga. São peças fundidas em moldes bivalves, nos quais se encontrava já toda a decoração. Como trabalho posterior apenas encontramos vestígios de lima para eliminação das rebarbas, perfurações e avivamento de alguns pormenores decorativos.

Nas peças n.ºs 3 e 4 os orifícios circulares perfurados foram abertos com lima de secção circular, acontecendo o mesmo com os buracos da boca e do cimo do «cantharus» da peça n.º 5. Nos exemplares n.ºs 3 e 4 avivou-se os sulcos das conchas e os sulcos periféricos das peitas. Para o exemplar n.º 5 a técnica de decoração do corpo de «cantharus» parece ter sido um misto de «tracing» e de «engraving» (14).

É também curioso notar a existência dum molde para cada estribo do mesmo freio. Justapondo os estribos n.º 3 e 4, pertencentes ao mesmo freio, é nítido o desajustamento entre eles.

São notáveis as semelhanças estilísticas entre estes dois estribos de Conímbriga e o do Museu Arqueológico de Madrid (15). Embora os nossos estribos apresentem uma superabundância de elementos decorativos em relação ao de Madrid, mais sóbrio e elegante, apresentam todos a mesma técnica de fabrico e uma surpreendente coincidência na execução e no desenho dos pormenores suplementares. Isto nos leva a atribuí-los, ainda que com reservas, à mesma oficina.

Atendendo ao equilíbrio da composição, à forma de estilização e à boa técnica de fabrico, propomos para estes elementos de freio uma datação que medeia entre fins do século iv e princípios do século v.

A peça (Est. II, 3), já publicada por Paiol (16), é um exemplar

(14) O processo que os ingleses designam por «tracing» consiste em abrir linhas por martelagem do metal com um punção de ponta romba, operação essa que não remove o metal deslocado. Pelo contrário, no segundo processo, as linhas são abertas com uma ferramenta de ponta em V, bem afiada, que corta o metal e o remove, deixando quase sempre alguns finos resíduos encaracolados ao longo do sulco e na sua terminação. (Cf. Mitten and Doering, *Master Bronzes from the Classical World*, The Fogg Art Museum, 1968, pp. 12-13).

(15) P. de Palol Salellas, «Bronces de arnés con representationes zoomórficas», *Ampurias*, XV-XVI (1953-1954), p. 286, n.º 10.

(16) P. de Palol, «Bronces Romanos de la Provincia de Palencia», *B A S A*, XXXIII, (1967), p. 240.

curioso. É fundida em molde bivalve. Como elemento central aparece o «cantharus» ladeado pelas tradicionais panteras afrontadas.

Concordamos com a datação tardia proposta por aquele autor. Trata-se, possivelmente, duma peça executada nos fins do século v ou mesmo princípios do vi, não só pela forma rude de tratar os animais, mas também pelo tipo de «cantharus» (17) que Briesenick situa na primeira metade do século vi.

Peça idêntica, com o galão entre o colo e bojo, é-nos dada num mosaico tardio do Líbano (18).

Paiol chama a atenção para a semelhança de estilo entre esta peça de Conímbriga e a do Museu Arqueológico de Barcelona. As peças revelam um gosto romano bem distinto do espírito oriental que presidiu ao traçado das peças da estampa 1,1 e 2 e do seu paralelo de Madrid.

Do estribo (Est. II, 4) pouco poderemos dizer. É um exemplar muito incompleto, de reduzidas dimensões, fundido em molde bivalve. O que resta sugere vagamente a cabeça de um canino, mas o trabalho é mau e não oferece quaisquer pormenores ornamentais.

CATÁLOGO

N.º 1 (Est. II, 1)

Proveniência: Conímbriga, escavações anteriores a 1962(19); Museu Monográfico de Conímbriga; Inventário A. 914. Ferro. Peça fundida num só elemento.

Aro de secção rectangular, contracurvado, de modo a formar aproximadamente um 8. Na base, vestígios do sitio onde se abria o furo para inserção do bridão.

Altura máx.: 90 mm. Largura máx.: 68 mm.

N.º 2 (Est. II, 2)

Proveniência: Conímbriga, escavações anteriores a 1962; Museu Monográfico de Conímbriga; Inventário A. 915. Ferro. Dois estribos do mesmo freio sendo cada um deles fundido numa só peça.

(17) Brigitte Briesenick, «Typologie und cronologie der Südwest-Gallischen Sarkophage», *Jahrbuch des Römischen-Germanischen Zentralmuseum Mainz*, 9 (1962), p. 178, C.

(18) M. Chehab, «Les caractéristiques de la mosaïque du Liban», *La mosaïque Greco-Romaine*, Paris, 1963, p. 336, fig. 10.

(19) Desconhecemos a estratigrafia destas escavações de que não ficaram relatórios.

AJO de secção rectangular, curvado de modo a formar um corpo bolboso e contracurvado e apertado com turquês para afeição na parte superior uma aselha rectangular. Na base, orifício ovalado pelo contacto persistente do bridão que se lhe prendia.

Altura máx.: 96 mm. Largura máx.: 89 mm.

N.º 3 e 4 (Est. I, 1 e 2)

Proveniência: Conimbriga, escavações anteriores a 1962; Museu Monográfico de Conimbriga. Inventário A. 511 e A. 512. Estribos de bronze com a haste do bridão de ferro. Dois estribos do mesmo freio.

Peça simétrica formada por duas panteras afrontadas, abocanhando um orifício circular, de secção rectangular, que é atravessado por uma haste de ferro de secção circular, com a ponta revirada onde se insere uma argola de bronze, canelada. Na parte superior, aselha aproximadamente triangular, com saliências esféricas nos dois vértices da base e decorada com ranhuras. Conchas e peitas completam a decoração.

N.º 5 (Est. II, 3)

Proveniência: Conimbriga, escavações anteriores a 1962, H6, ângulo NE do edifício das termas; Museu Monográfico de Conimbriga; Inventário: A. 309. Bronze.

Peça simétrica, tendo ao centro um «cantharus» cujo bojo canelado é separado do colo por uma faixa de botões. De cada lado afrontam-se duas panteras cujos membros dianteiros se erguem para formar as asas do «cantharus» dobradas em ângulo agudo. O corpo dos animais é ornamentado com pontos e traços numa vaguíssima sugestão de pelos.

Base da peça aproximadamente triangular e com perfuração para o bridão.

Altura máx.: 107 mm. Largura máx.: 85 mm.

N.º 6 (Est. II, 4)

Proveniência: Conimbriga, escavações anteriores a 1962, G 4; Museu Monográfico de Conimbriga; Inv. A. 913. Bronze.

Saliência tubular abocanhada por cabeças de cães (?) afrontadas.

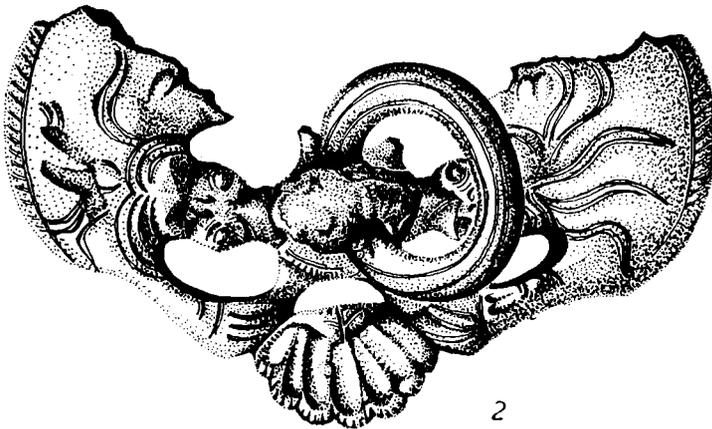
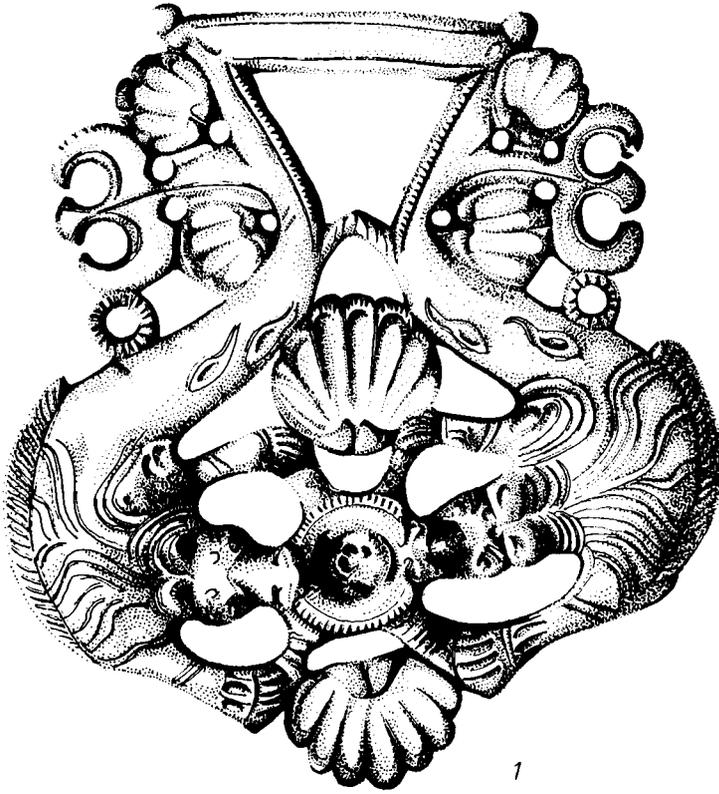
Altura máx.: aproximadamente 40 mm.

N.º 7 (Est. II, 5)

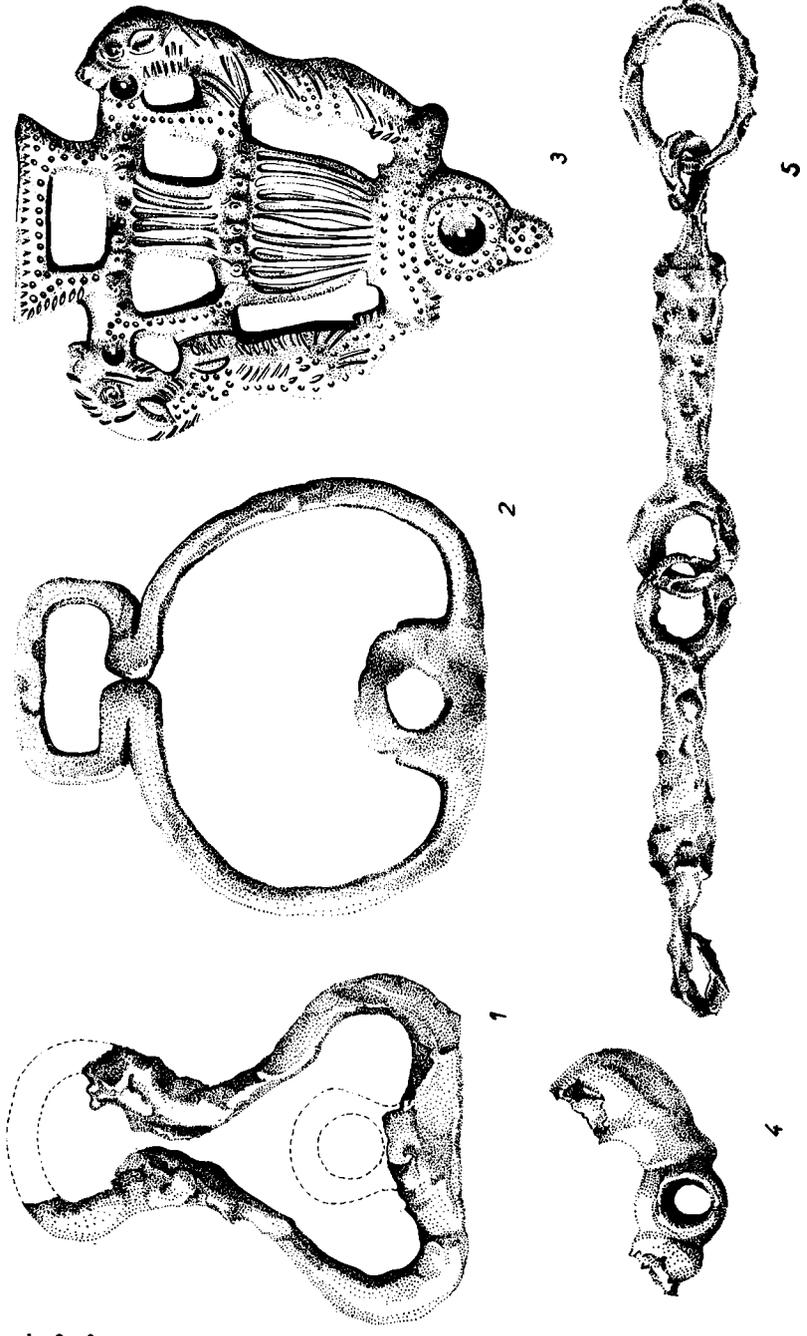
Proveniência: Conimbriga, escavações anteriores a 1962; Museu Monográfico de Conimbriga; Inventário A. 705. Ferro.

Peça formada por 3 elementos interligados. Ao centro, hastes em forma de tronco de cone, terminadas, num dos lados, por um anel e, no outro, por um gancho onde se insere uma argola elíptica de secção rectangular.

Comprimento: 200 mm.



Est. II



Escala 2 : 3

ELEMENTOS DE SÍTULAS DE BRONZE DE CONIMBRIGA

Guarda o Museu Monográfico de Conímbriga uma colecção de elementos de situlas de bronze — ármelas, asas e pés — provenientes de escavações anteriores a 1962, em número suficientemente avultado para justificar a sua publicação.

A um catálogo que reproduzisse todos os exemplares, preferimos um estudo que apresentasse as peças mais típicas agrupadas por séries com as respectivas variantes mais notáveis.

Técnica

As peças são de bronze, cobre e, muito raramente, de ferro e chumbo (1).

O fabrico é geralmente grosseiro e o trabalho tosco.

Umhas peças foram obtidas por fundição em molde bivalve: todas as armelas figurativas, grande parte das não figurativas, algumas asas e os pés, com excepção do de chumbo; outras, cortadas em folhas de metal.

Certos moldes eram de muito má qualidade — é o caso dos que serviram para fabricar as armelas do tipo I; outros estalaram ao serem cozidos ou no momento de receberem o metal, ficando com fissuras por onde este se escapou (Est. I, 1 e 4 e Est. VI, 3).

(1) Não nos foi possível proceder a uma análise científica dos metais. Todas as indicações são baseadas apenas numa inspecção cuidadosa, à lupa, efectuada — para cada objecto — em mais de uma zona perfeitamente desoxidada. Da mesma forma todas as indicações de ordem tecnológica resultaram também de simples, ainda que atento, exame das peças.

Dum modo geral as peças só muito grosseiramente foram retocadas. O olhai foi limado, como funcionalmente se impunha, o mesmo não acontecendo, porém, nas outras superfícies. Também as rebarbas, na maioria dos casos, são apenas mal aparadas (Est. VI, 4). Constituem excepções a esta regra uma das ármelas do tipo II (Est. II, 1 e Est. VI, 5) e todas as asas e pés, submetidos a um bom trabalho de lima.

Uma das peças, não desenhada, apresenta muitos chochos que foram disfarçados com chumbo, em grande parte desaparecido devido a posteriores fenómenos de corrosão (Est. VI, 1).

A decoração provém geralmente do molde. Tanto quanto podemos ajuizar pelo exame feito à lupa, só excepcionalmente se encontram traços avivados, posteriormente, a frio. Estão neste caso uma das armelas do tipo I (Est. I, 5) cujos olhos e decoração do espelho foram feitos com uma ponteira, e uma terminal de asa (Est. V, 5) que apresenta um traço inciso aberto com um cinzel de ponta romba.

As peças cortadas duma folha de metal — algumas armelas não figurativas, algumas asas e o pé de chumbo — foram batidas a frio e limadas, quando a folha de metal era espessa, ou dobradas, batidas e limadas quando cortadas numa folha mais fina. Nalgumas das peças onde o trabalho de martelagem e de lima foi menos cuidado são visíveis os sinais da dobragem da folha de metal (Est. IV, 14). Algumas asas são decoradas por martelagem (Est. IV, 1, 2, 10), outras por estampagem com punção (Est. IV, 3 e Est. V, 1).

A maioria das armelas era soldada aos vasos, como se prova pelos vestígios de solda presentes na face posterior, mais ou menos plana, para melhor adaptação à parede do vaso. Possuimos 5 exemplares originariamente rebitados (Est. II, 1 e 2, Est. III, 12, 13, 14) e outros rebitados aquando da sua reutilização (Est. I, 7, Est. III, 21). A rebitagem era feita com cravos ou tiras de metal dobradas sobre si mesmas e utilizadas como cravos (Est. III, 21).

Os pés eram soldados aos vasos. Atestam-no os vestígios de solda presentes ainda em todos eles, excepção feita ao pé de chumbo.

O exame das peças prova que em Conímbriga se fabricaram os tipos I e IV.

Do tipo I existem 3 peças distorcidas que se vê terem sido regeitadas logo depois de desenformadas, pois ainda conservam agarradas areias provenientes do molde (Est. VII).

Do tipo IV existe um exemplar que, além de apresentar muitas rebarbas, facto aliás frequente como já dissemos, não pode ter servido, pois o olhai não foi limado e conserva ainda o gito (Est. II, 10 e Est. VI, 2).

Entre as armelas não figurativas uma há que apresenta também o gito (Est. III, 9) e outras que não mostram qualquer trabalho de lima (Est. III, 5, 11, 14).

Nota: Os desenhos, da autoria de Clara Portas, reproduzem as peças a 2:3, com excepção de Est. II, 11 (a 2:1) e Est. II, 12 e V, 13 (em tamanho natural).

Classificação e descrição das peças

ARMELAS FIGURATIVAS

Tipo I — Est. I, 1 a 5

Espelho circular; olhai; travessão.

Espelho decorado com um rosto espalmado, cercado por uma coroa circular radiada.

Travessão em forma de meia cana, ornamentado por uma ou duas molduras com golpes de secção em V, dispostos no sentido transversal e em regra terminadas por duas protuberâncias.

Coroa ornamentada por caneluras que deixam entre si molduras lisas ou golpeadas.

Rosto tratado de modos diversos, mas sempre reveladores dum trabalho mais ou menos grosseiro e tosco.

Olhai geralmente ovalizado pelo uso.

Este tipo é muito corrente em Portugal (2).

No Museu de Madrid existem vários exemplares deste tipo, provenientes de Murcia, Alicante. Três deles, publicados por Pierre

(2) Vide quadro final exemplificativo da distribuição dos vários tipos de armelas em Portugal. Agradeço ao Senhor Arquitecto Gustavo Marques e à Senhora D. Maria Amélia Horta Pereira a amável contribuição que deram à elaboração deste quadro que, apesar dos esforços reunidos, não se pode considerar exaustivo.

Paris, são a perfeita réplica dos exemplares portugueses, não apenas no tipo, mas nas características de fabrico e de concepção (3).

Como decorre do que expusemos sobre a técnica de obtenção deste tipo de armelas, não podemos concordar com o autor quando diz que «la surface est grossièrement façonnée à coup de lime en forme de tête humaine».

Fora da Península Ibérica não conhecemos paralelo para este tipo de armela.

Boesterd publicou um vaso de bronze com asa cuja extremidade inferior figura um rosto de mulher circundado por uma coroa radiada (4).

H. Rolland, Broholm e Eggers publicaram também situlas de bronze com armelas de espelho circular ornamentado por um rosto de rapaz ou de mulher emoldurado por coroas idênticas (5). Mas, não só as formas dos vasos são muito mais elaboradas que as dos vasos portugueses que possuem este tipo de armelas, como a execução destas é incomparavelmente mais cuidada, desde o travessão, geralmente formado por duas cabeças de animal afrontadas, até ao tratamento do rosto e ornamentação da coroa. O exemplar mais esquematizado de Eggers é ainda muito superior, na sua execução, a qualquer um dos nossos.

Nenhum dos autores citados dá uma interpretação especial da coroa circundante. Eggers não lhe faz qualquer referência, Boesterd designa-a simplesmente por «neck-ornament», Broholm e Rolland chamam-lhe palmeta.

No caso das armelas de Conímbriga e Madrid poderíamos, à primeira vista, considerar as coroas como estilização duma barba, interpretação aliás injustificável no caso dos outros exemplares referidos, cujos espelhos representam sempre rostos de rapaz ou de mulher.

Consideremos, porém, a armela de Alenquer publicada por

(3) Pierre Paris, *Essai sur l'Art et l'Industrie de l'Espagne primitive*, 1904, II, pp. 237-240 e fig. 376-377.

(4) M. H. P. Den Boesterd, *The bronze vessels, Description of the collections in the Rijksmuseum G. M. Kam at Nijmegen*, 1956, pi. XI, n.º 273 e 273^a.

(5) H. Rolland, *Bronzes Antiques de Haute Provence*, XVIII Supplément à Gallia, 1965, Est. 295; H. C. Broholm, *Kulturforbindelser i aeldre Jaernalder*, 1960, fig. 66; H. J. Eggers, *Der Römische Import im Freien Germanien*, Tafel 4, n.º 24 a 29.

M. A. Horta Pereira (6). O espelho é decorado por um rosto que mostra certas analogias com o da armela encontrada em Les Mureaux, apresentada pelo autor como uma representação de Okéanos (7), mas que pode também, supomos, ser interpretada como a representação dum sátiro. Na armela de Alenquer, a barba estreita e alongada é nitidamente diferenciada da coroa que circunda o rosto, a qual, consequentemente, não poderá ser interpretada como estilização duma barba.

Supomos, por isso, mais correcto considerar a coroa dos exemplares deste tipo I como simples ornamento.

Não é possível dar uma indicação cronológica precisa sobre estas ármelas: provêm de escavações antigas não estratigráficas, não têm paralelos exactos que possam esclarecer o problema e os vasos conhecidos com ármelas deste tipo também não estão datados com segurança.

Os dois vasos de bronze encontrados em Portugal que conservam ainda soldadas armelas deste tipo têm formas semelhantes, mas as circunstâncias do achado não permitem tirar conclusões cronológicas seguras, embora sugiram o séc. II d.C. (8).

Um vaso semelhante, na forma, ao do Fojo das Pombas, posto que de proporções e feitura diversas e com outro tipo de armela, foi encontrado na necrópole de El Palomar de Vellilla (Mocéjon). Também ele não esclarece o problema da cronologia deste tipo de vasos: trata-se de uma «necrópole celta e celtibera utilizada por hispano-romanos e visigodos». O autor designa-o apenas por «vaso hispano-romano» (9).

Restam-nos as indicações fornecidas pelos vasos publicados por Broholm, Boesterd e Eggers, datáveis, respectivamente, do séc. n d.C., provavelmente do séc. n d.C. e do Alto Império, sendo o exemplar mais esquematizado de Eggers do Império Médio. Não podemos, porém, esquecer que a forma dos vasos não tem qualquer

(6) Maria Amélia Horta Pereira, «O dolium cinerário, com skyphos vidrado a verde, da necrópole de Paredes (Alenquer)», neste mesmo volume de *Conimbriga*.

(7) André Piganiol, «Circonscription de Paris, Region Nord», *Gallia*, XXI, (1963), pp. 345-375, fig. 19.

(8) Luís Albuquerque e Castro, «Achados Romanos na Mina do Fojo das Pombas (Valongo), separata dos fase. 3-4 do vol. XV de *Estudos, Notas e Trabalhos do Serviço de Fomento Mineiro*, 1961, Est. III, 6 e 11.

(9) Fernando Jimenez de Gregorio, «Hallazgos arqueológicos en la provincia de Toledo», *Archivo Español de Arqueología*, vol. XXXIV, 1961, fig. 21.

ponto de contacto com os nossos e as ármelas que os acompanham só pela forma geral podem ser comparáveis.

- 1 — As extremidades do travessão possuem duas protuberâncias resultantes de golpes mais fundos e espessamento das molduras. Rosto toscamente modelado. Olhos e boca em relevo. Nariz largo e saliente. Duas molduras oblíquas figuram o bigode que parte das asas do nariz e desce até à coroa. Medidas: alt. total: 71 mm; alt. do olhai: 17mm; comp. do trav.: 77mm; diâm. do esp. :47 mm; alt. do esp.: 46 mm.
Material: Cobre.
Intacta. Olhai ovalizado.
- 2 — Face muito cavada. Olhos salientes com a iris marcada por uma depressão circular. Os lábios são cavados e marcados por traços incisivos verticais irregulares. Molduras da coroa golpeadas.
Medidas: Alt. total: 76 mm; alt. do olhai: 18 mm; compr. do trav. 73 mm; diâm. do esp. 49 mm; alt. do esp.: 49 mm.
Material: Cobre.
Intacta.
- 3 — Protuberâncias muito salientes nas extremidades do travessão. Rosto tratado de modo semelhante ao anterior. Olhos muito salientes com grande iris marcada por depressão circular. Linha de contorno do rosto menos regular e molduras da coroa também golpeadas.
Medidas: Alt. total: 71 mm; alt. do olhai: 19 mm; compr. do trav. 79 mm; diâm. do esp. 43 mm; alt. do esp.: 43 mm.
Material: Bronze.
Intacta. Olhai muito ovalizado.
- 4 — Travessão apenas com uma moldura golpeada irregularmente. Trabalho muito mais grosseiro que nos anteriores. Não existe linha de contorno do rosto. Nariz tosco. Boca marcada apenas por uma linha incisa encurvada para cima, o que dá à face um ar de riso alvar. Dois olhos cavados com indicação da iris e um outro, idêntico e parece que acidental, no centro da testa. Molduras da coroa muito irregulares.
Medidas: Alt. total: 58 mm; alt. do olhai: 18 mm; compr. do trav. 64 mm; diâm. do esp.: 33 mm; alt. do esp.: 33 mm.
Material: Bronze.
Intacta.
- 5 — Trabalho muito grosseiro. Golpes irregulares nas molduras do travessão. Protuberâncias das extremidades muito salientes. Ausência da linha de contorno do rosto. Boca indicada por duas fundas e largas incisões e os olhos por 2 depressões irregulares abertas após a fundição. As caneluras e

molduras da coroa e respectivos golpes longitudinais são irregulares e formam um quadriculado tosco.

Medidas: Alt. total: 80 mm; alt. do olhal: 19 mm; compr. do trav. 73 mm; diâm. do esp.: 53 mm; alt. do esp.: 49 mm.

Material: Bronze.

Intacta.

6 — Consideramos este exemplar uma forma atípica ou degenerada.

O espelho, cordiforme, não é decorado com máscara e apenas apresenta dois sulcos acidentais. A orla é ornamentada por uma série de pequenos traços paralelos incisos.

O travessão é decorado por uma ranhura horizontal e golpeado no sentido transversal por incisões muito profundas.

Medidas: Alt. total: 65 mm; alt. do olhal: 14 mm; compr. do trav.: 60 mm; larg. máxima do esp.: 38 mm; alt. do esp.: 43 mm.

Material: Bronze.

Intacta. Olhal não ovalizado.

(Est. VI, 4).

7 — Fragmento de travessão e olhal pertencentes, muito provavelmente, a uma

armela do tipo I. O travessão não possui molduras, sendo ornamentado apenas por sulcos verticais muito irregulares. Foi rebitado com cravos aquando da sua reutilização.

Medidas: alt. do olhal: 17 mm; compr. aprox. do travessão 80 mm.

Material: Bronze.

8 — Fragmento de travessão e olhal provavelmente duma armela do mesmo tipo.

O travessão, sem molduras, é inteiramente ornamentado por fundos sulcos verticais. Muito mais largo que o habitual, este travessão oferece um perfil em ângulo recto e não em meia-cana como nos anteriores.

Medidas: alt. do olhal: 20 mm; compr. aprox. do travessão: 70 mm.

Material: Bronze.

Tipo II — Est. I, 9 e 10 e Est. II, 1 a 3.

Espelho de forma grosseiramente triangular; olhal; travessão.

O espelho é decorado com um rosto oval saliente emoldurado por barba ou franja recortada e ponteaguda.

a) — Travessão em forma de meia cana ultrapassando a largura do espelho como no tipo I. Máscara grotesca — Est. I, 9 e 10.

b) — Travessão em forma de meia cana, atrofiado, não ultrapassando a largura do espelho. Rosto apático de feições indecisas

— Est. II, 1, 2 e 3. Este tipo é claramente o menos comum em Portugal.

Existe no Museu Machado de Castro, em Coimbra, uma armela de que o nosso exemplar n.º 10 parece ser a esquematização grosseira. O espelho representa um rosto de mulher bem modelado, com uma cabeleira dividida em palas regulares que cobrem a fronte e as orelhas. A aba, em forma de leque, que o emoldura, termina em botão radiado e é ornamentado por uma fiada de pérolas que acompanha a linha do rosto.

Parece-nos, em contrapartida, ser este grupo o que, globalmente, mais se aproxima, nas suas características gerais, das armelas de situlas ou terminais de asas de jarros de bronze comuns em regiões do Império Romano d'além Pirinéus, muitas das quais apresentam rostos apáticos ou simplesmente mal definidos emoldurados por franjas recortadas ou ponteagudas. Vejam-se, como demonstração de tal semelhança, as armelas provenientes de Zugmantel, publicadas por Buttner (10).

Apesar das diferenças que os separam, supomos que outros exemplares publicados por Boesterd, Eggers, Broholm e Maree (11) podem servir também para ilustrar o longínquo parentesco de que falamos.

O único paralelo que conhecemos e que corresponde exactamente aos exemplares n.ºs 1 e 2 da Est. II pertence a um vaso de bronze «de forma esférica, com bordos ligeiramente revirados e fundo cónico» assente sobre um tripé que foi encontrado num buraco de rocha numa colina da comuna de Viols-en Lavai. Segundo Radnoti, consultado pelo autor, este tipo de vaso, frequente em museus catalães, «não tem equivalente na Europa Central e é manifestamente um produto da arte hispânica», bastante tardio. Situar-se-ia nos meados do século ui d.C. (12).

(10) Anita Buttner, «Figürlich verzierte Bronzen vom Kastel Zugmantel», *Saalburg Jahrbuch*, XX, (1962), Est. A, 4 e 9.

(11) Boesterd, *ob. cit.*, Est. XI, 226 a; Eggers, *ob. cit.*, Est. 5, 35 e Est. 7, 64; Broholm, *ob. cit.*, fig. 56 e 75. E. Maree, «Hippona: objects en bronze récemment découverts», *Libyca*, tomo VI, (1958), pp. 163-171.

(12) Jean Claude Molière, René Majurel et Henri Prades, «Dépot d'utensiles en bronze dans une faille de rocher», *Ogam*, XIX (1967), p. 181-188, Est. 68, 1; 69, 3; 70, 4 e 5 e fig. 6.

- 9 — O travessão é ornamentado por uma única moldura limitada superior e inferiormente por uma funda ranhura. Os golpes que a ornamentam são muito mais largos que nos outros exemplares o que dá à peça uma feição original. Rosto tosco de olhos salientes com indicação das arcadas e nariz rectilíneo. Barba estreita e ponteaguda com sulcos idênticos aos do travessão.
Medidas: alt. total: 64 mm; alt. do olhai: 19 mm; compr. do travessão: 51 mm; larg. máx. do esp.: 33 mm; alt. do esp.: 38 mm.
Material: Bronze.
Intacta. Olhai muito ovalizado.

- 10 — Sulcos do travessão muito irregulares. Rosto grosseiramente moldado com vestígios de olhos em relevo e nariz achatado e largo. Duas depressões muito afastadas e ocupando toda a largura do rosto marcam o lugar da boca. A barba ou franja forma uma espécie de leque ao nível dos olhos e estreitece ao longo do rosto terminando em ponta.
Medidas: alt. total: 51 mm; alt. do olhai: 15 mm; compr. do travessão: 57 mm; larg. máx. do esp.: 33 mm; alt. do esp.: 30 mm.
Material: Cobre.
Corroído na extremidade da barba. Olhai ovalizado.

Est. II

- 1 — Olhos em relevo, sem indicação das pupilas mas com as sobrancelhas bem desenhadas. Expressão apática. Nariz largo e pouco saliente. Boca em relevo, mal definida. Rebites em cada um dos recortes superiores da franja e na extremidade desta.
Medidas: alt. total: 82 mm; alt. do olhai: 19 mm; compr. do travessão: 51 mm; larg. máx. do esp.: 57 mm; alt. do esp.: 57 mm.
Material: Bronze.
Intacta. Metal em muito bom estado de conservação.
- 2 — Rosto semelhante ao anterior, mas mais estreito e comprido. Boca em relevo melhor definida. A franja desce em ponta muito abaixo do queixo. Rebites na extremidade desta e nos recortes superiores, muito largos.
Medidas: alt. total: 81 mm; alt. do olhai: 18 mm; compr. do travessão: 36 mm; larg. máx. do esp.: 42 mm; alt. do esp.: 60 mm.
Material: Bronze.
Intacta. Menos bem conservado que o anterior.
- 3 — Travessão ornamentado por duas molduras pouco salientes golpeadas transversalmente por traços incisivos muito superficiais. Os recortes superiores da franja têm duas depressões a que correspondem duas protuberâncias na face posterior do espelho. O rosto, de feitura grosseira, é alongado e termina num queixo ponteagudo. Os olhos, em relevo, não têm as iris marcadas; o nariz é achatado e largo na base.
Medidas: larg. máx. do esp.: 26 mm; alt. do esp.: 30 mm.
Material: Bronze.
Argola e travessão fracturados.

Tipo III —Est. II, 4

Espelho ovalado, prolongado superiormente por urna aba oblíqua trapezoidal; olhal.

O espelho é ornamentado por um rosto barbado.

Pode dizer-se que, neste tipo, o travessão, praticamente inexistente, está funcionalmente representado pela aba. Com efeito, a parte posterior apresenta um ressalto análogo ao escavado em meia-cana, típico das armelas com travessão e que servia para encaixe no bordo do vaso.

A aba é ornamentada.

Em S. Sebastião do Freixo (Batalha) descobriu-se um belo exemplar, cujo rosto é dividido em três triângulos pela linha do nariz e pelos bigodes como no típico grupo IV b) 1 (13).

Conhecem-se em Portugal mais 4 armelas deste tipo, duas das quais, provenientes de Santa Menina (Fundão), têm a aba ornamentada por duas caneluras muito recortadas e acompanhavam uma asa com terminal em cabeça de pato (14).

O único exemplar deste tipo, existente em Conímbriga, possui uma aba mais larga no centro do que nas extremidades, ornamentada por fundos golpes oblíquos, os quatro do meio formando um X, como na armela proveniente de Zugmantel acima referida. O rosto tem apenas a indicação do nariz e alguns traços verticais irregulares e superficiais. A barba, arredondada, emoldura a parte inferior do rosto.

Medidas: alt. total: 62 mm; alt. do olhai: 19 mm; compr. da aba: 42 mm; larg. máx. do esp.: 34 mm; alt. do esp.: 34 mm.

Material: Bronze.

Intacta. Olhai levemente ovalizado.

Tipo IV —Est. II, 5 a 13

Espelho triangular ou ovalado; olhai; ausência de travessão.

O espelho é decorado com um rosto achatado inscrito num polí-

(13) J. M. Bairrão Oleiro e J. Alarcão, «Escavações em S. Sebastião do Freixo (concelho da Batalha)», *Conímbriga*, VIII (1969), pp. 1 ss.

(14) J. Leite de Vasconcelos, «Figuras de bronze antigas do Museu Etnológico Português», *O Archeologo Português*, XXVI (1924), pp. 29-36, fig. 2.

gono (3, 5 e 6 lados) formado pela franja de cabelos sobre a fronte e a barba.

- a) — Máscara de feições realistas (Est. II, 15)
- b) — Máscara de feições esquematizadas
 - 1 — A linha do nariz bifurca em dois bigodes lineares e oblíquos dividindo o rosto em três triângulos (Est. II, 6 a 11)
 - 2 — Boca e bigodes representados por um X (Est. II, 13)

O tipo IV b) 1 ocupa o segundo lugar na lista dos tipos de armela mais frequentes em Portugal. Semelhante ao exemplar n.º 10 existem em Conímbriga três outros quase intactos.

Um exemplar bastante próximo do nosso n.º 8 foi encontrado em Alonso (Huelva) (15). Trata-se de uma armela de rosto muito esquematizado, soldada a restos de um vaso de bronze que possuía uma asa idêntica à de Conímbriga, ornamentada com círculos impressos (Est. V, 1).

Piganiol publicou uma sítula, proveniente de Les Mureaux, de paredes rectilíneas, assente num tripé, com uma armela de espelho triangular já atrás referida (16).

Leglay, por sua vez, apresenta uma armela proveniente de Luc-en-Dioris que figura uma cabeça de Sátiro (17). Ambas possuem as características deste tipo embora sejam muito menos esquematizadas.

A cronologia proposta por Garrido e Orta não nos parece de considerar. Dá-nos apenas o limite *post quem*, aliás muito recuado — século vi a.C. — limite esse que os autores fundamentam numa interpretação bastante discutível da decoração da asa.

Piganiol não indica a cronologia da sítula de Les Mureaux. Diz, porém, que a circunstância dos achados lembra a dum túmulo de incineração de Welshpool datável entre 150 a 200 d.C.. Entretanto, situlas com esta forma foram publicadas por Eggers e Boesterd que

(15) Juan Pedro Garrido y Elena Maria Orta, «Restos de un vaso de bronze achado en Alosno (Huelva)», *Zephyrus*, XVII, (1966), pp. 105-108.

(16) Piganiol, *ob. cit.*, fig. 18.

(17) M. Leglay, «Circonscription de Rhone-Alpes», *Galia*, XXVI, (1968), pp. 559-603, fig. 31.

concordam em datá-las, respectivamente, do Império médio e da segunda metade do século II — primeira metade do século III (18).

Leglay, por sua vez, informa que a armela de Luc-en-Dionis foi encontrada numa construção galo-romana «*étable sans doute au 2.^e*».

- 5 — O cabelo desce sobre a fronte em madeixas ondeadas formando uma espécie de franja. A linha de contorno do rosto é mal definida. Boca e olhos em relevo, estes sem indicação das pupilas, mas com bom desenho das sobrancelhas. Nariz pouco saliente, com base larga. A barba, com sulcos fundos, sobe até às madeixas laterais bem definidas. Duas molduras oblíquas figuram o bigode que vem confundir-se com a barba.
Medidas: alt. total: 64 mm; alt. do olhai: 17 mm; larg. máx. do esp.: 33 mm; alt. do esp.: 43 mm.
Material: Cobre.
Olhai fracturado.
- 6 — O cabelo, figurado por dois sulcos longitudinais fundos e paralelos cobre a fronte e é dividido a meio por uma depressão em forma de gota invertida. Rosto cavado com a linha de contorno muito bem definida. Olhos em relevo com indicação das arcadas supraciliares. Nariz bem modelado, rectilíneo, de base larga. A boca não é desenhada. A barba, de sulcos fundos e muito regulares, emoldura o rosto desde a fronte continuando a linha dos cabelos. Medidas: alt. total: 67 mm; alt. do olhai: 20 mm; larg. máx. do esp.: 38 mm; alt. do esp.: 47 mm.
Material: Cobre.
Intacta: Olhai muito ovalizado.
- 7 — O cabelo é substituído por 2 molduras paralelas sobre a fronte muito baixa. Olhos salientes com a íris marcada por um traço longitudinal. Lábios salientes e bem diferenciados por um traço semelhante ao dos olhos. Nariz recilíneo de base larga. Sulcos e molduras de barba muito regulares. Medidas: alt. total: 65 mm; alt. do olhai: 20 mm; larg. máx. do esp.: 35 mm; alt. do esp.: 45 mm.
Material: Cobre.
Intacta.
- 8 — Molduras paralelas encurvadas sobre a fronte. Rosto toscamente modelado e com linha de contorno menos regular. Os olhos não estão representados e o nariz é largo e achatado. A barba sobe até às molduras da fronte e é arredondada na extremidade.

(18) Eggers, *ob. cit.*, Est. 5, 35 e 36; Boesterd, *ob. cit.*, Est. VI, 153.

Medidas: alt. total: 64 mm; alt. do olhal: 21 mm; larg. máx. do esp.: 31 mm; altura do esp.: 45 mm.

Metal: Cobre.

Intacta. Olhal muito ovalizado.

- 9 — Espelho de forma triangular muito acentuada. Molduras sobre a frente semelhantes às do exemplar anterior.

Os sulcos e molduras da barba invadem quase toda a superfície do espelho reservada ao rosto que neste caso apresenta apenas uma pequena saliência no lugar do nariz.

Medidas: alt. total: 50 mm; alt. do olhal: 17 mm; larg. máx. do esp.: 31 mm; alt. do esp.: 33 mm.

Material: Cobre.

Intacta. Olhal muito ovalizado.

- 10 — O espelho é facetado e as arestas quase rectilíneas, o que acentua a sua forma triangular. Rosto de frente muito baixa ocupada por 2 molduras finas, paralelas e golpeadas. A linha de contorno do rosto é prejudicada pelo desenho da barba de molduras também golpeadas, que desce muito abaixo do queixo e termina em ponta aguçada. Nariz achatado na base. Boca apenas indicada por um pequeno traço inciso.

Material: Bronze.

Intacta. Olhal não ovalizado. Conserva o gito (Est. VI, 2).

- 11 — Armela muito pequena de espelho triangular representando um rosto barbado, aparentemente menos estilizado que o anterior. As dimensões da armela e as imperfeições do trabalho não permitem perceber com clareza as feições de que se nota apenas o olho esquerdo em relevo, o nariz e o bigode que vem confundir-se com a barba como nos exemplares anteriores. Todo o lado direito do rosto está deformado por defeito do molde.

Medidas: alt. total aprox.: 35 mm; larg. máx. do esp.: 16 mm; alt. do esp.: 20 mm.

Material: Bronze.

Olhal fracturado.

- 12 — Armela minúscula de espelho triangular, provavelmente semelhante à anterior. Não é possível definir-lhe as feições. Pelas dimensões esta armela só podia ter pertencido a um brinquedo.

Medidas: alt. total: 16 mm; larg. máx. do esp.: 9 mm.

Material: Bronze.

Olhal fracturado.

- 13 — Duas molduras paralelas sobre a frente. A linha de contorno do rosto não está marcada. Olhal muito grande.

Medidas: alt. total: 51 mm; alt. do olhal: 20 mm; alt. do esp.: 30 mm.

Metal: Cobre.

Intacta. Olhal muito ovalizado.

ARMELAS NAO FIGURATIVAS

Começamos por distinguir os seguintes grupos, alicerçados em considerações de ordem tecnológica que nos parecem muito importantes:

- A. Armelas fundidas e soldadas (Est. III, 1 a 11)
- B Armelas fundidas e rebitadas (Est. III, 12 a 14)
- C. Armelas cortadas em folha de metal (Est. III, 15 a 21)

No primeiro grupo podemos distinguir seis tipos:

- I. Espelho triangular, com a face anterior facetada, terminando em botão radiado. Travessão formado por molduras. Olhal. (Est. III, 1 a 3).
- II. Espelho triangular alongado com terminal revirado. Travessão formado por urna moldura (Est. III, 4 a 5).
- III. Espelho triangular alongado com a ponía revirada como o anterior. Travessão substituído por um ressalto (Est. III, 6).
- IV. Espelho liso com a forma aproximada dum losango (Est. III, 7 e 8).
- V. Espelho cordiforme; argola muito inclinada determinando um perfil em aspa (Est. III, 9).
- VI. Espelho dividido em duas zonas distintas: a superior em forma de dois hemiciclos, a inferior em lingueta com a ponta revirada (Est. III, 10 e 11).

No grupo B incluímos três ármelas muito diferentes, quer pela forma, quer pelo tipo de vasos que pressupõem.

O grupo C é constituído por 3 tipos afins:

Tipo I — Espelhos de forma variada com extremidade ponteaguda (Est. III, 15 a 19).

Tipo II — Espelho triangular com o vértice inferior alongado em forma de botão. Travessão substituído por um colo (Est. III, 20).

Tipo III — Espelho rectangular. Ausência de distinção entre o olhai e o espelho (Est. III, 21).

Em Portugal conhecemos mais quatro ármelas do tipo A I, urna das quais, proveniente da mina do Fojo das Pombas, pertence a urna situla de cobre de paredes rectilínias e levemente oblíquas com fundo

em forma de calote esférica; paredes e fundo são unidos entre si por meio de cravos de cobre. A sítula, de bordo revirado para fora, assentava sobre três pés soldados (19).

Este mesmo vaso possuía uma outra armela rebitada, de espelho rectangular como o nosso exemplar n.º 13, mas que difere dele pela posição dos rebites e presença de ressalto junto do olhal.

Nas publicações estrangeiras que pudemos consultar só encontramos paralelos próximos dos tipos C, I 1 de extremidade e ressalto junto do olhal (Est. III, 15), dos tipos II e III das ármelas fundidas e rebitadas (Est. III, 13 e 14) e do tipo III das ármelas cortadas em folhas de metal (Est. III, 20).

O primeiro pertence ao vaso já citado, publicado por Jimenez Gregorio. É de salientar que a forma e a técnica de construção deste vaso (chapas unidas por cravos) são características das situlas comuns em Portugal.

Eggers publicou uma sítula com bordo alto e rectilínio e parede encurvada que possui uma armela rebitada sobre o bordo igual ao nosso exemplar n.º 13(20).

Três armelas em forma de colchete, semelhantes às de Conímbriga (Est. III, 14), provenientes de Camulodunum e Straubing-Sorviodurum foram publicadas, respectivamente, por Hawkes — Hull e Walke (21).

Eggers publicou também várias armelas deste tipo pertencentes a situlas de paredes encurvadas e bordo revirado para fora — *Ostlandtyp* (22).

Favière publicou, por sua vez, uma sítula cuja parede encurvada, feita de chapas unidas por cravos, possui duas armelas em forma de colchete rebitadas no ombro da parede e não na superfície do bordo como nas anteriores (23).

(19) Albuquerque e Castro, *art. cit.*, Est. III, 8 e 13.

(20) Eggers, *ob. cit.*, Est. A, 20.

(21) C. F. G. Hawkes and M. R. Hull, *Camulodunum, First Report on the Excavations at Colchester* (1930-1939), Reports of the Research Committee of the Society of Antiquaries of London, Est. C, 14 e 15; Norbert Walk, *Das Romische Donaukastell Straubing-Sorviodurum*, 1965, Est. 135, 13.

(22) Eggers, *ob. cit.*, Est. 37, 38, 39.

(23) Jean Favière, «Un tertre funéraire protohistorique à Saint-Denis-de-Palin (Cher)», *Gallia*, XXII, pp. 222-247, fig. 34-36.

O paralelo que aproximamos do nosso n.º 20 é publicado por Boesterd e pertence provavelmente, segundo a autora, à sítula de paredes côncavas a que já nos referimos (24).

Quanto a cronologia, apenas podemos datar com segurança as ármelas rebitadas dos tipos II e III como sendo do século I d.C., por comparação com os paralelos publicados por Hawkes e Eggers, todos deste século.

Jimenez Gregorio não fornece qualquer indicação cronológica sobre o vaso que possui armelas semelhantes ao nosso tipo C, I 1 de extremidade lisa e ressalto junto do olhai. Eggers, porém, publicou vasos do tipo *Vaergegaard* e *Hemmer*, ambos do Império médio, possuidores de armelas que, embora diferentes das de Conimbriga, são também de espelho triangular, extremidade lisa e soldadas (25).

O vaso referido por Boesterd com armela semelhante ao nosso n.º 20, pertence provavelmente a uma sítula dos meados do século I, princípios do século II d.C..

A, Tipo I — Est. III

- 1 — Espelho triangular com a face anterior facetada terminando em botão ornamentado de sulcos radiais e encimado por um pequeno travessão com duas molduras, o qual acompanha o facetado do espelho. Olhai pequeno.
Medidas: alt. total: 55 mm; alt. do olhai: 19 mm; larg. do esp.: 27 mm.
Material: Bronze.
Intacto. Olhai levemente ovalizado.

- 2 — Espelho triangular com a face anterior ligeiramente facetada sugerindo a forma do exemplar anterior. Extremidade apenas engrossada. Travessão com duas molduras. Olhai muito pequeno.
Medidas: alt. total: 40 mm; alt. do olhai: 16 mm; larg. máx. do esp.: 23 mm.
Material: Bronze.
Intacto.

- 3 — Semelhante ao anterior, mas de feitura muito grosseira.
Medidas: alt. total: 52 mm; alt. do olhai: 13 mm; larg. máx. do esp.: 23 mm.
Material: Bronze.
Intacto.

(24) Boesterd, *ob. cit.*, Est. VI, 154.

(25) Eggers, *ob. cit.*, Est. 5, 36 e Est. 7, 65.

Tipo II — Est. III

- 4 — Espelho triangular encimado por uma moldura saliente e terminando em ponta revirada. Olhai muito grande.
Medidas: alt. total: 45 mm; alt. do olhai: 15 mm; larg. máx. do esp.: 16 mm.
Material: Bronze.
Intacto. Olhai muito ovalizado.
- 5 — Semelhante ao anterior. O centro e a extremidade do espelho são decorados por depressões abertas com ponteira.
Medidas: alt. total: 45 mm; alt. do olhai: 11 mm; larg. máx. do esp.: 16 mm.
Material: Bronze.
Intacto. Nenhum trabalho de lima.

Tipo III — Est. III

- 6 — Espelho triangular estreito e alongado com uma grande ressalto junto do olhai de suspensão onde forma uma espécie de plataforma. A extremidade do espelho termina em ponta revirada.
Medidas: alt. total: 50 mm; alt. do olhai: 11 mm; larg. máx. do esp.: 13 mm.
Material: Bronze.
Intacto.

Tipo IV — Est. III

- 7 — Espelho em forma de losango alongado, com pequeno ressalto. Olhai pequeno.
Medidas: alt. total: 36 mm; alt. do olhai: 13 mm; larg. máx. do esp.: 15 mm.
Material: Bronze.
Intacto. Olhai muito ovalizado.
- 8 — Espelho em forma de losango com pequeno ressalto. Olhai grande.
Medidas: alt. total: 30 mm; alt. do olhai: 10 mm; larg. máx. do esp.: 11 mm.
Material: Bronze.
Intacto.

Tipo V — Est. III

- 9 — Espelho cordiforme, seguindo-se imediatamente ao olhai, muito grande e inclinado para a frente.
Medidas: alt. total: 19 mm; alt. do olhai: 12 mm; larg. máx. esp.: 11 mm.
Material: Bronze.
Intacto. Presença do gito.

Tipo VI — Est. III

- 10 — A parte superior do espelho tem a forma de dois hemiciclos frontais e é rematada inferiormente por uma lingueta com a ponta revirada. O olhai, muito grande, une-se ao espelho por um pequeno ressalto.

Medidas: alt. total: 39 mm; alt. do olhal: 16 mm; larg. máx. do esp.: 21 mm.
Material: Bronze.
Intacto. Olhal muito ovalizado.

- 11—Parece uma simplificação, se não mesmo uma peça falhada do mesmo tipo.
Medidas: alt. total: 48 mm; alt. do olhal: 16 mm; larg. máx. do esp.: 25 mm.
Material: Bronze.
Intacto. Não mostra qualquer trabalho de lima. Gito apenas aparado.

B, Tipo I — Est. III

- 12—Espelho trapezoidal mais largo no lado inferior que é levemente côncavo.
Superiormente, os lados do trapézio afastam-se formando duas ombreiras que funcionam como travessão. Na linha mediana apresenta três furos a distâncias regulares, para colocação dos rebites.
Medidas: alt; total: 103 mm; alt. do olhal: 25 mm; larg. máx. do esp.: 68 mm.
Material: Bronze.
Intacto. Trabalho cru, limado apenas o olhal.

Tipo II — Est. III

- 13— Fragmento de armela constituído por olhal muito recuado e placa rectangular com dois rebites na parte superior.
Medidas: alt. do olhal: 18 mm; larg. do esp.: 33 mm.
Material: Bronze.
Intacto.

Tipo III — Est. III

- 14— Armela em colchete com as extremidades em forma de losango.
Medidas: alt.: 37 mm; larg.: 67 mm.
Material: Bronze
Intacto. Não mostra qualquer trabalho de lima.

C, Tipo I — Est. III

- 15—Espelho em forma aproximada de losango. Leve ressalto junto do olhal muito pequeno.
Medidas: alt. total: 45 mm; alt. do olhal: 15 mm; larg. máx. do esp.: 13 mm.
Material: Cobre.
Intacta.
- 16— Espelho triangular; ressalto muito pronunciado. Olhal muito pequeno.
Medidas: alt. total: 36 mm; alt. do olhal: 13 mm; larg. máx. do esp.: 15 mm.
Material: Bronze.
Intacto. Olhal muito ovalizado.

- 17 — Espelho triangular. Ressalto pouco inclinado. Olhai grande.
Medidas: alt. total: 32 mm; alt. do olhai: 13 mm; larg. máx. do esp.: 14 mm.
Material: Bronze.
Olhai fragmentado.
- 18 — Espelho cordiforme, seguindo-se imediatamente ao olhai. Muito pequeno.
Medidas: alt. total: 30 mm; alt. do olhai: 15 mm; larg. máx. do esp.: 12 mm.
Material: Bronze.
- 19— Espelho triangular, com leve ressaltado junto do olhai.
Medidas: alt. total: 25 mm; alt. do olhai: 10 mm; larg. máx. do esp.: 13 mm.
Material: Cobre.
Intacto.

Tipo II — Est. III

- 20 — Espelho triangular, com o vértice inferior alongado terminando em botão.
Travessão substituído por um estreito colo.
Medidas: alt. máx.: 34 mm; alt. do olhai: 12 mm; larg. máx. do esp.: 13 mm.
Material: Bronze.
Intacto. Olhai levemente ovalizado.

Tipo III — Est. III

- 21 — Armela reduzida a uma simples placa rectangular flectida e vazada para formar o olhai.
Medidas: alt. total: 22 mm; larg. do esp.: 12 mm.
Material: Chumbo?
Intacto. Rebitado sobre outro do mesmo tipo, quando da sua reutilização.

ASAS.

Reunimos as asas em dois grandes grupos:

A — Mais numeroso, constituído pelas asas cortadas duma folha de metal (Est. IV, 1 a 14). *B* — Formado pelas asas fundidas (Est. V, 1 a 6). Em ambos os grupos distinguimos apenas dois tipos de asas:

Tipo I — Terminal em cabeça de pato, diversamente estilizada; lisa ou decorada.

Tipo II — Terminal em ponta mais ou menos aguçada; lisa, decorada ou enrolada em espiral.

Estes tipos de asa são muito vulgares. Existem vários fragmentos

em Conímbriga e conhecem-se outros exemplares em Portugal (26). Em Santa Menina (Fundão) foi encontrada uma asa cujas terminais são idênticas a uma de Conímbriga (Est. V, 5). A asa do Fundão conserva duas ármelas já referidas (27).

O vaso encontrado na necrópole de El Palomar de Velilla, que tinha uma armela semelhante à nossa da Est. III, 15, possuía uma asa lisa do tipo I (28).

São também do mesmo tipo a asa pertencente à sítula de Les Mureaux publicada por Piganiol e uma outra referida por Fremersdorf (29).

Fouet publicou também uma asa proveniente de Montmaurin (30) que julgamos semelhante ao exemplar de Conímbriga (Est. IV, 2).

Em Straubing-Sorviodurum apareceram várias asas de extremidade aguçada (31). Uma asa semelhante à nossa dobrada em espiral (Est. IV, 12) é publicada por Stumpel (32).

Muito semelhante ao nosso exemplar decorado com círculos impressos (Est. V, 1) é a asa que acompanhava o mascarão de espelho triangular a que já fizemos referência, publicada por Garrido e Elena M. Orta (33).

A sítula do Museu Calvet d'Avignon publicada por Rolland (34) possui uma asa que aproximamos dum exemplar de Conímbriga (Est. V, 2) pelo seu aspecto rígido e presença dum olhai no ponto onde a asa de Conímbriga possui uma protuberância em forma de botão. A asa da sítula do Museu Calvet termina em cabeça de pato e assemelha-se, pelas duas saliências do corpo da asa, a uma outra publicada por Broholm (35).

(26) Gustavo Marques, «O poço da estação romana da Torre dos Namorados (Fundão)», *Conímbriga*, VIII (1969), pp. 65 ss., Est. V; J. Alarcão e A. Alarcão, «O espólio da necrópole luso-romana de Valdoca», *Conímbriga*, V (1966), Sepultura 250.

(27) J. Leite de Vasconcelos, *art. cit.*, p. 31, fig. 2.

(28) Jimenez de Gregorio, *art. cit.*

(29) A. Piganiol, *art. cit.* Fritz Fremersdorf, *Der Römische Gutshof Koln Mungersdorf*, 1933, Est. 36, 3.

(30) G. Fouet, *La villa gallo-romaine de Montmaurin*, 1969, Est. LXIII.

(31) Norbert Walk, *ob. cit.*, Est. 135.

(32) Bernhard Stumpel, «Bericht des Landesdieistes für Vor und Frugeschichte im regbez», *Mainzer Zeitschrift*, 59 (1964), Est. 53.

(33) Juan Pedro Garrido y Elena Maria Orta, *ob. cit.*

(34) H. Rolland, *ob. cit.*

(35) H. C. Broholm, *ob. cit.*, fig. 67.

Tal como acontece com os elementos de situlas de Conímbriga, também para as asas não possuímos dados cronológicos seguros.

Supomos, pelas informações colhidas nalguns dos autores citados, que estes tipos de asas tiveram uma larga difusão no tempo e no espaço.

A situla publicada por Molière que referimos a propósito da armela n.º 1 da Est. II, datada por Radnoti como dos meados do século ni possui uma asa de um destes tipos e é decorada por punção, segundo nos parece.

Piganiol sugere, como já vimos, os fins do século neo inicio do século ni, para data dos achados de Les Mureaux, cuja situla tem uma forma corrente entre a 2.^a metade do século n e os meados do século m.

A asa dobrada em espiral publicada por Stumpel pertence a urna situla do tipo Vestland que Bóesterd considera, sob reserva, do inicio do século iv. Esta autora publicou uma asa proveniente de Nijmegen com terminal em cabeça de pato que pertence, provàvelmente, a uma situla do tipo Hemmor cuja cronologia se estende, segundo vários autores, dos meados do século n a meados do século iv. E a autora acrescenta que asas com idênticas terminais, mas de factura mais cuidada, foram usadas em tempos pré-romanos (36).

A, Tipo I — Est. IV

- 1 — Cabeça de pato de bico alongado, estilizada. A parte central do corpo da asa é ornamentada por depressões rectangulares obtidas por martelagem.
Medidas: abertura da asa: 220 mm.
Material: Bronze.
Intacta.
- 2 — Semelhante à anterior. As extremidades representam também, muito provàvelmente, cabeças de pato. Vestígios de decoração idêntica à do número anterior no corpo da asa.
Medidas: abertura da asa: 205 mm.
Material: Bronze.
- 3 — Cabeça de pato menos estilizada e bico menos alongado e grosso que no n.º 1. Ambas as faces do corpo da asa são ornamentadas com uma fiada de pequenos quadrados escavados, com as diagonais em relevo. Esta ornamentação, obtida

(36) Boesterd, *ob. cit.*, Est. VI, 151.

por punção, é interrompida na parte recurvada da asa. Um quadrado idêntico foi impresso no lugar dos olhos do pato.

Medidas: abertura aproximada da asa: 220 mm.

Material: Bronze.

Fracturada numa das extremidades. Corroída na outra.

- 13 — Semelhante às anteriores, mas de muito menores dimensões. Não tem decoração. Uma das terminais representa uma cabeça de pato estilizada, a outra tem uma forma menos definida como no caso do exemplar n.º 2.

Medidas: Abertura da asa: 70 mm.

Material: Cobre.

Intacta.

- 4 — Esta asa é muito mais larga e a cabeça de pato, de bico alongado, é muito mais estilizada que as anteriores. Sem decoração.

Medidas: abertura aprox. da asa: 300 mm.

Material: Cobre.

Fracturada.

- 5 — Terminal de asa em forma de cabeça de pato com bico alongado.

Medidas: compr.: 40 mm.

Material: Bronze.

- 6 — Terminal de asa semelhante à anterior.

Medidas: compr.: 40 mm.

Material: Cobre.

- 7 — Terminal de asa semelhante às anteriores.

Medidas: compr.: 35 mm.

Material: Cobre.

- 8 — Terminal de asa semelhante às anteriores.

Medidas: compr.: 40 mm.

Material: Bronze.

- 9 — Terminal de asa em forma de cabeça de pato de bico curto e engrossado.

Medidas: compr.: 40 mm.

Material: Cobre.

Tipo II — Est. IV

- 10 — Uma das faces do corpo da asa é ornamentada por depressões rectangulares obtidas por martelagem.

Medidas: abertura aprox. da asa: 220 mm.

Material: Bronze.

Fracturada.

- 14 — Semelhante à anterior embora mais estreita e de menores dimensões.
Não tem decoração.
Medidas: abertura aprox.: 100 mm.
Material: Cobre.
Fracturada.
- 11 — As extremidades são muito estreitas, relativamente à largura da asa, e muito aguçadas. O corpo da asa é decorado por uma fiada de pequenos orifícios circulares.
Medidas: abertura aprox.: 120 mm.
Material: Bronze.
Fracturada.
- 12 — Asa torcida em espiral com as extremidades encurvadas terminando em ponta simples.
Medidas: abertura aprox.: 140 mm.
Material: Bronze.
Fracturada.

B, Tipo I — Est. V

- 1 — Asa de secção quadrada com os três lados externos decorados por estampagem com pequenos círculos cujo centro é marcado por uma funda depressão circular. Círculos idênticos indicam o lugar dos olhos nas cabeças de pato das terminais. As duas faces da cabeça são decoradas por depressões circulares idênticas às inclusas nos círculos.
A face superior desde o alto da cabeça até ao bico, apresenta uma decoração em espinha cujos traços foram gravados com um cinzel de ponta em V.
Medidas: abertura aprox.: 155 mm.
Material: Cobre?
Fragmentada.
- 2 — Extremidades muito provavelmente em forma de cabeça de pato.
No centro da asa um pequeno botão.
Medidas: abertura aprox.: 220 mm.
Material: Bronze.
Fracturada.
- 3 — Terminal em forma de cabeça de pato lisa, de bico alongado.
Medidas: compr. 60 mm.
Material: Bronze.
- 4 — Terminal em forma de cabeça de pato com bico alongado. Os olhos são indicados por dois pequenos círculos concêntricos.
Medidas: compr. 65 mm.
Material: Bronze?

- 5 — Terminal de asa semelhante à anterior com a extremidade do bico fendida. Os olhos não estão indicados e a cabeça é ornamentada por dois sulcos oblíquos formando ângulo. Numa das faces, além destes dois sulcos, existem dois traços incisos: um presente no molde, e outro aberto após a fundição por meio de um cinzel de ponta romba.
Medidas: compr.: 60 mm.
Material: Bronze.
- 6 — Terminal de asa em forma de cabeça de pato muito estilizada. Semelhante à do n.º 4 da Est. IV.
Medidas: compr. aprox.: 57 mm.
Material: Bronze.

PÉS

Os exemplares de pés de vasos de bronze existentes em Conímbriga pertencem, na sua maioria, a tipos conhecidos datáveis do século I d.C..

Com excepção do pé de chumbo, todos os outros conservam vestígios de solda. Não era prática, de facto, a utilização destes pés se não fossem soldados aos vasos que deviam suportar. Apenas o nosso tipo VI (Est. V, 14) tem uma forma que lhe permitiria poder funcionar como suporte isolado.

Não nos parece, por isso, aceitável a explicação dada por Hatt para os orifícios existentes em pés provenientes de Gergovie, Mahdia e da colecção Chopard idênticos, na forma, ao nosso tipo II (Est. V, 9 e 10):

«Les deux trous servaient vraisemblablement à loger les doigts pour pouvoir donner aux supports les positions appropriées». Partindo desta hipótese Hatt interpreta as marcas encontradas sobre os pés de Gergovie e da colecção de Chopard como destinando-se a «éviter les tâtonnements en permettant de grouper chaque lot de supports avec le vase de diamètre correspondant» (37).

Esta interpretação implica, como se vê, o reconhecimento da dificuldade na utilização destes suportes não soldados.

Admitir que tais orifícios permitiam uma economia de metal, sem prejuízo da estabilidade, parece-nos uma explicação mais simples e razoável.

(37) Jean-Jacques Hatt, «Les fouilles de Gergovie (1943-1944)», *Gallia*, V (1947), fig. 4 e 6 e pág. 286.

Em Portugal existem alguns exemplares em forma de peita (o nosso tipo I) e de coroa circular com extremidades chanfradas (nosso tipo II) (38).

Os pés em forma de peita que conhecemos, fora de Portugal, são, por vezes, mais recortados que os de Conímbriga e todos da 1.^a metade do século i d.C..

Ulbert publicou dois exemplares, provenientes de Aislinger com as extremidades bipartidas como o de Conímbriga, datáveis da primeira metade do século I (39).

O pé publicado por Krämer, proveniente de Cambodunum, tem os três traços bipartidos e o autor data-o do primeiro terço do século i d.C. (40).

Hawkes e Hull publicaram dois pés em forma de peita com as extremidades tripartidas, provenientes de Camulodnum, que interpretaram como possíveis «scabbard-fitting ornaments», datáveis de 10 a 60 d.C. (41). Este último e um outro exemplar de Aislinger (42), pela forma em peita muito recortada e braços unidos e ainda pelas dimensões, são idênticos ao exemplar de Conímbriga (Est. V, 13).

Bushe-Fox apresenta um pé idêntico ao nosso exemplar 8, proveniente de Richborough (43).

Além dos exemplares publicados por Hatt, já referidos, conhecemos outros paralelos para o nosso tipo II. (Est. V, 9 e 10).

Assim Ulbert publicou um pé proveniente de Risstissen idêntico ao nosso n.º 9 (44).

Outros pés deste tipo, com orifícios circulares, quadrados ou em forma de peita foram também publicados por Hatt, Fouet e Boesterd. As indicações cronológicas fornecidas por estes autores permitem-nos datá-los do século i: Hatt informa que o exemplar de Gergovie apareceu

(38) Gustavo Marques, *art. cit.*

(39) Gunter Ulbert, *Der Römische Donau-Kastelle Aislinger und Burghof*, Berlin, 1959, Est. 23, 14 e 15.

(40) Werner Kramer, *Cambodunum Forschungen*, 1953, I, Est. 17, 19.

(41) Hawkes, *ob. cit.*, Est. CIII, 31 e 32.

(42) Gunter Ulbert, *ob. cit.*, Est. 23, 13.

(43) J. P. Bushe-Fox, *Third Report on the Excavations of the Roman Fort at Richborough, Kent*, Reports of Research Committee of the Society of Antiquaries of London, 1923, Est. XII, fig. 1, 37.

(44) Gunter Ulbert, *ob. cit.*, Est. 64, 7.

numa camada datável do reinado de Augusto-Tibério. O pé publicado por Fouet provém da vila galo-romana de Montmaurin. Segundo o autor a implantação da I^a vila urbana é dos meados do século i e teria sido praticamente abandonada na 2.^a metade do século iv (45). Boesterd refere também que os pés da Colecção do Rijksmuseum pertencem, segundo Willers, a vasos dos princípios do século i. E acrescenta que pés semelhantes aparecem em vasos dos fins do mesmo século (46).

Dois pés semelhantes ao nosso III tipo (Est. V, 11), provenientes de Cambodunum e Burghofe, também do século i, foram publicados respectivamente por Kramer e Ulbert (47).

Tipo I — Est. V

- 7 — Pé em forma de peita com as extremidades bipartidas.

Medidas: compr. 66 mm; larg. 15 mm; alt.: 8 mm.

Material: Bronze.

Intacto.

- 8 — Pé em forma de peita muito aberta com as extremidades bipartidas.

Medidas: compr. 70 mm; larg. 14 mm; alt. 6 mm.

Material: Bronze.

Intacto.

Tipo II — Est. V

- 9 — Pé em forma de coroa circular com as extremidades chanfradas.

Medidas: compr.: 53 mm; larg.: 17 mm; alt.: 10 mm.

Material: Bronze.

Intacto.

- 10 — Pé idêntico ao anterior decorado com um feixe de 3 traços incisivos oblíquos nas extremidades e um vertical a meio.

Medidas: compr.: 50 mm.; larg. 18 mm.; alt.: 9 mm.

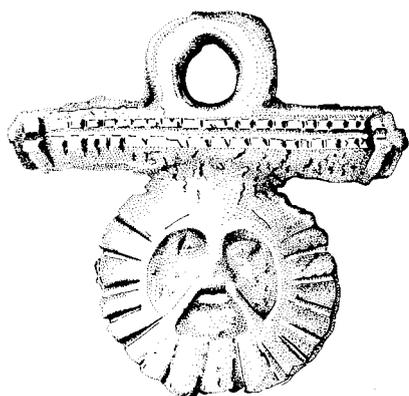
Material: Bronze.

Intacto.

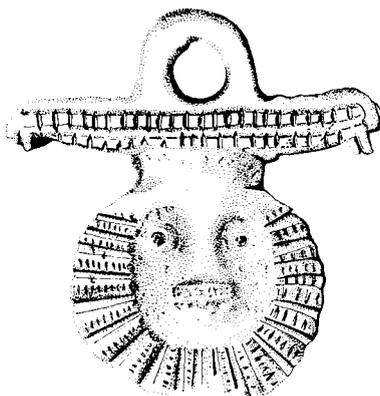
(45) G. Fouet, *ob. cit.*

(46) Boesterd, *ob. cit.*, Est. V, 113 e 114 e Gustavo Marques, *art. cit.*

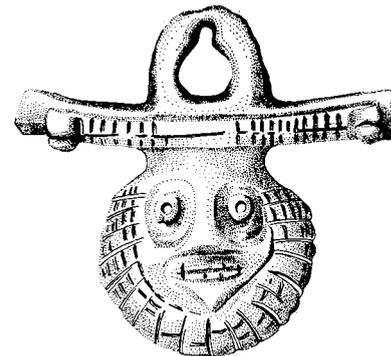
(47) Kramer, *ob. cit.*, Est. 17, 20 e 21; Gunter Ulbert, *ob. cit.*, Est. 52, 10 e 11.



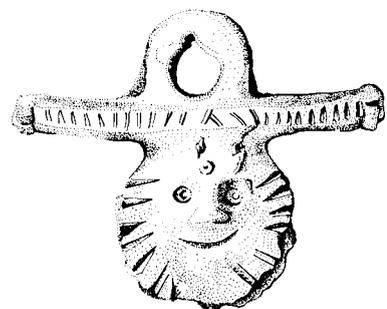
1



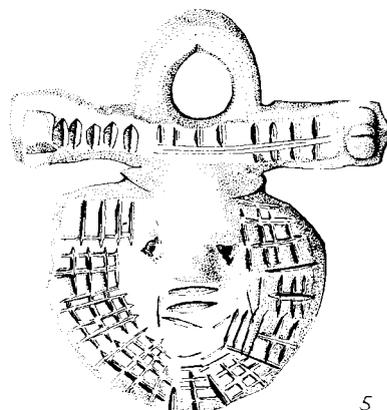
2



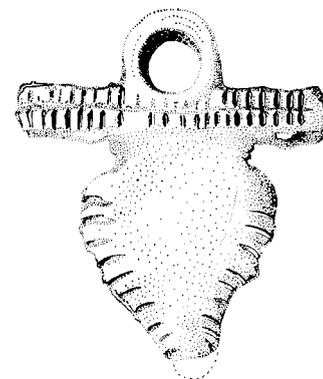
3



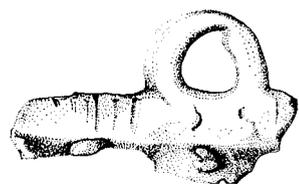
4



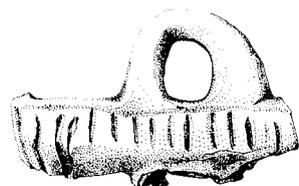
5



6



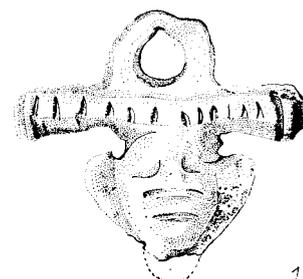
7



8

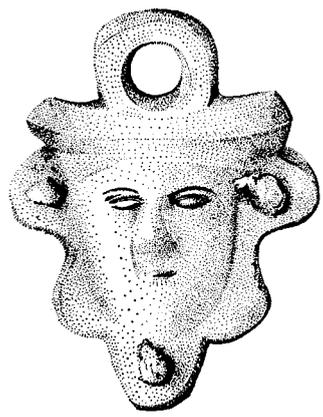


9



10

(Página deixada propositadamente em branco)



1



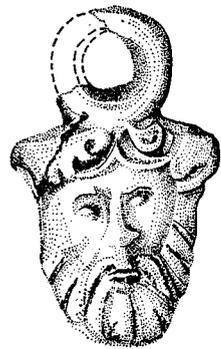
2



3



4



5



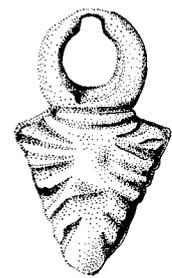
6



7



8



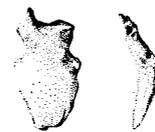
9



10



11



12

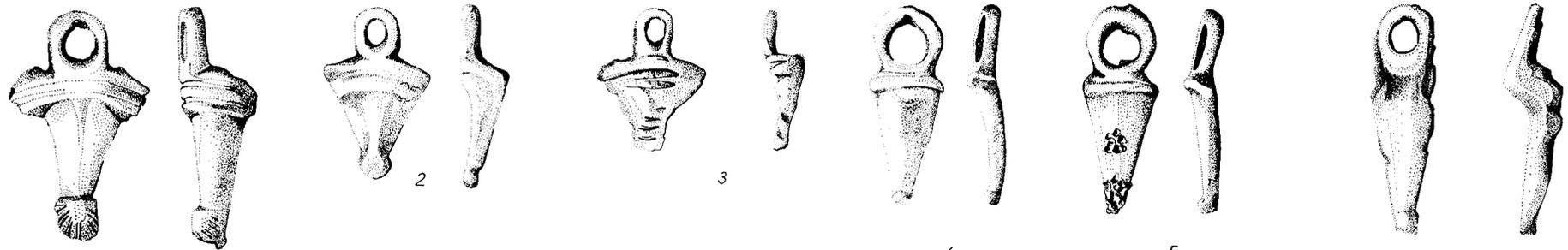


13



Escala 2 : 3 (com excepção do 11, a 2 : 1 e 12, a 1 : 1)

(Página deixada propositadamente em branco)



1

2

3

4

5

6



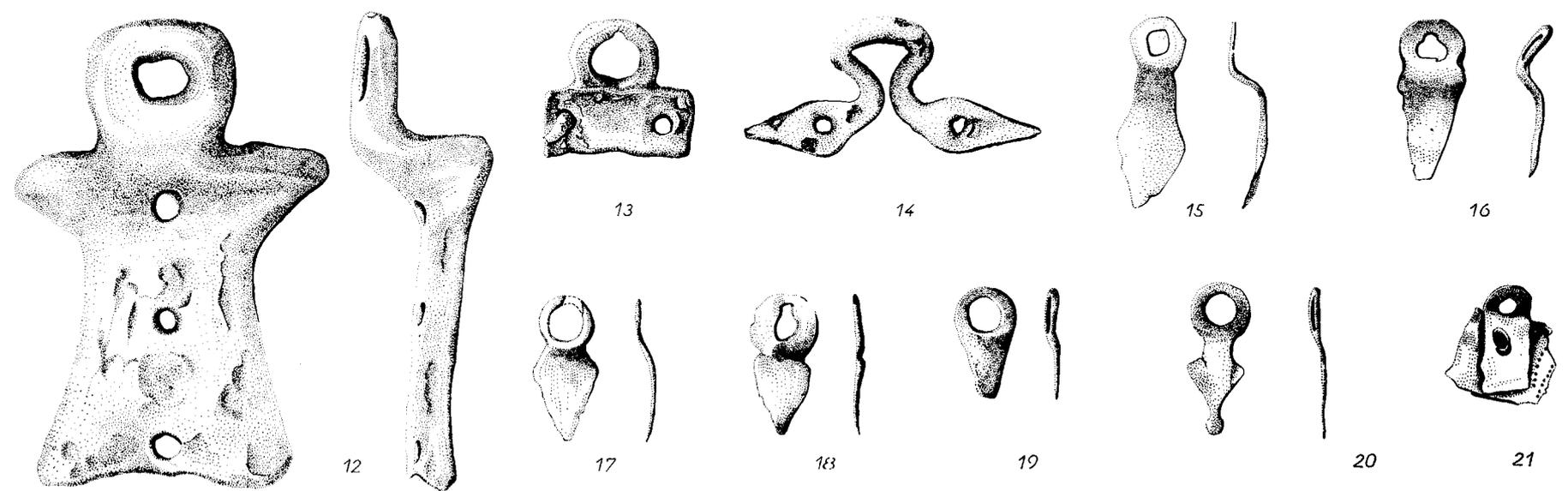
7

8

9

10

11



13

14

15

16

12

17

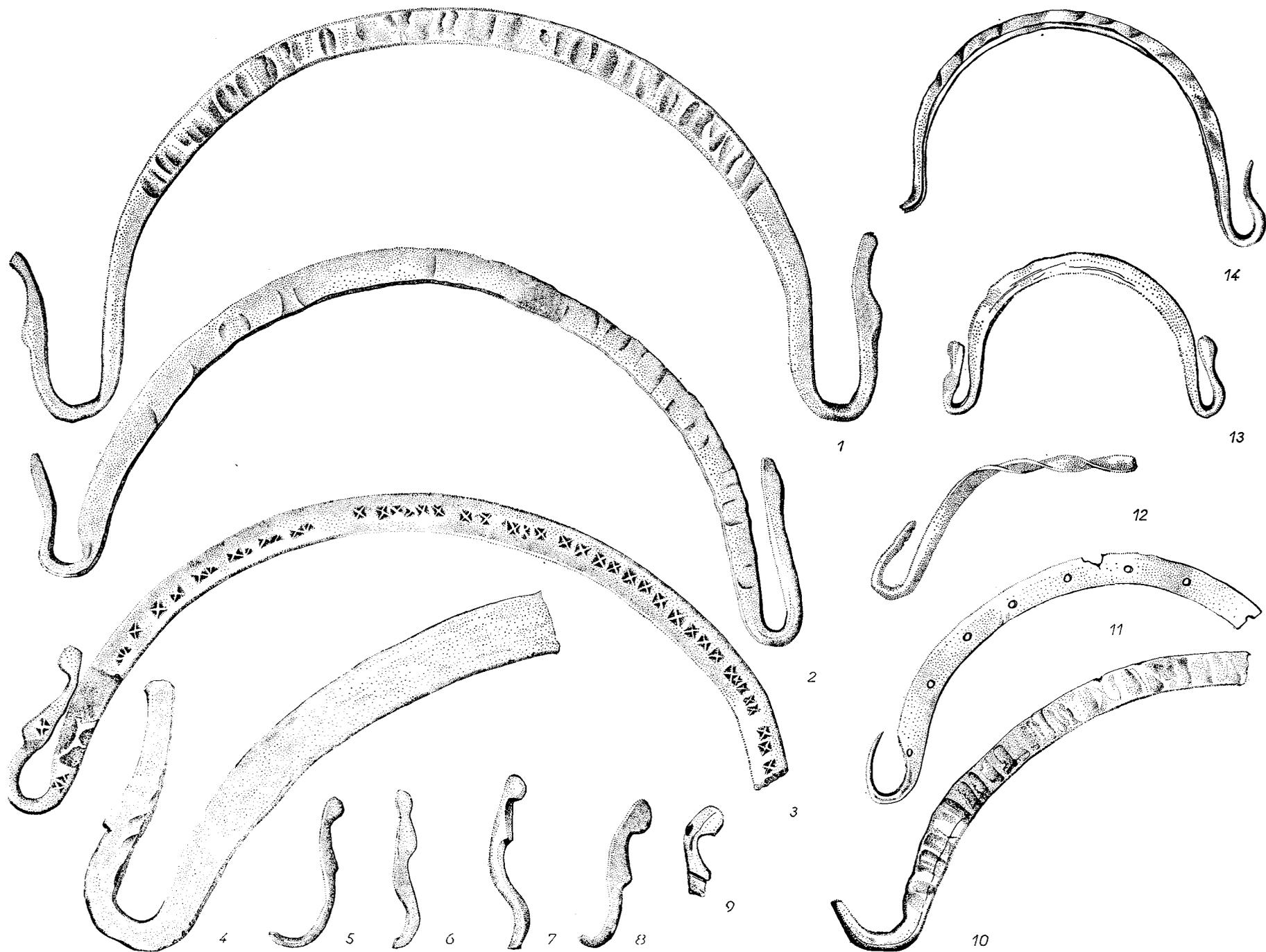
18

19

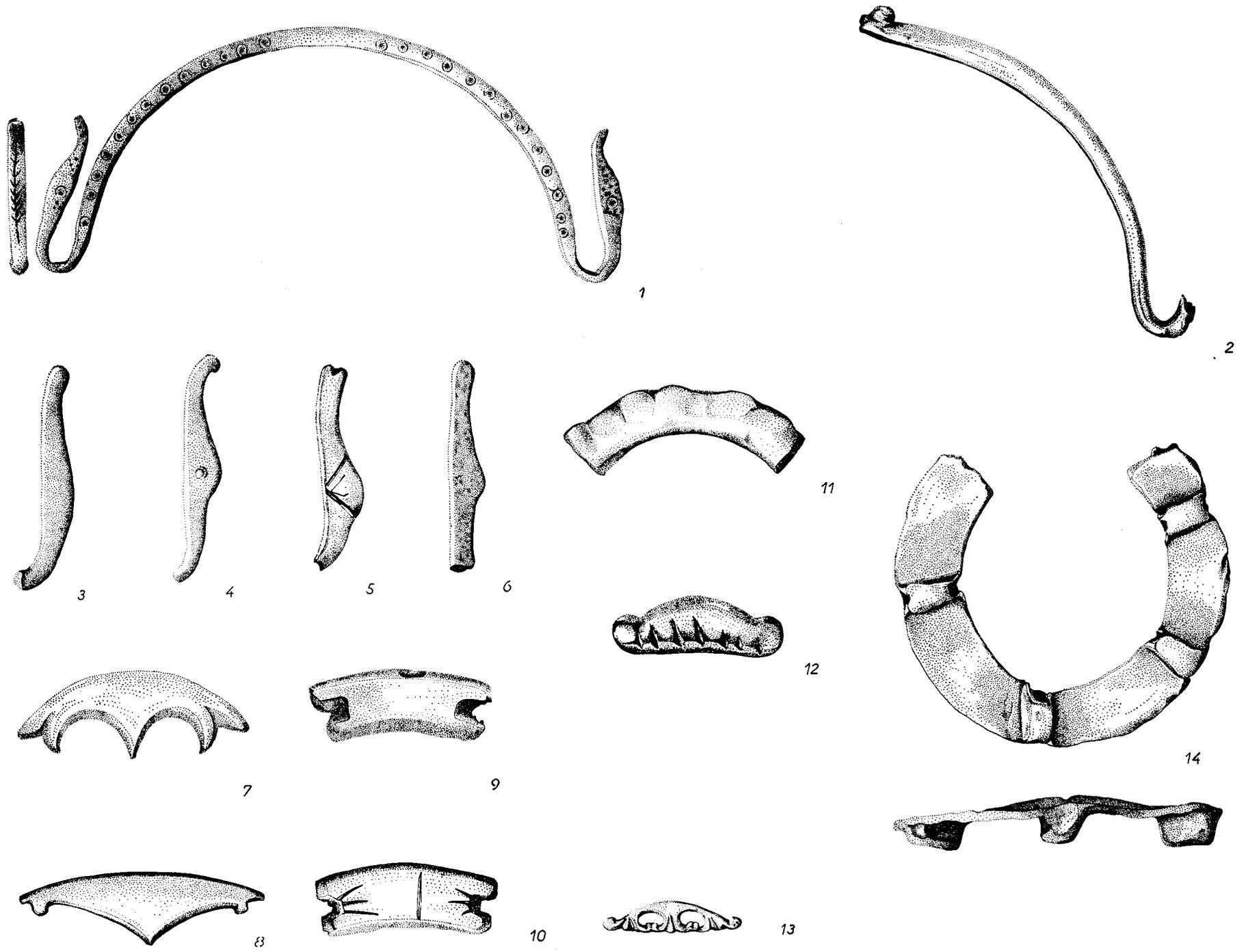
20

21

(Página deixada propositadamente em branco)



(Página deixada propositadamente em branco)

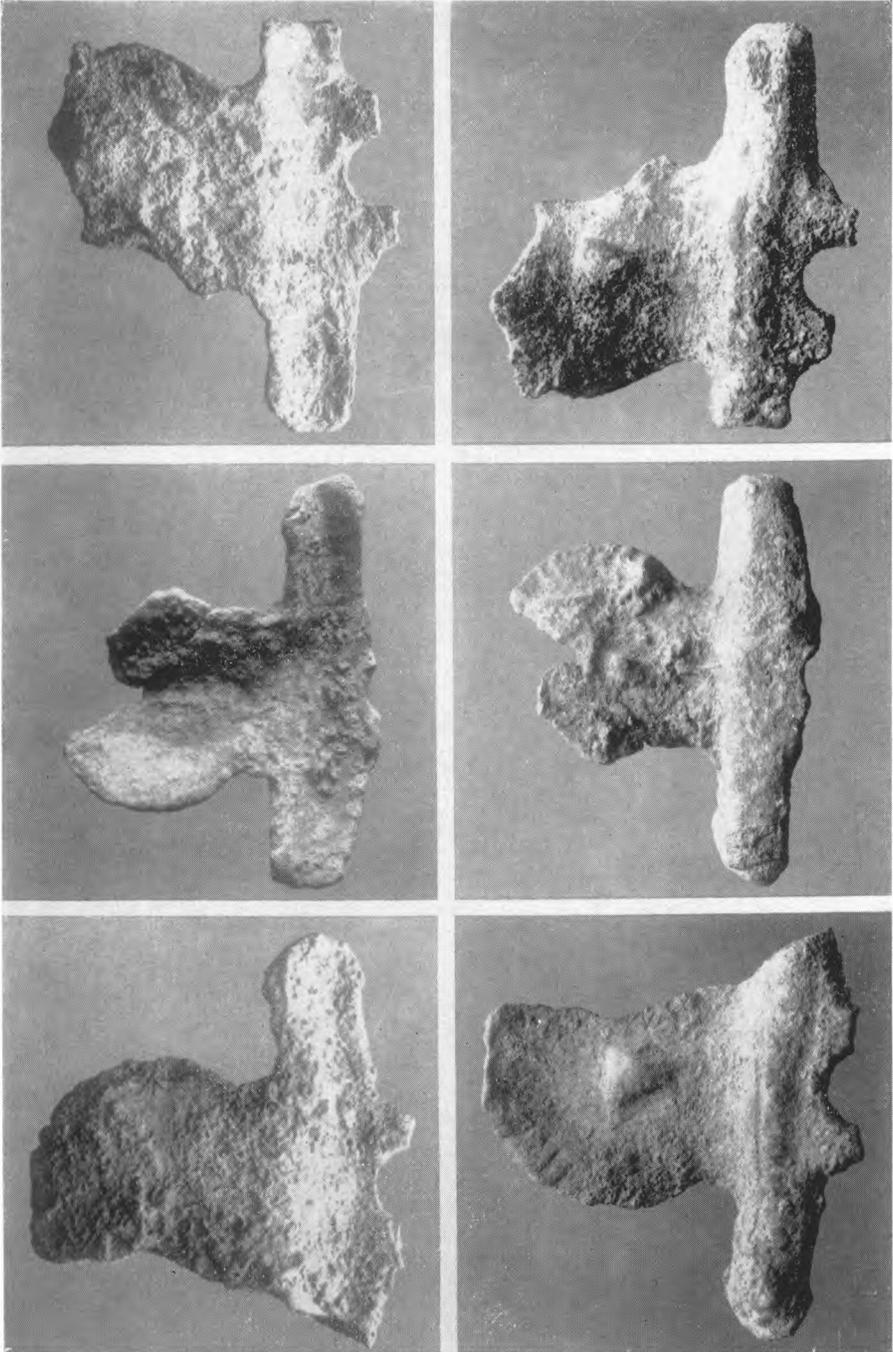


Escala 2 : 3 (com exceção do 13, a 1 : 1)

(Página deixada propositadamente em branco)



Est. VII



Tipo III — Est. V.

11 — Pé em forma de coroa circular com as extremidades lisas.

Um dos arcos é crenado.

Medidas: compr.: 65 mm; larg.: 16 mm; alt.: 17 mm.

Material: Bronze.

Intacto.

Tipo IV — Est. V

12 — Pé em forma de segmento circular com as extremidades estranguladas.

Ornamentada por sulcos numa das faces.

Medidas: compr.: 50 mm; larg.: 15 mm; alt.: 8 mm.

Material: Bronze.

Intacto.

Tipo V — Est. V

13 — Pé em forma de segmento circular com as extremidades estreitas e estranguladas.

A base do segmento é recortada. Tem 2 orifícios na superfície de soldagem ao vaso.

Medidas: compr.: 52 mm; larg.: 12 mm; alt.: 3 mm.

Material: Bronze.

Intacto.

Tipo VI — Est. V

14 — Pé constituído por um placa circular assente sobre 6 suportes rectangulares dispostos a intervalos regulares de 35 mm.

Medidas: diâmetro externo, 93 mm; diâm. interno: 55 mm; alt. 10 mm.

Material: Chumbo.

Fracturado.

MANUELA DELGADO

PROVENIÊNCIA (1)	ARMELAS FIGURATIVAS				NÃO-FI- GURA- TIVAS
	Tipo I	Tipo II	Tipo III	Tipo IV	Tipo I
CONÍMBRIGA (2)					
Museu Monográfico de Conímbriga	22	6	1	10	10
Santos Rocha, «Alguns objectos luso-romanos das ruínas de Conímbriga», <i>Boletim da Sociedade Archeológica Santos Rocha</i> , I (1908), pp. 202-203	1			1	
HERDADE DO CARRÃO (freg. de Vila Fernando, conc. de Elvas)	2				
A. Dias de Deus e A. Viana, «Apontamentos de estações romanas e visigóticas da região de Elvas», <i>Crónica del III Congresso Archeológico Nacional (Galicia 1953)</i> , Saragoça, 1955, p. 569 ss., fig. III					
TERRUGEM (conc. de Elvas)	3				1
A. Dias de Deus e A. Viana, art. cit. p. 572.					
CEMITÉRIO DE S. JOÃO (TORRES VEDRAS)	1				
A. Trindade e O. Veiga Ferreira, «Objectos inéditos lusitano-romanos do Museu de Torres Vedras», p. 269.					
ROLIÇA (conc. Óbidos)				1	
J. Leite de Vasconcelos, «Analecta archeologica», <i>O Archeólogo Português</i> , XIX (1914), p. 88.					
SANTA VITÓRIA DO AMEIXIAL (conc. Estremoz)	2				
Museu Nacional de Arqueologia, n.ºs 18594 e 18596					
SANTA MENINA-DONAS (conc. Fundão)			2		
J. Leite de Vasconcelos, «Figuras de bronze antigas do Museu Etnológico Português», <i>O Archeólogo Português</i> , XXVI (1924), p. 31.					
ESCARIGO (conc. Fundão)				1	
J. Leite de Vasconcelos, art. cit. de <i>O Archeólogo Português</i> , XXVI (1924), p. 32.					
CÁRQUERE (conc. Resende)			1		
J. Leite de Vasconcelos, «Analecta archeologica», <i>O Archeólogo Português</i> , XV (1910), p. 326					
TAVIRA	1		1	1	
Museu Nacional de Arqueologia, n.ºs 14752 e 14989					
AMENDOA (conc. de Faro)	1				
Museu Nacional de Arqueologia					
VIANA DO CASTELO	2				
Museu Nacional de Arqueologia, n.ºs 15994 A e B					
ÉVORA	1				
Museu Nacional de Arqueologia					
TORRE DE PALMA	1	1		2	
Museu Nacional de Arqueologia					

0) Tratando-se de ármelas já publicadas, indicaremos a respectiva bibliografia. Das peças inéditas, referiremos os museus em que se encontram e, quando possível, os respectivo números de inventário.

(2) Em Conímbriga há ainda seis travessões de ármelas do tipo I

PROVENIÊNCIA	ARMELAS FIGURATIVAS				NÃO-FIGURATIVAS
	Tipo I	Tipo II	Tipo III	Tipo IV	Tipo I
TRÓIA Museu Nacional de Arqueologia	2			1	
LAMEIRANCHE (conc. de Torres Novas) Museu Nacional de Arqueologia, n.ºs 17930-33	4				
MEIMÃO (conc. de Penamacor) A. Vasco Rodrigues, <i>Arqueologia da Península Hispânica</i> , Porto, s.d., p. 339			1		
TOMAR J. Leite de Vasconcelos, «Antiguidades de Tomar», <i>O Archeólogo Português</i> , XXI (1916), p. 231					1
ALJUSTREL A. Viana, R. Freire Andrade e O. Veiga Ferreira, «A exploração das minas de Aljustrel pelos Romanos», <i>Arquivo de Beja</i> , XIII (1957), p. 14	3				
VALONGO L. Albuquerque e Castro, «Achados romanos na mina do Fojo das Pombas», <i>Estudos, Notas e Trabalhos do Serviço de de Fomento Mineiro</i> , XV, fasc. 3-4 (1961)	1				
TORRE DOS NAMORADOS (conc. Fundão) Gustavo Marques, «O poço da estação romana da Torre dos Namorados (Fundão)», <i>Conimbriga</i> VIII (1969), pp. 65 ss.	2				
MONSANTO Museu Nacional de Arqueologia				1	
S. SEBASTIÃO DO FREIXO (conc. da Batalha) J. M. Bairrão Oleiro e J. Alarcão, «Escavações em S. Sebastião do Freixo (concelho da Batalha)», <i>Conimbriga</i> , VIII (1969), p. 1 ss.			1		
SANTARÉM Museu Nacional de Arqueologia, n.º 16174					1
INDETERMINADA A. Viana, «Museu de Beja. Ferragens artísticas...», <i>Arquivo de Beja</i> , I (1944), p. 9 da separata				1	
Jorge Alarcão e Manuela Delgado, <i>Biblioteca Nacional de Lisboa. Catálogo do Gabinete de Numismática e Antiguidades. 1.ª Parte. Antiguidades ibéricas e romanas</i> , Lisboa, 1969, p. 36	1				
M. Lyster Franco e A. Viana, «O espólio arqueológico de José Rosa Madeira», <i>Brotéria</i> , XLI (1945), p. 405	1				
Museu Machado de Castro Museu Nacional de Arqueologia, n.ºs 13985, 13987, 13934, 17935 e 17936.	4	1		1	

(Página deixada propositadamente em branco)

O DOLIUM CINERARIO, COM SKYPHOS VIDRADO A VERDE, DA NECRÓPOLE DE PAREDES (ALENQUER)

Os objectos adiante estudados constituem o mobiliário de um *dolium*, utilizado como urna cineraria, o qual foi encontrado por Hipólito Cabaço, quando em 1934(1) descobriu e explorou parte de uma extensa necrópole lusitano-romana, situada no termo da freguesia de Santo Estêvão de Alenquer, entre Paredes e Sete Pedras (2), numa área de cerca de 1 km² de tumulizações sucessivas por incineração e inumação.

As peças pertencem hoje às colecções do Museu Municipal daquela Vila, e estão agrupadas nas cotas 1820, 1826 a 1830, 1857, 1861, 1862 e 2242 do inventário geral do achador, onde a ficha 2243 refere ainda uma lápide, a qual teria sido retirada de junto do dólio. Monumento infelizmente fragmentado e incompleto, precioso por identificar o defunto, é um epitáfio em brecha cor de rosa, de que restam as seguintes palavras:

Q - V
TERENTIA.....
CIA • MATER.....
SIT • TIBI • TERRA • LEVIS

(1) Hipólito Cabaço e Eugénio Jalhay, «Estela funerária de Alenquer», *Revista de Arqueologia*, Lisboa, 1935, t. 2.º, fase. IV, pp. 110-113; Luciano Ribeiro, *Alenquer*, Lisboa, 1936, p. 35.

(2) Emáni Barbosa, *Alenquer ñas épocas pré e proto-históricas* (dissertação de licenciatura em Ciências Históricas e Filosóficas apresentada à Fac. de Letras da Universidade de Lisboa), 1955.

Pode talvez deduzir-se que este voto foi dedicado a um *Q(uinius) V(alerius)* por *Terentia*, decerto a esposa, e por sua mãe, como se lê na terceira linha.

O tipo de letra é o do século i d.C.

Luciano Ribeiro alude à inscrição a pp. 36-37 da obra *Alenquer*.

Tem muito interesse recordar o que se tem escrito sobre os vestígios arqueológicos da estação em causa. Diz assim o P.^o Luís Cardoso (3):

«E outra pedra, que é uma meia columna redonda a que os romanos chamavam cippo, que os annos passados estaua na quinta de André Brauo, que hoje é de seu filho João de Sousa Chichorro, e agora anda arrastada pelo chão, na horta chamada de el-rei, junto ao rio, a qual possui o mesmo João de Sousa Chichorro e cuja legenda he:

IMP-CAES

DIVI • TRAIAN! • PARTHICI • F • DI
VI • NERVAE • NEPOS • TRAIANVS
HADRIANVS • AVG • PONT • MAX
TRIB • POT • XVIII • COS • III • P • P •
REFECIT (4)

(...) Na sobredita quinta do Brauo, se descobriu ha poucos annos com um arado uma pedra antiga e debaixo della uma caueira humana e ha mais annos se acharam algumas sepulturas, e arcas de pedra de muita antiguidade, e, ainda ahi se estam uendo curiosos vestigios d'hum sumptuoso edificio, no curioso pauimento dhuma casa que serue hoje de adegá. Disto faz memoria o *Santuário Mariano*, T. II, lib. 2,2, tit. 33».

Nas *Memórias Parochiaes* (5) lê-se que «Por bayxo desta villa nesta freguezia no sitio chamado antigamente *Villa Vedra*, e hoje as *Paredes* ha humas grossas muralhas antiquissimas, que hauia tradiçam serem principio das de pouoaçam que aly se intentara fazer e por isso lhe chamauam *Villa Vedra*: porem dezentulhandose ha poucos annos

(3) *Diccionario Geographico*, Lisboa, 1747, t. I, pp. 240-241; *O Arch. Port.*, Lisboa, 1895, vol. I, pp. 157-158; Américo Costa, *Diccionario Chorographico*, Porto, 1929, vol. I, pp. 500-519.

(4) *C.I.L.y* II, 4633.

(5) *Memórias Parochiaes*, Memória do Prior de São Pedro da Silveira, 1758 t. II, fol. 388 e ss.; *O Arch. Port.*, Lisboa, 1896, vol. II, pp. 177-192.

as ditas muralhas se viu que por dentro delias hia uma calha, ou canno com sua adufa no fim tudo de cantaria bem laurada, que notoriamente mostrava ser conducto de agoas, que parece que dahy se encaminhauam para o edefiçio que hoje he a quinta de Santo Andre, vulgarmente do Brauo (...) na qual ainda mostram alguns vestigios de lauor Mozayco, e ha poucos annos que della se mudou para outra parte um çipo ou pequena columna redonda com hum Letreiro em breues de Letra romana bem destinta, o qual trasladou e emprimio o dito Frey Agostinho de Santa Maria no *Mariano*, e declaram que o Imperador Hadriano filho de Trajano i Neto du Nerva ali mandara reedificar aquella obra».

O tal cipo, do primeiro quartel do século ii, pode ver-se na segunda capela do lado da Epístola do Convento do Carmo, e fora também referido em 1740, no *Ano Noticioso e Histórico por Luís Mattoso*, como transcreve Justino Mendes de Almeida, em «Antiguidades Várias», in *O Arqueólogo Português*, Lisboa, 1968, Série III, Vol. II, pp. 107-108. Quanto à esteia funerária, publicada por Hipólito Cabaço e Eugênio Jalhay, jacente junto ao *dolium* ora referido, fizemo-la recolher ao depósito onde neste momento se encontram armazenadas as colecções de Alenquer. É susceptível de ser situada no século i, quer pelos elementos decorativos, quer pelo tipo dos caracteres empregados, quer pela brevidade da própria inscrição, sumário epitáfio de três enterramentos :

G • IVLVS • CAPITO • H • S •
 MAELA • LONGINIE • H • S •
 RVFVS • SILONIS • F • H • S •

Ainda na mesma Quinta do Bravo foi há tempo descoberta, ao proceder-se à abertura de um poço, uma pequena ara de mármore com a seguinte inscrição:

CL • T • P •
 V - S -

J. Mendes de Almeida e F. Bandeira Ferreira dataram-na da segunda metade do século i d.C. e deram dela a seguinte leitura: Cl (audia) T(...) P(...) /v(otum) s(olvit) (5a).

(5a) Justino Mendes de Almeida e Fernando Bandeira Ferreira, «Varia epigraphica (nova série). VIII. Uma árula de Alenquer», *Revista de Guimarães*, LXXVI (1966), pp. 25-26.

Para concluir, transcreva-se o derradeiro epitáfio conhecido da necrópole, gravado num mármore branco intacto:

D-M
 LABERIA • M • F • A
 MOEN • XXXII
 H • S • E • Q • I • NERVA • M
 ARITUS • F • C

A letra é do século i e o monumento está também no Museu de Alenquer, tendo-se-lhe referido Luciano Ribeiro, na obra citada, a pp. 33.

o DOLIUM (Est. VI)

Pasta bem cozida, grosseira, cor de areia.

Bordo virado para fora, formando ângulo agudo com as paredes de um largo bojo ovoide; pé direito, muito baixo, contracurvado. Conserva intacta uma das asas, estriada ao meio. A outra foi mutilada em época remota.

O lábio apresenta fracturas recentes.

Altura: 610 mm. Diâmetro da boca: 350 mm. Diâmetro máximo do bojo: 630 mm. Diâmetro da base: 330 mm.

Estes *dolia* surgem em estratos do século i d.C.. Mas não encontramos paralelo exacto na bibliografia.

O MOBILIÁRIO DA SEPULTURA

1 — *Jarrinha* (Est. II)

Cerâmica brunida. Pasta arenosa, micácea, cor de tijolo.

Gargalo alto e estreito, de paredes quase direitas, perpendiculares a um bojo esférico, assente sobre pé baixo, discoide.

Lábio fumado, com algumas fracturas.

Altura: 85 mm. Diâmetro da boca: 60 mm. Diâmetro máximo do bojo: 80 mm. Diâmetro da base: 30 mm.

Trata-se de um perfil filiado em vasos da Idade do Ferro, que parece ter persistido longamente na cerâmica comum romana. Porém, como para o caso anterior, faltam paralelos rigorosos publicados.

2 — *Lucerna* (Est. II)

Fragmento do *infundibulum* e do *margo* com aleta, de urna lucerna moldada, de pasta fina, cinzenta-amarelada, com engobe castanho.

Forma dita de meias-volutas, característica do segundo quartel do século I d.C. embora alguns exemplares tenham sido fabricados até finais do mesmo século (6). Pode filiar-se em lâmpadas gregas dos tipos 52 e 53 da classificação do Museu Britânico, correspondendo ao tipo 72 dessa classificação no tocante às lâmpadas romanas, sendo o tipo 3 Dressel-Lamboglia e o tipo III de Jean Deneauve (7).

É o tipo 86 de Ferreira de Almeida (8), o qual apresenta um exemplar do Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia, proveniente de Alcácer do Sal.

Lyster Franco encontrou uma lucerna idêntica no conjunto da Horta do Pinto, Faro (9).

Pela datação rigorosa (2.º quartel), cite-se o paralelo publicado por Judith Perlzweig, originário da *agora* ateniense (10).

3 — *Skyphos* (Ests. I e II)

Taça moldada numa pasta branca, finíssima, recoberta por vidro pouco brilhante, verde-ervilha no exterior, amarelo torrado no interior, fracturada mas completa.

Atarracada, a peça tem duas asas em forma de argola, encimadas por uma superfície plana e ornadas com um pequeno botão na base, as quais partem do lábio e aderem ao terço superior das paredes, cujas linhas são direitas, apenas carenadas sobre o fundo liso, assente em pé baixo.

(6) Tihamér Szentléleky, *Ancient Lamps*, Amesterdão, 1969, p. 54, nota 106.

(7) Jean Deneauve, *Lampes de Carthage*, Paris, 1969, pp. 105 e ss.; José António de Almeida, «Introdução ao estudo das lucernas romanas em Portugal», *O Arq. Port.*, Lisboa, 1953, 2.ª série, vol. II, p. 44, est. VIII e p. 104, est. IX.

(8) Idem, p. 162, est. XXXVI.

(9) Gonçalo Lyster Franco, «Lucernas Romanas», *Actas à I Congr. Nac. de Arq.*, vol. II, est. 1, fig. 2.

(10) Judith Perlzweig, *Lamps of the Roman Period*, vol. VII de *The Athenian Agora*, Nova Jersey, 1961, p. 79, pi. 4, 80.

O *skyphos* é decorado em toda a volta segundo a lei da repetição alternante em superfície, com duas figuras que perfazem um total de oito, erguendo-se à altura de uma faixa que vai da carena, onde é orlada por canelura, às asas, onde remata com uma estria.

Uma alegoria dionisíaca constitui o motivo ornamental: dois efebos, despídos e de pé, apresentam-se, o primeiro com o tronco de frente, a cabeça virada à direita, os membros inferiores em atitude de marcha, virados à esquerda, segurando, com o braço direito estendido e descaído, um tirso, enquanto o braço esquerdo, curvado, mostra uma coroa da qual pendem drapejamentos; o segundo, virado à direita, mas com a cabeça de frente, segura com o braço o que parece ser uma lira, enquanto a mão direita empunha um objecto pontegudo que é talvez o plectro.

Esta moldagem, de fraca qualidade, resulta num relevo pouco nítido.

Altura: 80 mm. Diâmetro da boca: 100 mm. Altura das asas: 34 mm. Largura da taça nas asas: 163 mm. Diâmetro do pé: 68 mm.

Pela forma, técnica de fabrico e género de decoração, o *skyphos* das Paredes é uma peça do século i d.C., muito provávelmente importada.

Com efeito, tais taças são o resultado final de uma longa linha evolutiva, tendo os primeiros *skyphoi* surgidos no Minóico Moderno, à volta de 1100 a.C.—possuíam corpo globular e asas inclinadas, implantadas abaixo do bordo (11); vulgarizaram-se do Proto-Geométrico ao Helenístico, sobretudo o tipo dito Ático II na classificação de Folsom (12), definido como uma taça funda, sem pé, com duas asas horizontais ao nível do bordo.

Durante a época de Augusto foram interpretados em metais nobres, o que originou alteração da asa, maior abertura da boca, diminuição da altura e conversão decorativa no «repoussé».

O esplendor dos *skyphoi* de prata desse período encontrados em

(11) A. D. Lacy, *Greek Pottery in the Bronze Age*, Londres, 1967, p. 132, fig. 56b.

(12) Robert S. Folsom, *Handbook of Greek Pottery*, Londres, 1967, p. 184, fig. A-98.

Boscovale (13), Alésia(14), Pompeia, Hildesheim (15), etc., explica a sua imitação em cerâmica ao longo do século i d.C., contribuindo o vidrado e os ornatos em relevo para acentuar ainda mais a analogia com os similares metálicos.

A voga foi de tal ordem que este tipo passou à sigillata na forma Drag. 34, sendo sua variante, a forma 59, um híbrido mais esbelto por se erguer sobre um elegante pé alto, próprio do *cantharos* grego.

O aspecto mais impressionante desta cerâmica é o vidrado. Vidrar com compostos de chumbo (16) foi método que surgiu no Próximo Oriente no decurso do século i a.C., dada a fusão a temperaturas relativamente baixas dos mesmos e a sua fácil coloração por meio de óxidos metálicos, nomeadamente do óxido de cobre, responsável pela bela cor verde, a mais característica, embora se tenha verificado que quando as peças possuem boca larga — caso do *skyphos* em estudo — são amarelas por dentro.

Decerto se trata de um requinte de afinidade com as taças de prata, muitas das quais seriam interiormente douradas ou mesmo todas feitas em «vermel».

Existe vidrado azul, vermelho, casos de policromia e de associação do verde tradicional com branco.

Empregava-se nesta loiça uma argila muito fina e as peças eram sujeitas a duas fornadas: na primeira, ainda a seco, eram cozidas até ao ponto de «biscuit». Uma vez retiradas do forno, eram mergulhadas no vidrado, colocadas, invertidas ou não, sobre discos individuais que as mantinham separadas e submetidas então à segunda cozedura.

O preço elevado das matérias-primas e a técnica apurada do fabrico deviam encarecer notavelmente o produto, restringindo-lhe o mercado. Daí a raridade relativa da cerâmica vidrada a chumbo (17).

Tarsus, Antioquia, Notion próximo de Éfeso, Tshandarli perto

(13) Oswald & Pryce, *Terra Sigillata*, Londres, 1966, pi. XXII.

(14) J. Déchelette, *Les vases céramiques ornés de la Gaule Romaine*, Paris, 1904, vol. I, p. 47.

(15) Idem, pi. IV.

(16) R. J. Charleston, *Roman Pottery*, Londres, 1955, pp. 24 e ss..

(17) Jorge de Alarcão, ««Une coupe à fond d'or découverte à Farrobo, Portugal», *Journal of Glass Studies*, X, 1968, p. 75, nota 16.

de Pérgamo e Dura-Europos (18), eis alguns dos centros produtores mais antigos, sendo o vidrado verde de Tarsus e Antioquia (19) de contextos do século i d.C. e o de Dura-Europos, algo diferente, sobretudo nas formas, de níveis mais antigos. Vestígios abundantes ficaram nas terras continentais e insulares do Mediterrâneo Oriental e os protótipos cedo fizeram o seu caminho através da Itália, para as oficinas gaulesas de St. Rémy-en-Rollat, Vichy, Gannat (20) e Lezoux (21), as quais, no primeiro quartel do século i d.C., embora mantendo as cores básicas fundamentais, começaram a fabricar vidros em tons mais claros: verdes, amarelos, amarelo-esverdeados, amarelo-acastanhados ou cinzento-acastanhados.

A produção persistiu na Gália até ao início do século m, supondo-se ser de oficinas do norte da Província, ou de outras na Renânia, uma variante vidrada a vermelho ou castanho pastoso, durante muito tempo tida como pós-medieval e hoje seguramente datada como do século i ou princípios do n d.C. (22).

Em 200 d.C. foi fabricada em Colónia loiça vidrada a amarelo e verde, como provavelmente o terá sido também em Bona e em toda a Renânia (23).

Na Grã-Bretanha, entre outros locais, foram encontradas peças em Camulodunum, Colchester, datadas entre 49 e 61 d.C. (24), em Richborough, Kent (25), mais ou menos da mesma época e em Holt, no Denbighshire (26).

No sul da Rússia surge uma produção algo original, talvez indígena.

(18) N. Toll, *The Green Glazed Pottery*, in *The Excavations at Dura-Europos*, Final Report, IV, Part I, Fascicle I, New Haven, 1943.

(19) O. Waagé, *Antioch on the Orontes*, IV, Part One, *Ceramics and Islamic Coins*, Princeton, 1948, p. 81; Jorge de Alarcão, *ibidem*, p. 74, nota 12.

(20) J. Déchelette, *Les vases céramiques ornés de la Gaule Romaine*, vol. I, p. 60.

(21) R. J. Charleston, *ibidem*, p. 26.

(22) R. J. Charleston, *ibidem*, p. 27.

(23) Idem, *ibidem*, idem.

(24) Hawkes & Hull, *Camulodunum, First Report on the Excavations at Colchester, 1930-1939*, Oxford, 1947, p. 202.

(25) J. P. Bushe Fox, *Fourth Report on the Excavations of the Roman Fort at Richborough, Kent*, Oxford, 1949, pi. LXIX, 379-382, p. 159.

(26) R. J. Charleston, *ibidem*, p. 26.

Há notícia de bordos vidrados a verde e a verde e amarelo no norte de África (27).

Quanto à Espanha (28), peças vidradas nas duas cores referidas surgiram em contextos sempre do século i d.C..

Conhecem-se em Portugal mais dois *skyphoi* vidrados a verde, um procedente de Conímbriga, onde se encontrou igualmente um fragmento de tinteiro (29), sendo o outro o da sepultura 20 da necrópole de Farrobo, Aljustrel (30).

Oito fragmentos, todos vidrados a verde por fora e a amarelo por dentro, apareceram na Lobeira Grande, perto de Beja (31). As pastas respectivas vão do cinzento-chumbo a um rosa-pálido, passando por amarelo e por branco.

Pode certamente, no que respeita à decoração, aplicar-se à cerâmica vidrada a chumbo critério análogo ao que se aplica à restante cerâmica romana: o figurativo é característico de um período entre o século i a.C. e os começos do século n d.C., enquanto a ornamentação vegetal, surgida em meados do século i d.C., perdura para além do século seguinte.

Dentro da cerâmica pintada, grega e helenística, havia numerosos precedentes de *skyphoi* decorados com figuras humanas. Salomon Reinach (32) cita pelo menos dez, entre os quais o célebre *skyphos* do Museu de Chiusi (33), ornado com cenas da Odisseia, e um outro,

(27) Jean Paul Morei, «Céramiques d'Hippone», *Bulletin d'Archéologie Algérienne* /, 1962-63, pp. 134-135, figs. 100 e 101.

(28) M. Ribas Beltrán, «Cerâmica vidriada romana en Mataré», *Pyrenae*, I, 1965, pp. 155-171.

(29) Jorge de Alarcão, *ibidem*, p. 75.

(30) Ruy Freire de Andrade, «A sepultura n.º 20 do cemitério lusitano-romano de Farrobo», *Arquivo de Beja*, 1963-64, vols. XX-XXI, pp. 115-118; R. Freire de Andrade e O. da Veiga Ferreira, «Um vaso lusitano-romano com vidrado de chumbo, encontrado no Monte do Farrobo, Rio de Moinhos», *Rev. de Guimarães*, LXXVII (1967), pp. 109-114; M. Almagro Gorbea, «Nuevas aportaciones para el estudio del ajuar de la sepultura 20 de la necropolis de Farrobo (Aljustrel)», *Arquivo de Beja*, 1966-67, vols. XXIII-XXIV, pp. 213-223; Jorge de Alarcão, *art. citado*.

(31) Jorge de Alarcão, *ibidem*, p. 75, nota 17.

(32) Salomon Reinach, *Répertoire des vases peints grecs et étrusques*, 2 vols., Paris, 1899 e 1900.

(33) Idem *ibidem*, vol. I, p. 191, MONUM, IX, pl. XLII.

corintio, cuja decoração é muito semelhante à do aqui tratado (34).

Os *skyphoi* metálicos copiaram fielmente as peças pintadas, tendo porém que recorrer ao «repoussé». Os seus mais antigos similares vidrados imitaram-nos para o que tiveram de ser moldados a fim de reproduzirem o relevo.

Todavia, a maioria das peças tem decoração vegetal ou geométrica, como a linda taça, extra-texto (pl. C) a cores, da obra de R. J. Charleston, ou como as taças de Aljustrel, de Leiden e do Museu de Belas-Artes de Viena da Áustria que são todas em forma de alcachofra (35); o *skyphos* de Conímbriga é ornamentado com folhagem, e dos fragmentos da Lobeira Grande, um apresenta uma parra, outro frisos de pinhas fechadas imbricados. Porém, no maior, vê-se uma notável cabeça de guerreiro grego, encimada por um friso de folhas invertidas. Esta decoração mista recorda o *skyphos* da pl. 28A, também do livro de Charleston.

O *shyphos* das Paredes é um paralelo exacto, quanto à forma, dos *skyphoi* de prata da época de Augusto, atrás citados; as cores do seu vidrado são as mais clássicas; a decoração exclusivamente figurativa, a singeleza do motivo, a harmonia e elegância canónica das duas figuras, reprodução de tantas outras pintadas ou esculpidas (36), eis as características que levam a remeter esta taça para uma época bastante arcaica do século I d.C. E sem ignorar a hipótese de fabrico em oficina gaulesa, o sabor por demais grego desta peça leva a preferir para ela proveniência mediterrânica, qualquer centro de produção do Mediterrâneo Central de vincada tradição helénica, provavelmente a Sicília.

Pormenor insignificante, o tirso nela representado, bem aberto, vem reforçar essa hipótese. É que, segundo Reinach, o tirso evolui, floresce, nos vasos etruscos, italiotas e sicilianos.

(34) Salomon Reinach, *ibidem*, vol. I, p. 389, pl. 125, 1, 2, 5.

(35) J. H. L. Kern, «Una copa romana de vidriado verdoso en el Museo de Leiden (Holanda)», *Ampurias*, 1957-58, vols. XIX-XX, pp. 232-237, figs. 1 e 2; e lam. I.

(36) Salomon Reinach, *ibidem*, vol. I, p. 266, fig. P, vol. II, pp. 228-229, fig. A.

4 — *Prato de terra sigillata* (Est. II)

Fabrico sud-gálico. Drag. 15-17.

Pasta cor de tijolo, verniz cor de lacre espesso e homogéneo, mediamente brilhante, com fissuras resultantes da contracção.

Marca rectangular no fundo: OF.LABIO, oficina de Labio, La Graufesenque, período de Cláudio-Nero.

Diâmetro da boca: 160 mm. Diâmetro do pé: 88 mm. Altura total: 40 mm.

5 — *Prato de terra sigillata* (Est. II)

Peça da mesma proveniência, com as mesmas características, incompleta e fragmentada, porém reconstituível, verniz escurecido devido à incineração.

Diâmetro da boca: 150 mm. Diâmetro do pé: 80 mm. Altura total: 42 mm.

6 — *Taça de terra sigillata* (Est. II)

Fabrico sud-gálico. Ritt. 8.

A taça, que está intacta, tem verniz e pasta idênticos aos dos pratos atrás descritos. No fundo, marca rectangular DAMONI — oficina de DAMONVS, La Graufesenque, período de Cláudio-Nero.

Diâmetro da boca: 110 mm. Diâmetro do pé: 49 mm. Altura total: 50 mm.

7 — *Ungentário* (Ests. III e VI)

Recipiente de vidro soprado, transparente, cinzento «Caran d'Ache», com bolhas e estrias resultantes da soflagem.

Tem a forma de uma gota, ocupando o reservatório apenas o terço inferior do vaso. A boca é larga, irregular e assimétrica, de bordo polido ao fogo; o colo é estreito, a base levemente deprimida. Conserva-se intacto, porém picado e riscado em ambas as faces, apresentando leitosidade incipiente.

Altura: 104 mm. Diâmetro externo da boca: 17 mm. Diâmetro externo do colo: 9 mm. Diâmetro máximo do reservatório: 29 mm. Espessura do vidro: 1 mm.

É a forma 82-B1 de Isings (37), que a define assim: gargalo alargando gradualmente para o reservatório (tipo em forma de moca). Alguns exemplares têm reservatórios não muito mais largos que os gargalos, outros alargam para a base. Podem ser alongados ou atarracados; alguns têm as paredes muito espessas e são sólidos.

Isings indica espécimes provenientes de Dura-Europos, túmulos 9 e 55; de Karanis; de Fresin, etc. cuja cronologia recai nos finais do século i ou princípios do n.

Um paralelo, do Museu Arqueológico de Vila Viçosa, foi considerado característico da primeira metade do século i d.C. (38); dois unguentários do mesmo tipo, Museu Municipal Dr. Santos Rocha, da Figueira da Foz, receberam idêntica cronologia, ou seja, reinados de Augusto-Tibério (39); o mesmo sucedeu para um exemplar do Museu da Sociedade Martins Sarmento (40) e para outro de Aramenha, colecção Bairrão Oleiro (41).

Deste modo, e por nos parecer que o tipo de Isings tem já o lábio mais espesso, indicaremos para o unguentário das Paredes uma cronologia dentro do último quartel do século i a.C., princípio do século i d.C..

8 — *Unguentário* (Ests. III e VI)

Vidro soprado, transparente, cinzento «Caran d'Ache», com bolhas, estrias e espirais, resultantes da soflagem.

Em forma de gota. Base côncava, boca larga, irregular e assimétrica, orlada por um lábio polido ao fogo, porém, mais espesso que o do exemplar anterior.

(37) Isings, *Roman glass from dated finds*, Groningen, 1957, pp. 97-98.

(38) Jorge e Adília Alarcão, «Vidros romanos do Museu Arqueológico de Vila Viçosa», *Conimbriga*, 1967, vol. VI, p. 29, est. 10, 58.

(39) Idem, «Vidros romanos do Museu Municipal da Figueira da Foz», *Revista de Guimarães*, 1964, LXXIV, pp. 79-116, est. I, 1, 2.

(40) Idem, «Vidros romanos do Museu de Martins Sarmento», *Revista de Guimarães*, 1963, LXXIII n.º 1/2, pp. 182-183, est. VI, 2.

(41) Idem, «Quatro pequenas colecções de vidros romanos», *Revista de Guimarães*, 1963, LXXIII, p. 378, est. I, 8.

Está fragmentado, picado e intensamente riscado em ambas as superfícies. Irisão incipiente.

Altura: 104 mm. Diâmetro externo da boca: 19 mm. Diâmetro externo do colo: 12 mm. Diâmetro máximo do reservatório: 30 mm. Espessura do vidro: 1 mm.

A tipologia é a do unguentário atrás estudado, embora pela espessura do lábio corresponda ainda melhor a 82-B1.

Cronologia idêntica.

9 — *Unguentário* (Ests. III e VI)

Vidro soprado, transparente, cinzento «Caran d'Ache», com manchas verde-gelo no reservatório, bolhas, estrias e espirais resultantes de soflagem.

É de forma tubular, estrangulado a meio, com o fundo levemente deprimido, e o bocal, que se apresenta virado para fora, largo e rematado por aresta polida ao fogo. Está intacto, porém, picado e riscado em ambas as faces, com intensa irisão multicolor na face interna.

Altura total: 94 mm. Altura do recipiente: 47 mm. Altura do gargalo: 40 mm. Diâmetro externo da boca: 21 mm. Diâmetro externo do colo: 19 mm. Diâmetro externo do gargalo: 19 mm. Diâmetro externo do estrangulamento: 18 mm. Diâmetro da base: 24 mm. Espessura do vidro: 1,5 mm.

É o tipo 8 de Isings, a qual refere espécimes provenientes de Ventimiglia, Kreuznach, Locarno, Hofheim, Giubiasco, Xanten, Nijmegen, etc. (42), pertencentes, na quase totalidade, à primeira metade do século i d.C., embora a autora faça notar que se produziram em quantidade e se vulgarizaram a partir da segunda metade do mesmo século.

Caracteriza estes recipientes, encontrados em sepulturas do tempo de Augusto e Tibério, a forma de tubo, o estrangulamento a meio e o bordo em aresta viva, ou polida ao fogo, como esta.

(42) Isings, *ibidem*, p. 24.

10 — *Boião* (Ests. III e VII)

Vidro soprado, transparente, cinzento «Caran d'Ache», com bolhas e estrias resultantes da soflagem.

Trata-se de um pequeno balsamário em forma de bolbo, de bojo largo, colo baixo e atarracado, cujo bocal abre um pouco para os lados, sendo o lábio respectivo, tubular e dobrado sobre si para o interior, o que ocasiona um vinco fundo na ligação com a parede interna do colo. Base côncava.

A peça está inteira, apenas falhada em pequena extensão do lábio. Apresenta-se picada e riscada em ambas as faces, com intensa irisão multicolor e manchas de leitosidade nacarada incipiente.

Altura: 42 mm. Diâmetro da boca: 32 mm. Diâmetro do colo: 29 mm. Diâmetro do bojo: 43 mm. Espessura do vidro: 1,5 mm.

É a forma Isings 68, apontando a autora exemplares de Ventimiglia, Hofheim, Herculano e Pompeia, Colônia, Locarno, etc. (43), todos do século I, especialmente do período dos Flávios, e persistindo por parte do século II. Todavia, os tipos mais primitivos podem recuar a Cláudio-Nero (44).

Jorge e Adília Alarcão referem um boião de Planig, Alemanha, encontrado numa sepultura de 100 d.C. (45) e propõem essa cronologia para exemplares de Ampúrias (46), Vila Viçosa (47), Valdoca (48), Figueira da Foz (49) e Casal do Carvalhal, Constância (50).

Este boião é, portanto, muito provavelmente do século I d.C..

(43) Idem, *ibidem*, pp. 88-89.

(44) Idem, *ibidem*, pp. 86-87, forma 67.

(45) Jorge e Adília Alarcão, «Vidros romanos do Museu Arqueológico de Vila Viçosa», p. 24.

(46) Idem, «Vidros romanos do Museu Municipal da Figueira da Foz», pp. 92-93.

(47) Idem, «Vidros romanos do Museu Arq. de Vila Viçosa», p. 24, est. 9, fig. 47.

(48) Idem, «O espólio da necrópole luso-romana de Valdoca (Aljustrel)», *Conimbriga*, 1966, vol. 5, p. 27, est. V, fig. 62; p. 68, est. XVIII, fig. 257.

(49) Idem, «Vidros romanos do Museu Municipal da Figueira da Foz», est. I, fig. 17.

(50) Idem, «Sepultura luso-romana descoberta no concelho de Constância», *MVSEV*, 1966, 2.^a série, n.º 10, pp. 5-12, fig. 5.

11—*Boião* (Ests. III e Vil)

Vidro soprado, transparente, cinzento «Caran d'Ache», com bolhas e estrias resultantes da soflagem. Tem forma idêntica à do exemplar anterior, porém está fragmentado e incompleto, picado e intensamente riscado, apresentando irisão multicolor.

Altura: 50 mm. Diâmetro da boca: 44 mm. Diâmetro do colo: 35 mm. Diâmetro do bojo: 48 mm. Espessura do vidro: 2 mm.

Difusão e cronologia como as da peça n.º 10.

12 — *Boião* (Est. III)

Recipiente de vidro soprado, transparente, verde-sombrio, com algumas bolhas. Forma idêntica à dos exemplares anteriores. Está fragmentado e riscado intensamente em ambas as faces.

Altura: 42 mm. Diâmetro da boca: 37 mm. Diâmetro do colo: 30 mm. Diâmetro do bojo: 45 mm. Espessura do vidro: 2 mm.

Mesma difusão e cronologia.

13—*Taça* (Ests. III e VII)

Taça lisa, de vidro soprado, transparente, azul-cobalto, com muitas bolhas.

Bordo aberto, tubular, de secção rectangular, virado para fora; paredes carenadas, pé oblíquo de altura média. Fundo levemente convexo.

Peça fragmentada, mas inteiramente reconstituível, picada e ligeiramente riscada em ambas as faces.

Diâmetro da boca: 100 mm. Altura: 57 mm. Espessura média do vidro: 1,5 mm.

Os tons violentos, nomeadamente este azul-cobalto, podem considerar-se características de um período de transição dos vidros moldados para os vidros soprados. Enquanto os primeiros são declaradamente vermelhos, azuis, castanhos e amarelos, os segundos são claros ou mesmo incolores.

Esta é a forma Isings 44 (51), a qual surge em meados da primeira centúria d.C., porém em azuis-claros, verdes-claros ou branco coalhado; é-lhe muito semelhante a forma Isings 20 (52), do princípio do século i, taças frequentemente moldadas, vermelhas escuras ou verdes-esmeralda.

Dentro da forma 44, Isings cita exemplares azuis-claros de Locarno, de Branca (Muralto) (53), datado por Lamboglia de Augusto a Tibério, Minusia, Cadra (54), flaviano, e Richborough (55), datado 85 d.C.. Cita ainda exemplares de vidro branco coalhado: de Vindonissa, datado de Augusto-Tibério e da necrópole sul de Este, da época de Nero.

Dentro da forma 20 são citadas duas taças verde-esmeralda, moldadas, de Camulodunum (56), época de Nero. Uma delas, a n.º 59, tem um perfil ideal, coincidente com a forma 44.

Todas as taças citadas provêm de sepulturas, na maioria dos casos integradas em necrópoles.

A taça das Paredes pode, certamente, situar-se na época de Nero, sendo até provável uma datação levemente anterior.

14— *Taça* (Est. III)

Idêntica à anterior, um pouco maior, com o pé mais aberto. Também fragmentada, mas reconstituível.

Diâmetro da boca: 100 mm. Altura: 60 mm. Espessura média do vidro: 1,5 mm.

Mesma cronologia.

15— *Bordo de taça* (Est. III)

Fragmento do bordo tubular, de secção oval, de uma taça de vidro soprado, cinzento «Caran d'Ache», com pequena porção de parede convexa, riscado e picado intensamente em ambas as faces.

(51) Isings, *ibidem*, pp. 59-60.

(52) Idem, *ibidem*, p. 37.

(52) Idem, *ibidem*, p. 37.

(53) Christoph Simonett, *Tessiner Graberfelder*, Basileia, 1941, pp. 114-116, n.º 14, e taf. 10,6, n.º 1.

(54) Idem, *ibidem*, pp. 163-169, n.º 19 e taf. 12,7, n.º 3.

(55) J. P. Bushe-Fox, *ibidem*, p. 158, 369, pi. LXVIII.

(56) C. F. C. Hawkes, *Camulodunum*, Oxford, 1947, p. 301, 58, 59, pi. LXXXVIII.

Diâmetro da boca: 80 mm. Espessura do vidro na parede do bordo: 2 mm. Espessura do vidro na parede da taça: 4 mm.

Forma Conímbriga 50 (57), um dos tipos mais vulgarizados dentro da vidraria romana do séc. i d.C..

16— *Bordo de taça* (Est. III)

Fragmento do bordo de uma taça de vidro soprado, incolor, com bolhas, cujo lábio boleado é mais espesso para o exterior, sendo quase direita a face interna. Uma canelura separa o bordo da copa, a 9 mm do topo.

O vidro, que está picado e riscado em ambas as faces, mostra estrias, irisão e leitosidade incipiente.

Diâmetro da boca: 140 mm. Espessura do bordo: 5 mm. Espessura na parede da taça: 1 mm.

É a forma Conímbriga 116 (58), apontada como do final do século n.

17— *Bordo de taça* (Est. III)

Fragmento do bordo de uma taça de forma e cor idênticas à anterior. Picado e riscado em ambas as faces. Irisão multicolor.

Diâmetro da boca: 150 mm. Espessura no lábio: 4 mm. Espessura na parede da taça: 1,5 mm.

Cronologia e difusão como a anterior.

18 — *Copo* (Est. III)

Fragmentos da base, paredes e bordo, de um copo de vidro lapidado, transparente, incolor, com muitas bolhas, decorado em larga faixa com facetas ovais, dispostas em fiadas horizontais imbricadas.

A faixa é limitada inferiormente por uma profunda estria, e superiormente por estreita canelura.

Trata-se de um copo esbelto, de paredes oblíquas, que se tornam convexas junto ao fundo, o qual é ligeiramente côncavo, quase plano,

(57) Jorge e Adília Alarcão, *Vidros romanos de Conímbriga*, 1965, pp. 41-42, est. II, fig. 50.

(58) Idem, *ibidem*, pp. 80-85, est. IV, fig. 116.

assentando numa base discoide, pequenina, direita, cujo perímetro deveria ser liso, encontrando-se todavia, falhado no contorno.

O bordo é envasado, estriado, com a aresta polida ao fogo.

Além de picado e riscado em ambas as faces, mostra irisão multicolor e leitosidade nacarada em alguns pontos. A pasta está profundamente estriada.

Altura: 117 mm. Diâmetro da boca: 106 mm. Diâmetro da base: 37 mm. Espessura média do vidro: 1,5 mm.

É a forma Isings 21, considerada pela autora um dos copos de melhor qualidade espalhados por todo o Império, o que torna difícil determinar a proveniência (59). Século i d.C., embora persista na centúria seguinte.

Exemplos de lapidados por óvulos surgem em Dura-Europos, como de resto Jorge e Adília Alarcão fizeram notar já a pp. 62 dos *Vidros romanos de Conímbriga*. Um paralelo é referido por Broholm (60), de Steulille, Sjaelland, Dinamarca — dois pontos extremos do mundo romano, portanto.

O copo das Paredes é, provavelmente, do último quartel do século i.

19 — *Fragmento de copo* (Est. III)

Fragmento sem perfil, de vidro lapidado verde-água, decorado com óvulos romboides (61).

Cronologia idêntica à do anterior.

20 — *Marca de jogo* (Est. IV)

Disco de osso, com orifício circular central, face inferior esponjosa, levemente côncava, com três estrias paralelas; face superior polida, convexa, apresentando três coroas circulares concêntricas, separadas por duas estrias. Peça intacta.

(59) Isings, *ibidem*, pp. 37-38.

(60) H. C. Broholm, *Kulturforbindelser i oeldre Jaernalder*, Copenhaga, 1960, fig. 117.

(61) Jorge e Adília Alarcão, *Vidros romanos de Conímbriga*, pp. 62-63 e p. 65.

Diâmetro do disco: 25 mm. Espessura: 3,5 mm. Diâmetro do orifício: 3,5 mm. Altura do orifício: 5 mm.

Considerando a hipótese de outras funções, como espelho de um puxador, ornamento de um cofre ou caixa, elemento de abotoadura, embora careça de pé para poder ser um botão, o mais provável é que se trate de urna marca de jogo (62).

21 — *Aferidor!* (Est. IV)

Paralelepípedo de marfim, aparado em bisel no topo, apresentando na base o arranque de um espigão posteriormente mutilado.

Numa das faces, incisão rectilínea.

Comprimento: 22 mm. Espessura: 10 mm.

Deve tratar-se de um régua para medir polegadas, do tipo de um exemplar maior, encontrado em Londres (63).

22 — *Fibula* (Est. IV)

Fíbula anular de bronze (63a) a que falta o fusilhão. Apresenta uma das ponias partida, aguçada, e a outra revirada para fora, dobrada sobre o anel. Ambas as extremidades deveriam ter botões, que desapareceram. O aro tem secção circular e é mais espesso no troço médio.

Diâmetro do anel: 25 mm. Calibre no troço médio: 2,5 mm. Calibre nas extremidades: 1 mm. Abertura actual: 0,9 mm.

Trata-se de um tipo muito vulgarizado em todas as estações romanas ou romanizadas. Pregadeira surgida em La Tène II, persiste e torna-se comum no século i d.C, já que a fibula característica da Idade do Ferro, no litoral ibérico, é o tipo dito de timbale (64).

Pode aceitar-se para este exemplar uma datação no século i d.C..

(62) *London in Roman times*, London Museum catalogues, n.º 3, 1946, pi. XLVI, 8.

(63) *Idem*, pp. 83-84.

(63a) Nenhuma análise qualitativa ou quantitativa foi possível fazer aos objectos aparentemente de bronze, que se seguem. Na verdade, pode tratar-se de uma liga de cobre e zinco, muito utilizada desde a Pré-História na bacia do Tejo.

(64) Elisabeth Fowler, «The origins and development of the penannular brooch in Europe», *Proceedings of the Prehistoric Society*, 1960, vol. XXVI, pp. 149 e ss. E. Cuadrado, *Precedentes y Prototipos de la Fibula Anular Hispánica*, Madrid, 1963; H. N. Savory, *Espanha e Portugal*, Lisboa, 1969, pp. 253-255.

23 — *Fivela* (Est. IV)

Pequena fivela circular, fechada, com charneira em forma de balaústre ao centro, faltando o fusilhão. O aro, de secção triangular, é decorado com estrias radiantes. Peça de bronze, intacta.

Diâmetro externo do aro: 20 mm. Largura do aro: 3 mm. Espessura do aro: 2 mm.

O único exemplar absolutamente igual que encontrámos está no Museu de Vannes e foi publicado por Jacques André (65).

24 — *Fivela* (Est. IV)

Fivela rectangular de bronze, a qual conserva a charneira em forma de haste cilíndrica, colocada ao centro, transversalmente. A decoração, de gosto algo bárbaro, apresenta troncos de pirâmide, formando os ângulos do aro. Entre eles, estrias e caneluras facetadas.

O reverso é liso, com uma cavidade em cada ângulo. Objecto intacto. Não encontrámos paralelo.

Comprimento: 43 mm. Largura: 27 mm. Espessura máxima: 4 mm. Espessura mínima: 3 mm.

Fivela semelhante foi publicada por P. Paiol no *Boletín del Seminario de Estudos de Arte y Arqueología*, XXX, 1964, procedente da sepultura 46 da necrópole de Simancas (século iv).

25 — *Fivela de cinturão* (Est. IV)

Fragmento de placa de cinturão, o qual apresenta o aro da fivela em forma de lúnula, convexo na face superior e levemente côncavo na inferior. As pontas formam argola, constituindo a charneira-fêmea, a qual é atravessada por uma charneira-macho direita, de secção cilíndrica, à qual ficaram presos a cabeça do fusilhão, igualmente argola circular, e um pedaço da placa, de folha dupla, vendo-se no reverso 1 rebite, junto ao bordo; provavelmente haveria outro ao centro e um terceiro no extremo oposto.

(65) Jacques André, «Inventaire des objets romains en bronze du Musée de Vannes», *Ogam*, tomo XIV, fase. 4/5.

A placa, que é de bronze, está fracturada, incompleta e muito corroída.

Altura do aro: 40 mm. Flecha: 40 mm. Espessura: 2 mm. Largura da charneira-macho: 40 mm.

Trata-se de um objecto comum em estações do século i d.C. embora se torne difícil atribuir-lhe uma cronologia mais precisa.

26—*Fusilhãol* (Est. IV)

Pequena haste de bronze, de secção rectangular, muito levemente curva, apresentando a face inferior lisa, e a face superior decorada numa das pontas com a cabeça de um carnívoro. A outra ponta recurva levemente.

Comprimento: 28 mm. Largura: 6,5 mm. Espessura: 3 mm.

Não encontrámos paralelo, embora terminais zoomórficos sejam, como se sabe, comuns em asas de pequenas taças, em topos de fivelas dos uniformes do exército romano, em porta-rédeas, etc..

Porém, quer-nos parecer que se tratará de fusilhão de uma espessa fivela tardia.

27—*Abraçadeira ou botão* (Est. IV)

Pequena haste de secção cilíndrica, dobrada em ângulo recto numa das extremidades, ligando-se a ponta a uma cabeça lisa, plana, em forma de leque, que lhe é perpendicular.

A extremidade oposta terminaria em argola, da qual resta uma parte do aro. Objecto de bronze, fragmentado e corroído.

Comprimento total: 33 mm. Diâmetro da argola: 10 mm.

Esta peça tem paralelo nas abraçadeiras ou botões (segundo a designação de Bushe-Fox), procedentes de Wroxeter (66). Peças deste

(66) J. P. Bushe-Fox, *Second Report on the Excavations on the Site of the Roman Town at Wroxeter, Shropshire*, 1913, Oxford, 1914, p. 14, fig. 5, n.ºs 15 e 16; idem, *Third Report on the Excavations on the Site of the Roman Town at Wroxeter*, 1914, Oxford, 1916, p. 26, pi. XVI, n.º 15; *Defences of Viroconium (Wroxeter)*, Oxford, 1962, p. 36, fig. 5, n.º 14; J. P. Bushe-Fox, *Second Report on the Excavation of the Roman Fort at Richborough, Kent*, p. 47, Est. XX, 38.

tipo, com cabeça redonda são frequentes no século i, em tempos flávios (66a).

28 — *Botão* (Est. IV)

Botão de bronze formado por uma calote esférica, sem decoração, à qual se prende um pé com orifício. Intacto.

Diâmetro: 20 mm. Espessura: 1,5 mm. Altura do pé: 8 mm. Largura do pé: 5 mm. Espessura do pé: 2 mm.

29 — *Argola* (Est. IV)

Bronze, secção pentagonal. Inteira.

Diâmetro externo: 35,5 mm. Diâmetro interno: 28 mm. Espessura: 3,5 mm.

30 — *Argola* (Est. IV)

Exemplar de bronze, como o anterior, porém mais pequeno, de secção triangular. Inteiro.

Diâmetro externo: 20 mm. Diâmetro interno: 15 mm. Espessura: 3 mm.

Destas peças, por incaracterísticas, nada se pode concluir.

31 — *Armela de situla* (Est. IV)

Aplique lateral de uma sítula para suspensão da asa da vasilha.

Trata-se de um mascarão de bronze verde-sombrio, com um rosto onde os olhos estão somente apontados, as faces marcadas por leve saliência a da esquerda, por depressão a da direita, As guias de um bigode descaem sobre uma boca que apenas se adivinha.

Uma superfície oval cerca o rosto, irregular do lado direito, onde existe um orifício que pode ser defeito de fundição.

A máscara é encimada por estria decorada com sulcos em *vê*, à qual se sobrepõe uma canelura.

(66a) G. Webster, «The Roman military advance under Ostorius Scapula», *The Archaeological Journal*, vol. CXV, p. 96, 255.

Um travessão horizontal remata a parte superior do mascarão, sendo atravessado horizontalmente por urna incisura funda, cortada em toda a extensão por incisões verticais mais ou menos paralelas.

No centro do bordo superior do travessão, um anel circular, com orifício também circular.

Trabalho tosco de moldagem, e mau trabalho de fundição, com covas e rebarbas bem visíveis. Está bem conservado. No reverso apresenta vestígios da solda de chumbo que o ligava à sítula.

Altura total: 72 mm. Altura do mascarão: 45 mm. Largura do travessão: 76 mm.

Este tipo de armela é vulgaríssimo em Portugal (66b).

32 — *Fragmento de fechadura* (Est. IV)

Pequena porção do fecho de bronze, muito danificada, a qual apresenta ainda três orifícios circulares intactos, vendo-se parte dos outros dois.

Comprimento do fragmento: 26 mm. Altura: 8 mm.

(66b) Assim, podem observar-se no Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia de Lisboa, 3, provenientes de Lameirancha, Torres Novas, cotas 17.930, 17.931 e 17.932; 1, de proveniência desconhecida, ct. 17.937; outro, também de proveniência desconhecida, ct. 17.934; 1, de Torre de Palma, ct. 50.290; 1, de Évora, ct. 17.420; 2, do Castelo de Montemor-o-Novo, cts. 15.994A e 15.994B; 1, de Faro, ct. 13.989; 1, dos arredores de Tavira, sem cota (vit. 83); 1, de Óbidos, vit. 87.

No Museu dos Serviços Geológicos de Portugal, em Lisboa, estão 3 das Minas de S. Domingos, Aljustrel, publicadas por Abel Viana, R. Freire de Andrade e O. da Veiga Ferreira, in *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, 1954, Tomo XXXV, pp. 79-92.

No Museu Monográfico de Conímbriga contamos 20 variantes ao mesmo tipo, provenientes das ruínas. Veja-se o artigo de M. Delgado neste mesmo volume de *Conímbriga*.

No Museu Regional de Beja, existem 2, de proveniência desconhecida, publicados por Abel Viana, in *Museu Regional de Beja*, 1944, p. 9, fig. 10.

No Gabinete de Numismática e Antiguidades da Biblioteca Nacional de Lisboa conta-se mais 1, publicada por Jorge Alarcão e Manuela Delgado in *Catálogo do Gabinete de Numismática e Antiguidades*, Lisboa, 1969, pp. 36-37, n.º 35.

Finalmente, no Serviço de Fomento Mineiro, Porto, está depositado mais 1 mascarão, publicado por Luís de Albuquerque e Castro, in «Achados romanos na mina do Fojo das Pombas (Valongo)», *Estudos, Notas e Trabalhos*, vol. XV, fases. 3-4, Serviço do Fomento Mineiro, Porto, 1961, est. III, n.º 11 da sítula n.º 6.

Estas fechaduras eram abertas por aquelas chaves de espigões que penetravam nos orifícios, fazendo, com a volta, levantar-se uma espécie de tranca no interior. Idêntica a uma de Risstissen, Alemanha século i d.C. (67).

33 — *Patilha de um aloquete* (Est. IV)

Patilha em forma de régua, levemente trapezoidal, com o anel pelo qual passava o trinco, implantado no reverso, junto à base. Decoração floral, obtida por pontilhado, e constituída por três pares de folhas geminadas, alternando com dois pares de volutas. No rodapé, de cada lado, um ponto.

O topo, mais espesso, tem ao centro um orifício circular, o qual conserva a ferragem do rebite. Objecto intacto. Bronze.

Altura: 70 mm. Largura na base: 19 mm. Largura no topo: 12,5 mm. Espessura: 2 mm. Altura do anel: 12 mm. Largura do orifício: 6 mm.

Foi encontrado no Forte de Richborough (68) um exemplar idêntico na forma e decoração, talvez mais perfeito como trabalho e acrescido de um estreito friso no topo. As peças parecem ter saído da mesma oficina. Datado de 50-70 d.C..

34 — *Palera* (Est. IV)

Placa cônica de bronze, com perfuração central. Apresenta um contorno prejudicado e vestígios de carvão nas duas faces.

Diâmetro: 31,5 mm. Eixo: 8 mm. Espessura da chapa: 2 mm.

Trata-se da parte central de uma falera, para a qual não é possível encontrar paralelo exacto, dado o seu estado de conservação, mas cujo tipo é frequente no século i d.C. O espólio conserva outro fragmento semelhante que não ilustramos.

(67) G. Ulbert, *Die Römischen Donau-Kastelle Aislingen und Burghöfe*, Berlim, 1959, est. 66, fig. 4.

(68) J. P. Bushe-Fox, *Fourth Report on the Excavations of the Roman Fort at Richborough, Kent*, pi. XL, 148.

35 — *Campainha* (Est. IV)

Campainha de bronze, com campánula ovalada, coroada por uma argola de aro hexagonal e orifício circular. A face externa é decorada, a cerca de dois terços da base, por três sulcos paralelos, sendo mais largo o central.

A base está cercada em todo o contorno.

Altura total: 38 mm. Diâmetro da base: 40 mm. Distância das estrias ao topo: 16 mm. Espessura da chapa: 1 mm.

Estas campainhas, que poderiam fazer parte de um pequeno carilhão ou serem, como a presente, peças isoladas de serviço, estão difundidas em todo o mundo romano, como se verifica pelos paralelos seguintes:

1, de Cambodunum, datada de 27 a.C. a 41 d.C. (69); 1, de Burghofe(70); 1, da Thames Street, Londres (71); 1, da Vila Romana de Cardílio (72).

É provável que a campainha das Paredes, igual à de Cambodunum, tenha cronologia aproximada.

36 — *Agrafe* (Est. V)

Argola circular, de secção romboide, na qual se prendem 4 correntes em malha de cordão, formadas por 5 elos cada. Do elo inferior está suspensa uma espécie de pinça, tacha laminiforme. Algumas malhas estão quebradas e faltam duas tachas. O conjunto é bronze.

Diâmetro da argola: 27 mm. Espessura: 2,5 mm. Comprimento de uma corrente: 30 mm. Comprimento das pinças: 30 mm.

Não encontramos nenhum paralelo exacto. Todavia existem peças deste tipo nos arreios dos cavalos do exército romano, porém

(69) Wemer Krämer, *Cambodunumforschungen*, 1953, I, p. 65, taf. 16, fig. 1.

(70) G. Übert, *Die Römischen Donau-Kastelle Ais Ungen und Burghöfe*, Berlim, 1959, est. 52, fig. 4.

(71) *London in Roman Times*, p. 108, pi. XLVIII, fig. 5.

(72) Adília Alarcão e Jorge de Alarcão, «Achados na Vila romana de Cardílio, (Torres Novas)», *Arquivo de Beja*, 1966-67, p. 313, 93, est. V, 23.

mais resistentes: em geral, em vez de correntes, vêm-se lâminas recordadas. Em vez de tachas, terminais em forma de botões de pressão (73).

É provável que este agrafe se destinasse a prender algo menos resistente que o cabedal, e também menos sujeito a forças opostas. Tecido, por exemplo.

Os agrafes provenientes de Camulodunum são de 61 d.C., afirmando os autores que as argolas com quatro elementos são mais tardias, o que não é confirmado por Krámer que indica argolas com quatro tirantes nos reinados de Nero-Cláudio (74).

37 — *Argola com rebites* (Est. V)

Argola de secção circular, com dois rebites em forma de pinça, quebrados nas extremidades. Bronze.

Diâmetro exterior da argola: 24 mm. Espessura: 4 mm. Comprimento actual dos rebites: 24 mm.

Sem dúvida, espécie de puxador.

38 — *Argola com rebites* (Est. V)

Pequena argola em forma de lúnula, de secção trapezoidal, com dois rebites como a anterior. Bronze.

Diâmetro exterior da argola: 20 mm. Largura máxima: 4 mm. Espessura: 3 mm. Comprimento dos rebites: 30 mm.

39 — *Placa da caixa de uma fechadura* (Est. V)

Placa de ferro, rectangular, feita de folha dupla, com dois pregos de cobre, de secção quadrada e cabeça redonda, colocados em ângulos opostos, meio saídos, prendendo duas peças de fixação ao móvel, que eram provavelmente rectangulares. Muito deteriorada.

Comprimento da placa: 57 mm. Largura: 45 mm. Espessura: 3 mm. Comprimento de 1 prego: 40 mm. Espessura média da haste

(73) C. F. C. Hawkes e M. R. Hull, *Camulodunum*, p. 339, pl. CIII, fig. 9.

(74) *Camulodunum*, pp. 335-339; *Cambodunumforschungen 1953-7, Die Ausgrabung von Holzhäusern Zwischen der 1. und 2. Querestrasse*, Materialhefte zur Bayerischen Vorgeschichte, Heft 9, 1957, pp. 119-120, taf. B, fig. 23, e p. 66, taf. 16, 23.

respectiva: 2 mm. Diâmetro da cabeça: 9 mm. Comprimento actual das peças de fixação: 28 mm. Espessura: 1 mm. Largura: 16 mm.

40 — *Pilum* (Est. V)

Ponta de dardo em ferro, com a forma de urna pirâmide quadrangular alongada, com espigão de secção rectangular.

A ponteira está fracturada no topo. A extremidade do espigão também se apresenta fracturada.

Comprimento actual: 87 mm. Comprimento da ponteira: 53 mm. Largura na base da ponteira: 16 mm. Largura na ponta: 5 mm. Espessura do espigão: 3 mm.

O *pilum* é a arma característica da infantaria romana. Parece ter variado ligeiramente de dimensões. Cronologia difícil de estabelecer, pois foi arma usada desde a Idade do Ferro até ao século iv d.C. (75).

41 — *Prego* (Est. V)

Prego mediano, fundido, cuja haste tem secção quadrada e cuja cabeça é circular. Cobre.

Comprimento: 40 mm. Espessura média da haste: 3 mm. Diâmetro provável da cabeça: 8 mm.

42 — *Prego* (Est. V)

Idêntico ao anterior. Cobre.

Comprimento: 40 mm. Espessura média da haste: 2 mm. Diâmetro da cabeça: 9 mm.

43 — *Prego* (Est. V)

Cavilha de cobre, fundida, cuja haste tem secção quadrada e cuja cabeça é sub-trapezoidal, apresentando vestígios de carvão na face inferior.

(75) Pierre Lavedan, *Dictionnaire illustré de la Mythologie et des Antiquités Grecques et Romaines*, Paris, 1931, p. 556; P. Conissin, *Les armes romaines*, 1926.

Comprimento: 90 mm. Espessura média da haste: 5 mm. Comprimento da cabeça: 16 mm. Largura da cabeça: 11 mm.

44 — *Prego* (Est. V)

Prego grande, de cobre, fundido; haste de secção quadrada e cabeça sub-triangular.

Comprimento: 75 mm. Espessura média da haste: 5 mm. Largura da cabeça: 15 mm.

45, 46, 47, 48, 49 — 5 pregos, de um conjunto de 14 (Est. V)

Num conjunto de 14 pregos de ferro distinguiram-se dois tipos, 4 cavilhas de cabeça redonda ou em forma de tronco de pirâmide quadrangular, com espigão de secção quadrada (n.^{os} 45 a 48), e 10 pregos vulgares, de cabeças circulares e espigões também de secção quadrada.

Estão muito danificados e incompletos.

n.^o 45 — Diâmetro da cabeça: 28 mm. Comprimento actual: 100 mm.

n.^o 49 — Diâmetro da cabeça: 15 mm. Comprimento actual: 58 mm.

Fragmento de mosaico

O espólio contém, inexplicavelmente, um pequeno fragmento de mosaico, o qual apresenta três fiadas de tesselas paralelas, brancas as dos extremos, preta a central — respectivamente, calcário e basalto — bem aderentes ao suporte que é *opus signinum*.

Medem em regra 10 mm X 10 mm.

> Acabamos de descrever 51 objectos, dos 60 que constituem o espólio desta sepultura de incineração. Comparando, dataram-se rigorosamente 17 peças às quais foi atribuída a seguinte cronologia:

1.^o *quartel do séc, I d.C.* — 1 *skyphos*, 3 unguentários de vidro, 2 taças de vidro azul-cobalto;

meados do séc. I d.C.— 1 lucerna, 2 pratos e 1 taça de terra sigilata, 1 copo e 1 fragmento de copa de vidro lapidado, 1 campainha;

do 3.º quartel ao final do séc. Id.C. — 1 patilha de aloquete e 3 boiões de vidro.

Processo análogo permitiu situar algures no *séc. I d.C.* as 10 peças adiante: 1 *dolium*, 1 jarrinha, 1 fíbula, 1 fivela de cinturão, 1 bordo de uma taça de vidro, 1 armela de situla, 1 agrafe, 1 elemento de fechadura e 2 fragmentos de faleras.

28 objectos, excluindo o mosaico, desafiam qualquer datação precisa. Ou são atípicos persistindo longamente, como as 4 argolas, o botão, o *pilum*, os pregos e o fragmento de caixa de fechadura, ou não têm paralelos, pelo menos que conheçamos, na estratigrafia datada — é o caso da marca de jogo, do aferidor de polegadas, e da fivela n.º 23.

4 peças destoam cronologicamente do contexto: 2 bordos de taça de vidro do século n d.C., uma fivela com paralelo no século iv, e o suposto fusilhão zoomórfico. Ou estão ali por acidente, ou as formas são antecipáveis.

É que, se se reunirem às 27 peças do século i, que são afinal as mais importantes e características do conjunto, as 28 atípicas ou raras, temos que toda a sepultura é da primeira centúria da nossa era, provavelmente com uma cronologia à volta de 90 d.C.. Abona tal hipótese o tipo de tumulização e a quantidade de objectos do contexto — em verdade rara e que mais faz lembrar um enterramento da Idade do Ferro.

Aliás, qual a data das inscrições transcritas encontradas na necrópole? A inscrição do cipo é do primeiro quartel do século n. As restantes são do século i. É de crer que toda aquela parte do cemitério seja do período em questão.

A natureza do espólio parece confirmar ser o indivíduo cremado do sexo masculino — Quintus Valerius—e de elevada posição social. Com efeito, não se encontra um único adorno feminino e, ao contrário, surge uma arma: o dardo. Igualmente, o contexto é formado por peças não só supérfluas, como invulgares, o que indica um alto poder de compra e ausência de qualquer profissão específica. É interessante sugerir que poderia tratar-se de um cidadão peregrino que, na sua juventude, primeiro quartel do séc. i d.C. tivesse prestado serviço militar na infantaria romana, fazendo parte de qualquer unidade fixada na Itália ou no Mediterrâneo Oriental — regra aplicada aos legionários

hispanicos, que eram enviados para longe da pátria — aí adquirindo aqueles objectos que considerámos helenísticos: o *skyphos* — a lucerna, as taças de vidro azul-cobalto.

Regressado ao lar, poderia ter-se tornado um senhor rural, um alto funcionário, etc., falecendo no final da centúria.

O mobiliário da sepultura contém um completo serviço de mesa, com os pratos e taça de terra sigillata, o copo de vidro lapidado, o *skyphos* de decoração dionisiaca para as libações; um serviço de «toilette», constituído pelos unguentários e boiões; a patilha do aloquete deveria pertencer a um cofrezinho, o qual, presumivelmente, conteria as moedas rituais. Ardeu na cremação e as moedas dispersaram-se, talvez mesmo modernamente. Hipólito Cabaço viu-se forçado, há muitos anos, a desfazer-se da sua colecção de Numismática. Os pregos, como a fechadura e as argolas poderiam pertencer ao caixão, desaparecido no fogo. Quanto à campainha, até que ponto era objecto de uso pessoal ou objecto votivo, algo para convocar a alma do defunto? Recorde-se a campainha do culto imperial encontrada em Tarragona (76). Resta o mascarão da sítula — cujo significado pode ser idêntico: ou é votivo porque o vaso a que pertencia o era, ou é usado como substituto de máscara funerária — motivo por que se encontram tantas armelas e tão poucas sítulas — ou simbolizava todo o utensílio, precioso para o proprietário.

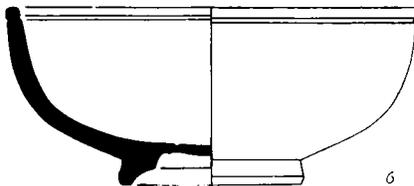
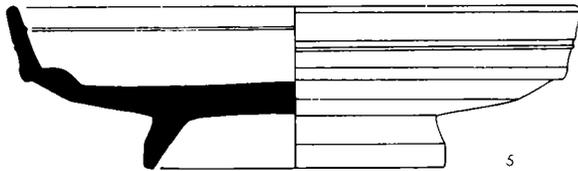
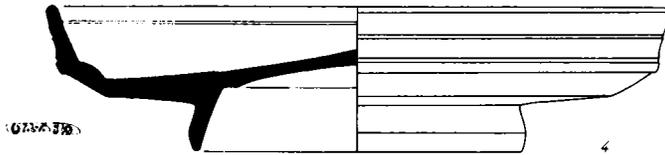
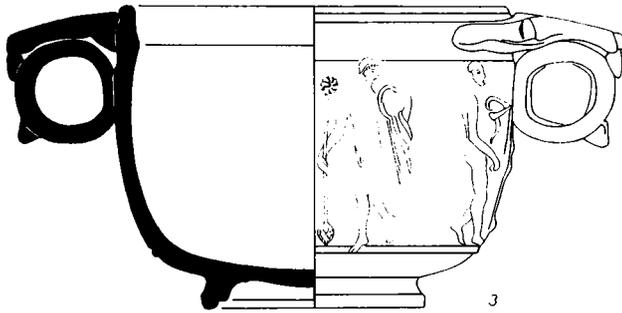
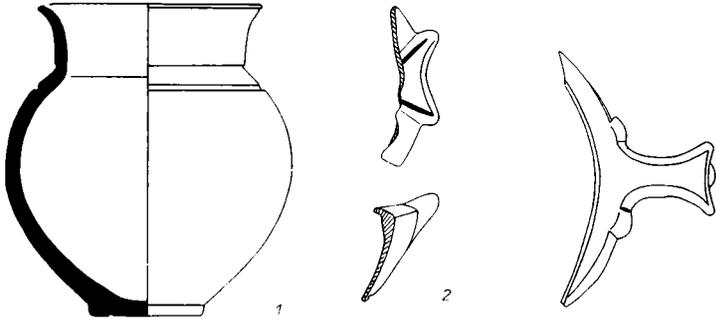
Eis o que se nos ofereceu dizer acerca do *dolium* cinerário da necrópole das Paredes, a sul da vila de Alenquer. Cabe aqui agradecer ao respectivo Município, muito especialmente ao seu Presidente, Ex.^{mo} Sr. João Mário Ayres de Oliveira, o espírito de compreensão e o auxílio que possibilitaram o nosso trabalho.

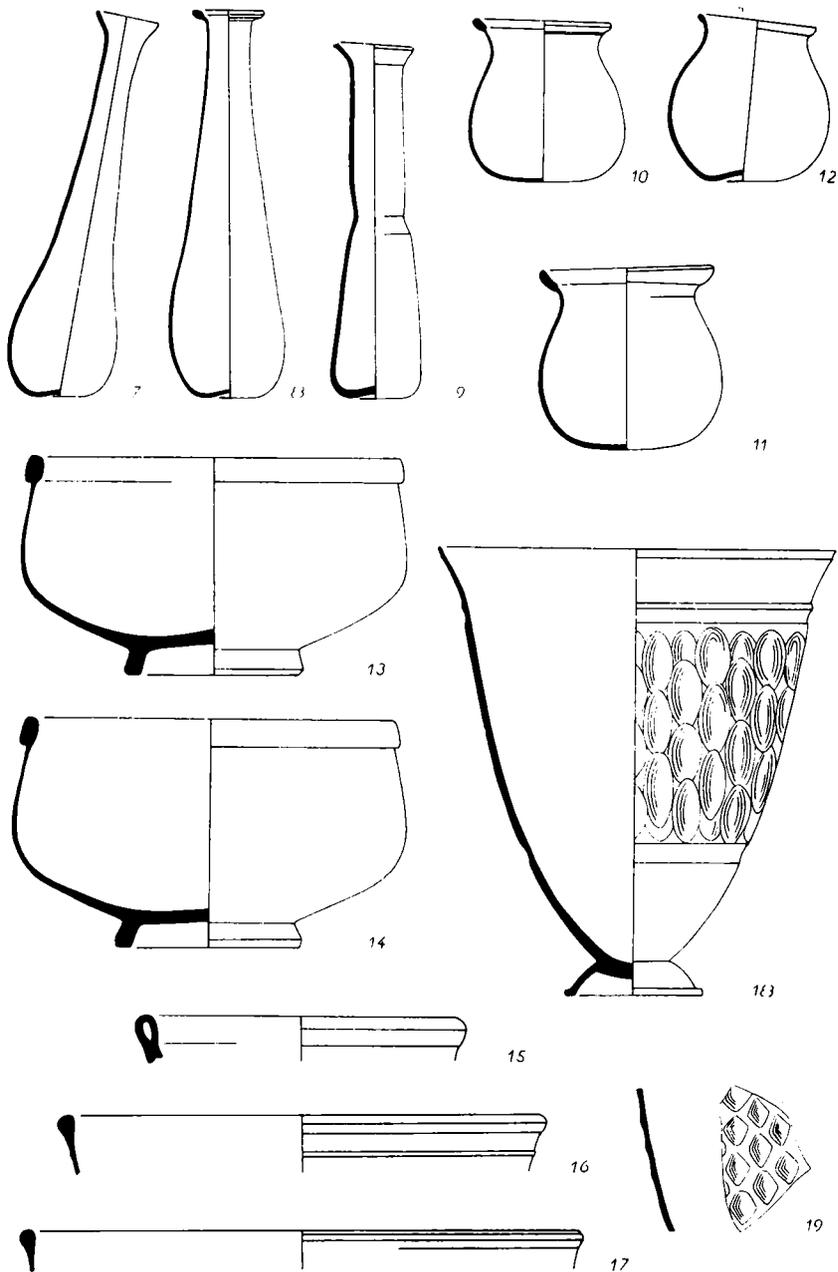
MARIA AMÉLIA HORTA PEREIRA

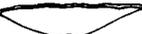
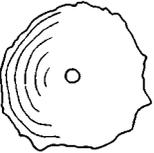
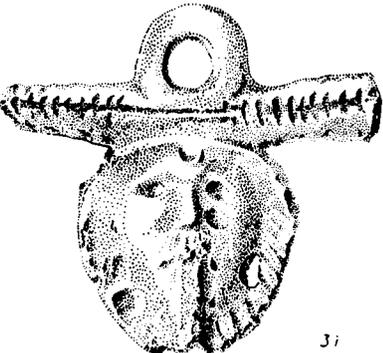
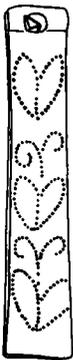
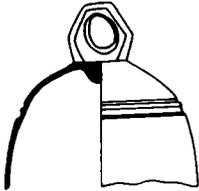
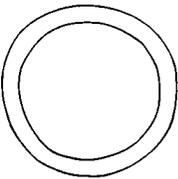
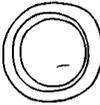
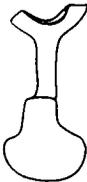
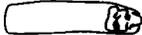
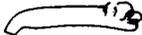
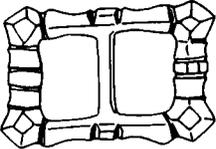
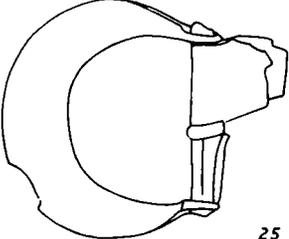
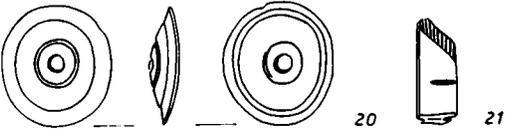
(76) Manuel Torres, «La Peninsula Hispánica, Provincia Romana», *Historia de España*, t. II, Madrid, 1935, pp. 287-487, p. 437, fig. 243: *Cacabulis Sacris Augustis*.

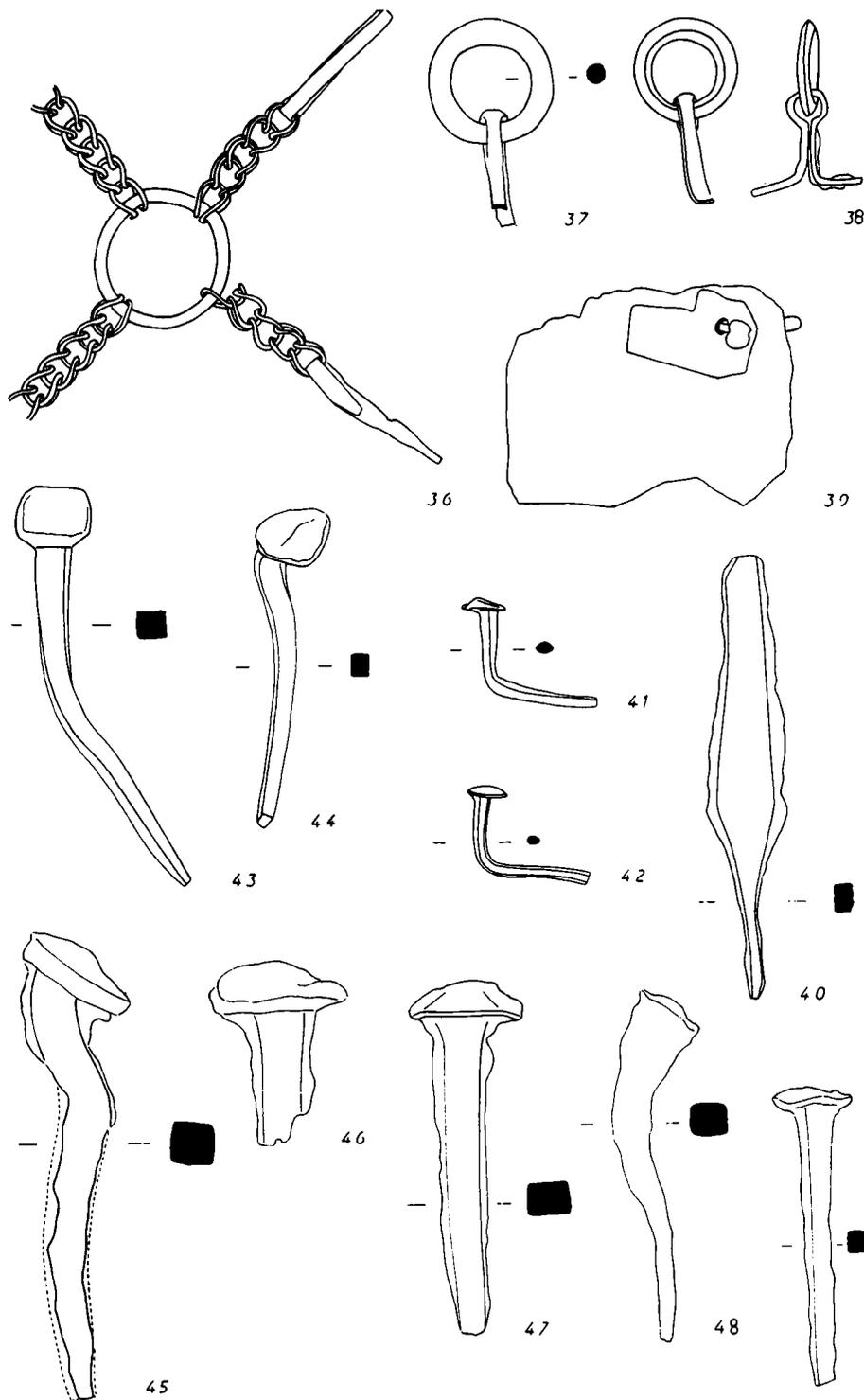


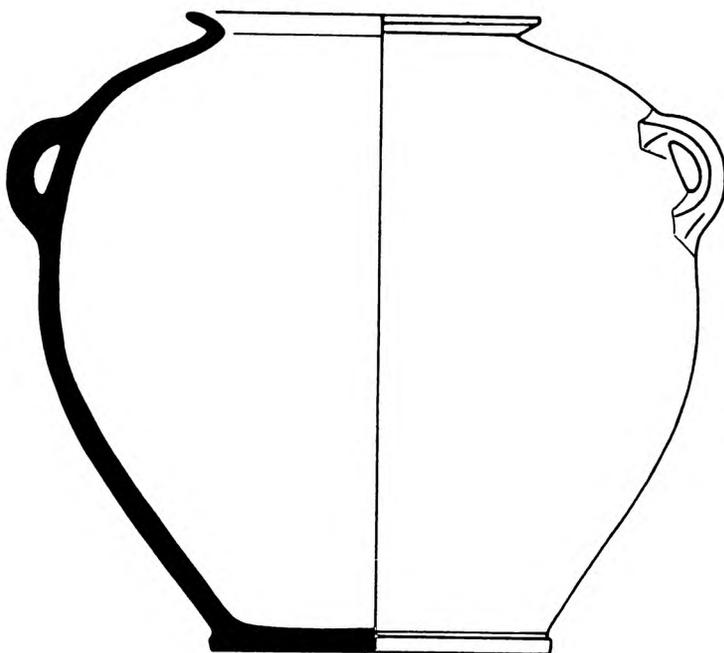
(Página deixada propositadamente em branco)











Escala 1 : 8



Est. VII



DUAS NOTAS SOBRE LUCERNAS DA NECRÓPOLE ROMANA DE VALDOCA (ALJUSTREL)

1. SOBRE A LUCERNA DA SEPULTURA 356.

Em 1966, no volume V desta revista, J. e A. Alarcão publicaram o espólio da necrópole das minas romanas de Aljustrel.

A mais curiosa das lucernas desse espólio, encontrada na sepultura 356, tem o disco ornamentado com um cão adormecido. Descrevem-na assim os autores:

«Barro mole, pulverulento, com algumas areias, mas miúdas, amarelo-rosado, sem engobe.

Sobre o disco, um cão adormecido, enroscado, com a cabeça sobre as patas anteriores. Bico comprido. Dois cones invertidos na transição do disco para o bico. Asa perfurada e com três riscos longitudinais.

Fragmentada. Reconstituída com gesso.

Altura: 49 mm; comprimento sem asa: 134 mm.»

Acrescentaram os autores que não tinham encontrado paralelo para esta lucerna (1).

Em abono da verdade, deve dizer-se que ainda hoje não conhecemos outra lucerna precisamente igual a esta. Simplesmente chegaram-nos às mãos duas obras com exemplares semelhantes em bronze: a obra de David Gordon Mitten e Suzannah F. Doring, *Master*

(1) J. e A. Alarcão, «O espólio da necrópole luso-romana de Valdoça (Aljustrel)», *Conimbriga*, vol. V (1966), p. 75 e Est. XXVI.

Bronzes from the Classical World (2) e a de Szentléleky sobre lucernas antigas da Hungria (3).

Trata-se, no primeiro caso, de uma lucerna de bronze, de base circular, bico com volutas, sem asa e no disco um galgo, adormecido, enroscado em volta de um cachorrinho com a cabeça apoiada sobre as patas anteriores. Comprimento: 172 mm (4).

O autor esclarece que esta lucerna deve ser proveniente de Alexandria e que pertence a um tipo de lucernas fabricadas em bronze ou em barro, durante a época dos Júlio-Cláudios, isto é, durante o século i d.C., mais propriamente até ao ano 60 d.C..

A lucerna publicada por Szentléleky tem um reservatório circular, um bico comprido com volutas muito rudimentares, o disco decorado com uma cadela enroscada, empurrando com uma das patas trazeiras um cãozinho de cabeça voltada para o bico da lucerna. Esta peça tem uma asa em arco de círculo, decorada com uma palmeta na raiz; a outra extremidade da asa não se liga ao disco, mas remata no ar, aberta como uma flor e seria tapada com um remate que desapareceu. Comprimento: 194 mm (5). O autor não data esta peça.

Também Jean Deneauve publicou recentemente uma lucerna de Cartago, esta de barro, decorada com um leão deitado sobre o disco como na lucerna de Aljustrel e pelo autor atribuída ao século m d.C. (6).

2. SOBRE O FABRICANTE L.I.R.

Na necrópole de Valdoca apareceram duas lucernas de barro acastanhado, disco liso e côncavo, margem sem ornamentação, bico em forma de cauda de peixe, decorado com duas volutas e entre elas uma folha; asa perfurada. Marca esgrafitada no fundo, antes da cozedura: L.I.R. (7).

(2) David Gordon Mitten-Suzannah F. Doeringer, *Master Bronzes from the Classical World*, Nova Iorque, The Fogg Art Museum, 1968.

(3) Tihamer Szentléleky, *Ancient Lamps*, Amsterdão, Adolf M. Hakkert, 1969.

(4) *Ob. cit.*, p. 298. Lucerna do Boston Museum of Fine Arts.

(5) *Ob. cit.*, n.º 283. Lucerna do Museum of Fine Arts de Budapeste.

(6) Jean Deneauve, *Lampes de Carthage*, Paris, Centre National de la Recherche Scientifique, 1969, n.º 1066.

(7) J. e A. Alarcão, «O espólio da necrópole luso-romana de Valdoca (Aljustrel)», *Conimbriga*, vol. V (1966), pp. 37 e 80.

Ora ao mesmo tempo Luzón publicou um grupo de vinte e seis lucernas de Riotinto semelhantes a estas e com a mesma marca (8).

As lucernas de Valdoca foram datadas do século i d.C. (9), enquanto Luzón, baseando-se nas moedas de António Pio e Marco Aurélio encontradas entre o espólio das minas de Riotinto, datou as lucernas, daí provenientes, dos meados do século n d.C. (10).

Interessa-nos, antes de mais nada, tentar resolver esta diferença de datação.

Em que se baseou Luzón para datar as lucernas de Riotinto dos meados do século n?

Começa por afirmar que se desconhecem as circunstâncias em que foram achados os vários exemplares, pois procedem de escavações desordenadas levadas a cabo pela companhia inglesa no ano de 1930, na zona de «Llano de los Tesoros» (11). E toma por base de datação as moedas de Marco Aurélio, António Pio e das Faustinas encontradas entre o espólio funerário da necrópole que tinha uma extensão de mais de dois quilómetros.

Repare-se que o autor não diz que as referidas moedas aparecem juntamente com as lucernas de marca L.I.R. Porque é que as data então do século n ? Além disso, ainda divide as lucernas em dois grupos, A e B. Ao primeiro atribui as de fabrico cuidado, cujas marcas, inscritas num círculo, se apresentavam em letra capital quadrada. Data-as dos finais do século i e princípios do século n.

No grupo B enquadra a grande maioria dos exemplares, que considera derivado do tipo A.

Talvez por um aumento de produção a que interessava mais a quantidade do que a qualidade, as lucernas foram fabricadas com pouco esmero. As marcas apareceram inscritas numa elipse terminada

(8) J. M. Luzón, «Lucernas mineras de Riotinto», *Archivo Español de Arqueología*, vol. 40 (1967), pp. 138-150.

(9) J. e A. Alarcão, *art. cit.*, pp. 26, 38 e 80 e Ferreira de Almeida, «Introdução no estudo das lucernas romanas em Portugal», *O Arqueólogo Português*, nova série, vol. II (1963), a propósito das lucernas n.ºs 119, 122, 253, 124, 248, 247 e provavelmente, as n.ºs 110 a 127, 247 a 254, 264 e 265.

(10) Luzón, *art. cit.*, p. 141.

(11) Luzón, *art. cit.*, p. 139.

em ponta com os caracteres, por vezes, a tender para a forma cursiva (12). O autor data-as dos meados do século n.

Note-se que no grupo A apenas foi descrita uma lucerna, o que toma ainda mais insustentável a separação dos tipos A e B e a datação do tipo A baseada no critério de perfeição.

Examinemos agora os materiais que acompanhavam as lucernas da mesma marca encontradas em Valdoca.

A lucerna da sepultura 353 é idêntica à da sepultura 118 e juntamente com esta apareceram dois potes que, pela forma e natureza da pasta, podemos datar do século i. Todavia, J. e A. Alarcão comparam estas lucernas à da sepultura 59 que classificaram dos tipos Dressel 10, Loeschke 1 e Paiol 2 b. Ora, Paiol data do reinado de Augusto o tipo 2 b; o tipo Loeschke 1 é do século i d.C. nas suas três variantes (A — até ao reinado de Tibério; B — primeira metade do século i e C — da segunda metade do século i). Esta lucerna de Valdoca caberia no subtipo B de Loeschke 1 e é portanto datável da primeira metade do século i (13). Deste modo podemos concluir que as lucernas com a marca L.I.R. poderão ser datadas da mesma época, e não do século n como pretende Luzon.

Quanto à marca L.I.R., que se saiba, a não ser nestes dois exemplares de Valdoca, não voltou a aparecer em Portugal. E fora do nosso País só temos notícia das lucernas mineiras de Riotinto e da que Luzón ainda refere existente no Museu Arqueológico de Madrid e em Campofia (14).

De assinalar que as lucernas deste tipo e com a mesma marca só têm aparecido em regiões mineiras, o que nos leva a crer que L.I.R. é um fabricante que produziu em quantidade para as minas.

Luzón situa o oleiro L.I.R. no sudoeste da Península Ibérica (15), o que não custa a aceitar, pois por enquanto só conhecemos as suas lucernas provenientes desta região.

(12) Luzón, *art. cit.*, p. 141.

(13) J. e A. Alarcão, *art. cit.*, p. 26.

(14) Luzón, *art. cit.*, p. 141 — A lucerna do Museu Arqueológico de Madrid foi encontrada nas minas e ordovesas do Cerro Muriano e a outra é pertença de Dona Joana Vázquez e procedente da mina «Poderosa» situada nas imediações de Campofrio.

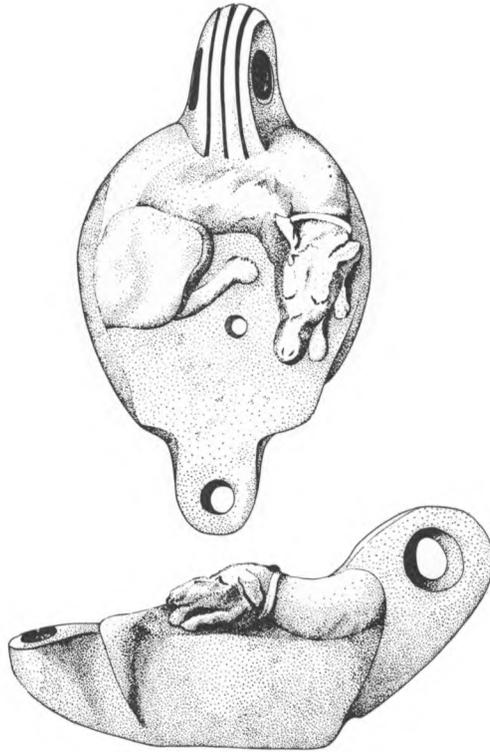
(15) Luzón, *art. cit.*, p. 141.

Consideramos as lucernas de Valdoca como dois exemplares de lucernas mineiras produzidas pelo oleiro L.I.R. e talvez não tenham sido os únicos a chegar às minas de Aljustrel. Delas deixamos este breve apontamento, aguardando que futuras escavações arqueológicas, realizadas em zonas mineiras, nos venham trazer mais elementos sobre o assunto.

CLAUDETTE BELCHIOR

(Página deixada propositadamente em branco)

Est. I



Escala 1 : 2



Com autorização do Museum of Fine Arts de Boston

(Página deixada propositadamente em branco)

RECENSÕES BIBLIOGRÁFICAS

(Página deixada propositadamente em branco)

O. DA VEIGA FERREIRA e S. DA VEIGA FERREIRA, *A vida dos Lusitanos no tempo de Viriato*. Lisboa, Editorial Polis, 1969. 261 pp. -- 7 inum., 42 figs. Prefácio de D. Fernando de Almeida.

Seria fácil enunciar, a propósito dos Lusitanos, problemas que os autores nem sequer formulam e apontar trabalhos importantes de arqueólogos e historiadores que o Doutor Veiga Ferreira e sua filha não citam. Mas não poderão os autores argumentar que não pretendiam fazer obra erudita mas apenas um livrinho para recreio do leitor comum? Para «os estudantes das escolas e dos liceus e mesmo aqueles que, frequentando as Universidades, pouco sabem deste aspecto tão importante da história de parte do território que viria a ser Portugal» — dizem na p. 18. Temos, portanto, de julgar o livro como obra de divulgação, não como literatura erudita. Poderemos, por outro lado, lamentar que os autores não tenham produzido um estudo mais sério sobre os Lusitanos, mas não podemos exigir desta obra a erudição que os autores, por opção, por propósito, lhe recusaram.

Aliás, o que os autores recusam não é propriamente a erudição mas o eruditismo. Dizem, na p. 43, que tiveram em mente «a necessidade de o redigir (*este livro*) para todos os interessados nos problemas da nossa história antiga, sem a preocupação de eruditismos que só serviriam para complicar e não esclarecer».

Do vício de complicação não podem ser arguidos os autores. Poderão até algumas vezes ser censurados por excessiva simplificação, como no caso do mapa das campanhas lusitanas da fig. 33. Não me parece que seja mais complicado o mapa publicado por H. G. Gundel no seu artigo sobre Viriato acessível na tradução espanhola de J. M. Blázquez publicada em *Caesar augusta*, 31-32 (1968), pp. 175-198 — e este mapa tem a vantagem de ser muito mais completo e esclarecedor dos movimentos dos Lusitanos.

Se os autores não podem ser arguidos de complicação, podem ser censurados por vários erros no domínio dos factos: a batalha de Zama deu-se em 202 e não em 208 a.C. (p. 16); o cônsul que ocupou Móron e levou as tropas romanas pela primeira vez até ao Minho é Décimo e não Sexto Júnio Bruto (*passim*); os campos de urnas encontrados no Alentejo e publicados por A. Viana como necrópoles célticas (p. 28) são bem romanos (ou será que os autores se referem a campos de urnas que eu ignoro?); o dolium servia para armazenar e não para cozinhar (pp. 46-48); quem, pela perfídia, venceu Viriato, foi Servilius Caepio e não Scipio (p. 92); Suetónio (Galba, IX) não menciona apenas «uma profetiza que previu a chegada de Sertório» (p. 157), mas duas, uma das quais previu *talvez* o aparecimento de Sertório e a outra *de certeza* anunciou o império a Galba; o sucessor de Vetúlio foi o pretor e não o

questor C. Plaudo (p. 184); o tratado que Viriato fez com as tribos da montanha a seguir ao seu refúgio no Monte de Vénus foi em 146 e não 143 a.C. (p. 185).

Podem ainda os autores ser arguidos de imaginação que a realidade desmente e noutros casos não apoia. Assim, na p. 41, imaginam a população de um castro: «O ferreiro, com o seu avental de couro, a cabeça nua, os braços fortes, tismados pelo sol, os guerreiros, a velha triste que vem da necrópole...» É sabido que nos castros não se têm encontrado necrópoles (veja-se o artigo de Garcia y Bellido, «O problema dos enterramentos na cultura castreja», *Revista de Guimarães*, LXXVI (1966), pp. 5 ss., que os autores aliás conhecem, porque o citam). Na p. 54, o «esboço de traje de lusitana no tempo de Viriato» denuncia a menina leitora de contos de fadas e não a «senhora criada, pode dizer-se, entre castros e grutas», para me servir das palavras do prefaciador, Doutor D. Fernando de Almeida, a propósito de Seomara da Veiga Ferreira. Parece-nos que o traje que a autora imagina para a mulher lusitana se baseia em exemplos de estatuária do Sudeste peninsular. Para além do erro que isto representa, pois a cultura dos Lusitanos não é a dos iberos *sensu stricto*, a reconstituição do traje é demasiadamente fantasista. Muitas outras figuras, além desta, são mediocres: o mapa da p. 21 é ilegível e grande parte das gravuras foi certamente feita de fotografias não originais mas já reproduzidas de outras fotografias.

Além dos erros no domínio dos factos e da imaginação, a obra peca por omissão. Poderão justificar-se omissões pela exigência da clareza e acessibilidade do texto. Há, porém, problemas a que os autores poderiam ter-se referido sem que daí resultasse obscurecimento do texto. Um desses problemas reputamo-lo magno.

Poderão os castros do noroeste peninsular e o espólio aí achado servir para imaginar a vida dos Lusitanos no tempo de Viriato? Os autores antigos (e modernos) estão de acordo em que o território central dos Lusitanos eram as terras altas da Beira. As povoações aqui localizadas até à data são raras e nenhuma foi objecto de escavação, pelo menos de escavação séria, extensa e publicada. Daqui se concluirá que, ignorantes dos povoados dos Lusitanos e do seu espólio, não podemos pretender escrever uma *Vida dos Lusitanos no tempo de Viriato*. Ou será que os castros do noroeste também pertencem aos Lusitanos? Ou será que os povoados lusitanos das terras altas da Beira se assemelham aos castros do noroeste? Que armas, jóias e mais alfaias dos Lusitanos, trajos e crenças deste povo não divergiam muito das dos povos do noroeste?

O problema podia (e devia) ter sido posto e podia sê-lo sem confundir o espírito dos leitores aos quais a obra se destina.

Dirão os autores que os Lusitanos cuja vida descrevem não são os Lusitanos *stricto sensu* mas todos os povos do território que hoje constitui Portugal: «Frisámos que denominamos Lusitanos um conjunto de povos que habitavam a parte ocidental da Península, ocupando a zona entre o Douro e o Tejo (zona de primordial importância) e zonas limítrofes a norte do Douro e a sul do Tejo, atingindo numa terceira fase o território entre o rio Minho e o Guadiana pois eram esses os limites do país no tempo de Viriato».

Transcrevemos na íntegra este parágrafo por requerer comentários.

Quais eram, no entender dos autores, os limites do país no tempo de Viriato?

«Esses» não se refere certamente aos rios Minho e Guadiana, pois então os autores diriam «estes». Refere-se ao Douro e Tejo? Mas então, se eram estes os limites do país, como é que os autores se vão servir da arqueologia castreja (isto é, do noroeste peninsular acima do Douro) para imaginar a vida dos Lusitanos no tempo de Viriato? Ou esses limites compreendiam no tempo de Viriato as zonas limítrofes a norte do Douro e a sul do Tejo? Isto é historicamente falso, pois a fixação dos Lusitanos a sul do Tejo, referida por Estrabão, só teve lugar depois das guerras viriatinas e talvez mesmo só no tempo de Júlio César.

Há, na definição de Lusitanos, uma indecisão que vicia toda a obra e melhor se denuncia na p. 92: «um povo que ocupava, a partir do litoral, uma zona vasta e, de norte a sul o país entre o Douro *ou* Minho e o Guadiana» (o itálico é nosso).

Se o país dos Lusitanos não compreendia a região do Douro ao Minho, os autores não deviam ter utilizado a arqueologia castreja na reconstituição da vida dos Lusitanos. Se o país compreendia aquela região, está certo que se tenha em conta a arqueologia castreja, mas deviam os autores ter insistido devidamente no facto de essa cultura ser apenas uma das culturas do país e não representativa dos Lusitanos *sensu stricto*. O castro noroestino correspondia a uma comunidade de famílias iguais em direitos, na qual as funções políticas eram rudimentares e a propriedade da terra comunitária. Pelo que sabemos dos Lusitanos de entre Douro e Tejo, os grupos aqui eram comunidades políticas fundadas em relações de vizinhança e não apenas de consanguinidade; a desigualdade de riquezas amplamente documentada sugere grandes diferenças sociais. Para estes pontos não chamam os autores devidamente a atenção.

Passam os autores rapidamente sobre a origem dos Lusitanos nas pp. 26-27, citando Leite de Vasconcelos, Schulten e Mendes Correia. Ora o artigo que Lambrino consagrou aos Lusitanos no volume I da revista *Euphrosine* teria servido de melhor guia do que os trabalhos daqueles três eruditos e talvez tivesse evitado aos autores a conclusão seguinte: «Mas o que parece lógico é que os Lusitanos devem ser um povo de raiz autóctone, vindo já da pré-história...» Parece-me que os argumentos invocados por Lambrino a favor do celtismo dos Lusitanos são mais pesados do que as razões aduzidas por d'Arbois de Jubainville ou Bosch-Gimpera a favor da autoctonia. E desde quando é que a «lógica» é argumento para decidir da origem de um povo? Ou pretendem os autores dizer que a conclusão «lógica» de argumentos anteriores é a autoctonia dos Lusitanos? Como não apresentam, porém, nenhuns argumentos a favor da autoctonia, não se pode falar de conclusão «lógica». A lógica aparece aqui, portanto, como *deus ex machina* que se invoca para confirmar uma tese que se não defende com argumentos.

No capítulo sobre a religião, não citam os autores a obra fundamental de Blasquez Martinez, *Religiones primitivas de Hispania*, Roma, 1961, que muito os teria ajudado. Também, se tivessem lido Ch. Guyonvare'h, «Notes d'étymologie et de lexicographie celtique et gauloise, 11,5. Le problème du Borvo gaulois: mot figure ou celtique», *Ogam*, XI (1959), pp. 164 ss. seriam mais cautelosos na atribuição da origem figure ao culto de Bormo (p. 119). Se tivessem consultado Toutain, *Les cuites paiens dans l'Empire Romain*, III, p. 134, não considerariam Atégina uma deusa da fecundidade mas uma divindade puramente infernal. Se tivessem

lido Lambrino, «La déesse celtique Trebaruna», *Bulletin des Études Portugaises*, XX (1957), pp. 87 ss., não teriam aceite tão facilmente a identificação proposta por Leite de Vasconcelos entre Trebaruna e Vitória.

Resta-nos lamentar algumas falhas de redacção. «Era preciso caçar, constituir a ração dos alimentos, os forrageadores» (p. 178); «As mós utilizadas na farinação ou eram formadas por duas pedras avulsas — mó de tipo neolítico mas que perdura na época dos metais — e a mó redonda» (p. 197); «São esculturas em uma só pedra tal como a maior parte das estátuas dos guerreiros, e dizemos «a maior parte» porque algumas não eram esculpidas num só bloco» (p. 224).

Na bibliografia final, muitas indicações são incompletas.

J. ALARCÃO

ANTIQUITÉS AFRICAINES. *Revista anual de arqueologia editada pelo Centre National de la Recherche Scientifique.*

O Centre National de la Recherche Scientifique lançou uma nova revista de arqueologia. Dirigida pelo Prof. Jean Lassus, com um conselho de leitura de originais composto de membros que têm dedicado grande, senão a maior, parte do seu tempo e da sua obra à arqueologia norte-africana, a nova revista — *Antiquités Africaines* — publica estudos de história e arqueologia sobre a África do Norte da Proto-história à conquista árabe. Foram já publicados três volumes: 1 (1967); 2 (1968); 3 (1969).

Os artigos são variados: históricos, epigráficos, numismáticos, arqueológicos. Os temas destes últimos vão dos mosaicos à cerâmica, das esteias funerárias à arquitectura. No conjunto, o período romano da África do Norte é o mais estudado. Os estudos de história sócio-económica estão representados por artigos de H. d'Escurac-Doisy sobre as associações de camponeses no Alto-Império (1, pp. 59-72), C. Lepelley sobre a situação da agricultura africana no Baixo-Império (1, pp. 135-44), A. Lézine sobre as populações das cidades norte-africanas (3, pp. 69-82). Os trabalhos de topografia antiga, por artigos de R. Rebuffat sobre a localização de *Babba Iulia Campestris* (1, pp. 31-58) e M. Le Glay sobre Icosium (2, pp. 7-54). J. Marcillet-Jaubert, S. Toorrenc, M. Euzennat, H. G. Pflaum publicam estudos epigráficos.

Os relatórios de escavações reduzem-se a dois artigos de Baradez sobre necrópoles de Tipasa, nos volumes 2 e 3, irregulares na ilustração, insuficientes no estudo dos materiais. Na arqueologia romana norte-africana continua a verificar-se a mesma falta de escavações metódicas, que contrasta com o nível científico dos estudos epigráficos, históricos e histórico-artísticos, de que esta revista apresenta alguns excelentes exemplos, e mesmo com o nível de certos estudos sobre cerâmica como os de J. P. Morei sobre campaniense (2, pp. 55-76) e F. Zevi e A. Tchemia sobre ânforas (3, pp. 173-714).

J. ALARCÃO

- J. R. **TERRISSE**, *Les céramiques sigillées gallo-romaines des Martres-de-Veyre (Puy-de-Dôme)*, XIX supp. a *Gallia*, Centre National de la Recherche Scientifique, 1968. 162 pp., 58 ests., 55 figs..

Fruto de investigações metódicas conduzidas desde 1936, esta obra vem consagrar Martres-de-Veyre como um dos mais representativos centros produtores de «terra sigillata» na Gália Central, logo abaixo de Lezoux.

Na sua introdução ao livro de Stanfield-Simpson *Central Gaulish Potters* (1958), G, Simpson menciona os diversos centros de produção nas vizinhanças de Lezoux e declara que muitas vezes é impossível saber em qual deles trabalhou determinado oleiro, tanto mais que parece evidente que alguns artistas se empregaram em mais do que um centro.

Terrisse confirma esta dificuldade, mas dá grande passo para a sua resolução.

O exame atento dos materiais encontrados em Martres-de-Veyre permite-lhe definir com segurança os estilos individuais dos oleiros que lá trabalharam e avançar o estudo das suas relações hierárquicas e períodos de actividade, das associações efectuadas entre alguns deles e dos seus movimentos migratórios.

Para classificar os estilos, o autor partiu da distinção correcta entre fabricantes de moldes e vasadores de moldes. Chegou a essa distinção observando que os moldes apresentam, por vezes, um nome gravado, geralmente cursivo, ou outros sinais que serviriam para identificar aqueles que os tinham fabricado.

Estas marcas apareceram junto do fundo externo dos vasos, relevadas e retrógradas. Na maior parte dos casos terão sido disfarçadas ou encobertas pelo anel que se uniu ao vaso para lhe servir de base. Assim se explica que tenham passado tantas vezes despercebidas ou insuspeitadas e que os especialistas de «terra sigillata», em face do nome do vasador, marcado a punção, atribuam a este um estilo decorativo que lhe não pertence (pp. 31 e 33).

Os nomes apostos pelos vasadores tinham função de permitir distinguir o trabalho feito por cada um deles, após a cozedura em forno colectivo. Esta explicação é comprovada pela frequência de marcas na cerâmica lisa e pela sua raridade na decorada. Efectivamente, só quando mais do que um vasador trabalhava sob as directrizes de um mesmo fabricante de moldes, se faria sentir a necessidade de marcas individualizantes.

Nem sempre, porém, a identificação dos estilos pode ser feita a partir das marcas apostas nos moldes. Terrisse recorre, nesses casos, ao exame dos punções decorativos de enchimento dos espaços vazios entre os motivos principais, os quais permitem uma individualização certa (p. 35). Os ornamentos utilizados na decoração do friso inferior também auxiliam a caracterizar os estilos individuais, na medida em que parecem ser específicos a cada fabricante de moldes (p. 34).

O autor observa que, excepcionalmente, certos fabricantes de Martres-de-Veyre terão mesmo utilizado esses punções em comum (p. 35), mas conclui que, não obstante a coincidência de motivos e as influências de gosto, é sempre possível apreender a unidade de estilo de cada artista.

São reconhecidos nove fabricantes de moldes: Drusus, Igocatus, Patemus, «Mestre da roseta», Sacirius, Satus, «Mestre X», «Mestre X 2» e «Mestre X 6».

Os oleiros Billicedus, Donnaucus, Ioenalis, Medetus, Rantus e Tasgillus a quem tradicionalmente se atribuem estilos próprios ou de grupo, não são aceites como genuínos artistas criadores. Terrisse classifica-os como vasadores de moldes ou aprendizes, embora admita que alguns deles possam ter chegado a trabalhar por conta própria, quer em Martres-de-Veyre, quer em alguma oficina de Leste, ou como associados (p. 57).

O oleiro denominado X3 na obra de Stanfield-Simpson é identificado (p. 39) com Drusus (anterior ao oleiro do mesmo nome publicado por aqueles autores) (1). Os fragmentos pertencentes a este artista perfazem quase 50% dos desperdícios encontrados em Martres-de-Veyre; muito poucos são de forma diferente da Drag. 37 e da Drag. 64 (p. 39).

O autor distingue três fases no estilo de DRUSUS I (1.^a — decoração de gladiadores. 2.^a — ornamentos geométricos. 3.^a — combates de animais) que analisa de forma demasiadamente sucinta e ilustra caoticamente (p. 41). Afirma que persiste (sem explicitar argumentos) em situar esta produção nos anos 90-130, não aceitando o período de 100 a 120 proposto por Stanfield-Simpson com base na cronologia dos locais de achado em Inglaterra (p. 39).

Para o oleiro cujo nome é tradicionalmente interpretado como COCATUS, reclama justamente a leitura IGOCATUS; este terá sido vasador no início da sua carreira, como se prova pela frequência de sua marca em taças lisas (pp. 45-46).

A datação proposta por Stanfield-Simpson (100-120) é posta em causa por Terrisse quando diz que a assinatura do oleiro, em forma de círculo (fig. 4 e Est. LIII), parece ser um pouco anterior a Drusus I. O argumento não é, todavia, muito decisivo (p. 45).

PATERNUS, cujo nome aparece sempre em grande módulo e retrógrado, está presente em Martres-de-Veyre, mas Terrisse crê que ele nunca aí trabalhou. Os seus moldes terão vindo de fora, oferecidos, vendidos ou alugados (p. 49).

Duas marcas com o mesmo nome, mas em pequeno módulo e impressas a punção, teriam pertencido a um homónimo de Martres-de-Veyre.

SACIRIUS é apresentado como um artista pela primeira vez identificado. A descoberta do seu nome em grafito relevado sobre o fundo externo de um fragmento Drag. 30 levou o autor a definir um estilo aparentado com os de Donnaucus e Sacer e a admitir que ele tenha sido o mestre destes dois últimos (p. 50). Esta hipótese parece difícil de aceitar, pois a obra atribuída a Donnaucus apresenta uma qualidade de estilo e de desenho superior. De resto, já G. Simpson (*op. cit.*, p. 47) mostrou que se toma difícil distinguir entre a última fase de Donnaucus e os primeiros trabalhos de Sacer e Attianus.

Os fragmentos ilustrados (figs. 19 e 20) oferecem notáveis semelhanças de estilo e de pormenor não só com a obra de Sacer, mas também com a de Attianus.

(1) Para melhor compreensão do problema, cf. A. P. Detsicas, *The Anonymous Central Gaulish Potter Known as X-3 and his connections*, Collection Latomus, vol. LXIV, 1963; H. Comfort, *R.C.R.F. Acta III* (1961), pp. 5-8; G. Simpson, *Arch. Journ.* CXXI (1964), pp. 209-210 e C. Johns, *R.C.R.F., Acta VII* (1965), pp. 67-69.

Creemos que ainda há muita investigação a realizar para um melhor esclarecimento das relações entre os oleiros Donnaucus, Butrio, Sacer, Altinus, Sacrio, Sacirius e Criciro.

Não será Sacrio o responsável pelo estilo dito Sacer? E este não teria trabalhado com mais do que um artista?

Na p. 61, o autor diz, a propósito de Sacer, que o seu nome, frequente tanto em formas lisas como em formas decoradas, aparece muitas vezes associado ao de Vasilius e admite que possa tratar-se de um segundo nome apenas.

Um pormenor de marca de Sacirius descoberta por Terrisse e por ele passado em silêncio, obriga a mais reflexão: no grafito, relevado e retrógado lê-se o nome seguido de ponto e V. Como interpretar esta letra ?

SATUS é reconhecido a partir de grafitos sobre dois fundos de vasos (um deles Drag. 37) e identificado com o habitualmente designado por «Oleiro do S pequeno».

CETTUS que se encontra ligado a este estilo (cf. p. 52 e Stanfield-Simpson, *op. cit.*, p. 247) é interpretado como ajudante ou associado.

O Mestre XI continua por identificar. O autor informa que em Martres-de-Veyre apenas se encontram alguns fragmentos de formas Drag. 30 e Drag. 64, mas pertencentes a um número de vasos diferentes, o que julga suficiente para daí inferir que este oleiro trabalhou no local antes de seguir para as oficinas de Leste (pp. 53-54).

Distingue Terrisse dois períodos nesta produção. No primeiro, o oleiro teria desenvolvido um estilo bastante pobre e severo (p. 53); no segundo, o seu estilo ter-se-ia tomado mais rico e elegante, próximo dos de Medetus e Rantus.

Esta apreciação crítica parece-nos absolutamente injusta. As figuras e o arranjo decorativo que Terrisse atribui a uma primeira fase revelam um grande mestre. Stanfield-Simpson classificaram a sua decoração como a mais fina de detalhes e nitidez de toda a «sigillata gálica»; atribuíram-lhe um alto valor artístico e aproximam o drapeado de muitas das figuras do que se fez na «sigillata» aretina (cf. *op. cit.*, pp. 4-5).

O Mestre X2 é encarado por Terrisse como um artista medíocre que nunca conseguiu plagiar completamente as decorações dos grandes mestres que pretendeu copiar (p. 54).

Sugere que este oleiro poderá ser identificado com Medetus. As obras atribuídas a X2 corresponderiam à produção daquele, antes da sua ligação com Rantus.

A este propósito convém lembrar a nota de G. Simpson, em parte motivada pela descoberta feita por Terrisse de um fragmento X2 e assinado por Medetus. Aquela especialista põe a hipótese de que Medetus tenha sido um simples vasador que trabalhou em diversas oficinas, razão pela qual o seu nome se acha ligado a diversos estilos, especialmente aos de Rantus, Tasgillus e X2 (cf. *op. cit.*, pp. XXXVI e 28).

A utilização de figuras humanas desproporcionadamente grandes em relação ao conjunto decorativo, pode ser encarada como «falta de gosto total» (p. 54). Mas é justo observar que as suas figuras, tanto humanas como animais, são de traçado impecável e revelam grande categoria e originalidade.

Stanfield-Simpson vêem nele uma das principais fontes de inspiração dos oleiros

de Lezoux; provam com dados numéricos a influência deste artista em alguns dos seus sucessores (cf. *op. cit.*, p. 8).

O MESTRE X6 não é identificado; os fragmentos de moldes encontrados, pertencentes ao seu estilo, não continham assinatura.

Terrisse chama a atenção para os dois tipos de óvulos bem traçados e bastante originais que o oleiro utilizou durante a sua estadia em Martres-de-Veyre (p. 55).

O nome de BILICEDO é corrigido para Billecedus.

Stanfield-Simpson (*op. cit.*, p. II) publicaram um único fragmento (Drag. 37) com marca deste oleiro. Pela sua posição no centro do fundo externo do vaso crêm tratar-se de um produto do tempo de Trajano.

É de lamentar que Terrisse não examine esta hipótese. Na Est. LII ilustra seis marcas que não refere no texto (cf. p. 57); na Est. LV apresenta mais uma que pode ser ou não a reproduzida num desenho mais sumário na Est. LI. Esta última encontra-se também no fundo externo de uma forma Drag. 37, mas ficam dúvidas quanto às restantes.

No mesmo local, os autores ingleses notam as semelhanças tecnológicas existentes entre o fragmento assinado por Billecedus e as obras do «Mestre X2»; o friso inferior é comum nestas obras.

Os fragmentos publicados na Est. XXIII oferecem grande semelhança estilística com a obra do «Mestre X2». Todavia a folha de acanto encontra paralelos em X3 e Donnaucus (Stanfield-Simpson, figs. 4 e 11). A pequena folha trifida é comum ao «Mestre da Roseta» e a Donnaucus (Stanfield-Simpson, Ests. 23, 294; 25, 316; 48, 561). As figuras de atleta empunhando uma cratera têm paralelo no fragmento atribuído a Donnaucus (Stanfield-Simpson, Est. 49, 583). A mesma cratera foi ainda utilizada por X2.

A atribuição dos vasos assinados por Billecedus é no entanto inteiramente resolvida pela comparação dos quatro fragmentos publicados por Terrisse com o fragmento achado em Londres e ilustrado por Stanfield-Simpson (*op. cit.*, est. 50, 594). A identidade dos motivos (mesmo a de uma pequena ? taça que parece ser um motivo de preenchimento original) é perfeita. Se não fossem certos detalhes mínimos (que podem até ser devidos a diferentes qualidades de reprodução) diríamos que as peças saíram do mesmo molde. O fragmento de Londres apresenta marca grafitada proveniente do molde. O seu mau estado de conservação levou G. Simpson a admitir com reserva a leitura feita por Stanfield: Silvio (Stanfield-Simpson, pp. 46-47).

Os nomes tradicionalmente conhecidos por Diogenus e Ranto são rectificadas para DIOCEMUS e RANTUS (cf. Est. LII e LIII, pp. 58-60).

Para MEDETUS admite Terrisse a leitura de Medui ou Medu; mas nenhuma marca por ele publicada (est. LII) autoriza tal versão.

Pertinente é a sua observação sobre a semelhança flagrante entre o fragmento do vaso (Drag. 29) assinado por Medetus (Stanfield-Simpson, est. 27) e o da mesma forma assinado por Donnaucus (Est. XXXII, 1066).

Terminada esta revisão do estudo estilístico dos produtos de Martres-de-Veyre, cremos lícito perguntar:

- 1.º — Por que não generaliza o autor a todos os estilos a apresentação de quadros dos elementos secundários da decoração?

2. ° — Por que não se atribui, sistematicamente, a cada oleiro, uma situação cronológica ainda que a título de hipótese?
3. ° — Por que não se fez uma análise exaustiva dos elementos que caracterizam cada artista e não se definiu um estilo que se diz existir?

Por vezes o autor justifica o seu silêncio explicitando que «les planches exposent mieux que toute description le travail décoratif caractéristique de ce style» (p. 59). Da sua arbitrariedade resulta que só empunhando simultaneamente o livro de Stanfield-Simpson se podem seguir convenientemente e com espírito crítico os raciocínios do autor.

O estudo das formas dos vasos decorados e das marcas encontradas em Martres-de-Veyre levou o autor a precisar os limites e a evolução da actividade deste centro.

Os primeiros produtos surgem nos meados do século i. Nos anos 70-80 a produção intensifica-se e durante o primeiro quartel do século ii assiste-se ao seu rápido crescimento, provavelmente devido ao impulso dado por Drusus e pelos seus filiados (p. 26). A partir do ano 160 há um nítido declínio e a produção parece extinguir-se antes do ano 180.

Estas conclusões aproximam-se dos resultados obtidos por G. Simpson e E. Birley. Este último relaciona o encerramento das oficinas do Centro da Gália com os acontecimentos políticos iniciados no reinado de Cómodo e designadamente com a batalha de Lugdunum em 197 (Stanfield-Simpson, *op. cit.*, p. XII).

Estranhámos que o autor não tenha oferecido um estudo mais minucioso das formas lisas fabricadas em Martres-de-Veyre.

Creemos ser muito importante para o estudo dos inícios da produção da «terra sigillata» neste centro e na Gália em geral, o perfeito conhecimento das formas tiberianas e tibero-claudianas que o autor ilustra nas figuras 28 e 33, como tendo sido fabricadas localmente. Será que o exame da pasta e do «glanztonfilm» lhe permitiram realmente essa conclusão? Ou terão sido incluídas por engano no quadro das produções locais?

Na p. 73 Terrisse diz que omite voluntariamente a análise de alguns tipos de que encontrou apenas limitado número de fragmentos, o que permite pensar que se trate de modelos importados. A falta de referências exactas impede-nos de resolver o problema.

As escavações empreendidas pelo autor detectaram três fornos. Do melhor conservado dá-nos uma descrição bem ilustrada e compara-o com outros fornos galo-romanos e galo-belgas também reproduzidos.

Úteis, apesar de não aduzirem qualquer novidade aos trabalhos anteriormente publicados sobre o assunto, são as sínteses apresentadas sobre a tecnologia das «terras sigillatas».

O critério que presidiu à selecção bibliográfica parece-nos inaceitável.

ADILIA M. ALARCÃO

(Página deixada propositadamente em branco)

ÍNDICE REMISSIVO

A

Achonistus C. Anni, oleiro, 4.
Adriano (Hadrianus), imperador romano, 46, 47.
África, 8, 53.
 ——— *do Norte*, 84.
Aislingen, castelo — Alemanha, 8, 39, 68, 69.
 ç/arção, Adília, 1, 34, 56, 58, 61, 62, 69, 75-78.
 ———, Jorge, 1, 24, 34, 43, 51-53, 56, 58, 61, 62, 67, 69, 75-78.
Alcácer do Sal, 49.
Alemanha, 58, 68.
Alenquer, 18, 19, 45-48, 74.
Alentejo, 81.
Alésia — Gália, 51.
Alexandria, 76.
Alicante — Espanha, 17.
Aljustrel—Baixo-Alentejo, 43, 53, 54, 58, 67, 75, 76, 79.
Almagro Gorbea, M., 53.
Almeida, Fernando de, 8, 81, 82.
 ———, José António Ferreira de, 49, 77.
 ———, Justino Mendes de, 47.
Alosno — Huelva, 25.
Alpes, 25.
Altinus, oleiro, 87.
Ameixial, Santa Vitória do, freguesia — Estremoz, 42.
Amêndoa — Faro, 42.
Amoena, Laberia, 48.
Amp árias, 58.

Amsterdão, 49, 76.
Andrade, Rui Freire de, 43, 53, 67.
André, Jacques, 64.
 çww, Achonistus C., oleiro, 4.
 ———, Pantagathus C., oleiro, 4.
Annius, Caius, oleiro, 1-6.
 ———, Lucius, oleiro, 3.
Antioquia (Antioch), 51, 52.
 «*Antiquités Africaines*», 84.
Antonino Pio, imperador romano, 77.
Aramenha, 56.
Are tini ou *Arretini*, 3.
Armand, M., 11.
Atégina, divindade, 83.
Ateius, 4.
Attianus, oleiro, 86.
Augusto, imperador romano, 4, 40, 50, 54, 56, 57, 60, 78.
Aurélio, Marco — Vide: *Marco Aurélio*.
Austria, 54.
Avignon, 34.

B

Babba Iulia Campestris, topónimo, 84.
Baradez, J., 84.
Barbosa, Hemâni, 45.
Barcelona, 13.
Bargathes, M. Perennius, oleiro, 2-3.
Basileia, 60.
Batalha, 24, 43.
 2te/ra, província, 82.
Beja, 43, 53, 67.

- Beltrán*, M. Ribas — Vide: *Ribas Beltrán*, A/..
- £er/m (Berlin), 8, 39, 67, 69.
- Biblioteca Nacional de Lisboa*, 43, 67.
- Bilicedo* — Vide: *Bilicedus*.
- Bilicedus*, nome corrigido de *Bilicedo*, oleiro, 86, 88.
- Birley*, E., 89.
- Blasquez Martinez*, 83.
- Blásquez*, J. M., 81.
- Boesterd*, M. H. P. Den, 18, 19, 22, 25, 26, 30, 35, 39, 40.
- Bona* — Alemanha, 52.
- Bormo*, 83.
- Borvo*, 83.
- Bosch-Gimpera*, 83.
- Boscovale*, 51.
- Boston* — Estados Unidos da América, 76.
- Boston Museum of Fine Arts*, 76.
- Boube-Picot*, Christiane, 8.
- Branca* — Muralto, 60.
- Bravo*, André, 46, 47.
- , Quinta do — Vide: *Quinta do Bravo*.
- Briesenick*, Brigitte, 13.
- Broholm*, H. C., 18, 19, 22, 34, 62.
- Bruto*, Décimo Júnio, 81.
- , Sexto Júnio, 81.
- Bruxelles*, 11.
- Budapeste*, 76.
- Bürgerhofe*, castelo — Alemanha, 8, 39, 40, 68, 69.
- Bushe-Fox*, J. P., 39, 52, 60, 65, 68.
- Butrio*, oleiro, 87.
- Buttner*, Anita, 22.
- C
- C. Anni*, Achonistus, oleiro, 4.
- *Pantagathus*, oleiro, 4.
- *Cispus*, oleiro, 3, 5.
- *Plaucio*, pretor, 82.
- Cabaço*, Hipólito, 45, 47, 74.
- Cadra*, 60.
- Caepio*, Servilius, 81.
- Caius Annius*, oleiro, 1-6.
- Calvet*, 34.
- Cambodunum*, 39, 40, 69.
- Campo frio* — Espanha, 78.
- Camulodunum* — Colchester, 29, 39, 52, 60, 70.
- Capito*, G. Julius, 47.
- Cardílio*, 69.
- Cardoso*, Luís, 46.
- Carmo*, convento — Lisboa, 47.
- Cárquere* — Resende, 42.
- Carrão*, herdade — Eivas, 42.
- Cartago* (Carthage), 49, 76.
- Carvalho*, Casal do — Vide: *Casal do Carvalho*.
- Casal do Carvalho*, 58.
- Castro*, Luís de Albuquerque e, 19, 29, 43, 67.
- Cedes*, túmulo, 11.
- Centre National de la Recherche Scientifique* — Paris, 76, 84, 85.
- Cerrato*, Cubilles de — Vide: *Cubilles de Cerrato*.
- Cerro Muriano* — Espanha, 78.
- César*, Júlio, imperador romano, 83.
- Cettus*, oleiro, 87.
- Charleston*, R. J., 51, 52, 54.
- Chehab*, M., 13.
- Cher* — França, 29.
- Chichorro*, João de Sousa, 46.
- Chiusi*, 53.
- Chopard*, colecção, 38.
- Cispus*, C, 3, 5.
- Cl(audia) T. P.*, 47.
- Cláudio*, imperador romano, 55, 58, 70.
- Cocatus* — Vide: *Igocatus*.
- Coimbra*, 22.
- Colchester* — Inglaterra, 29, 52.
- Colónia* — Alemanha, 5, 52, 58.
- Comfort*, H., 2, 5, 86.
- Cómodo*, imperador romano, 89.
- Conimbriga*, 3, 7, 9, 12-16, 18, 24, 25, 29, 30, 34, 35, 38, 39, 42, 53, 54, 61, 62, 67.

Conis sin, P., 71.
Constância, 58.
Convento do Carmo — Lisboa, 47.
Copenhaga, 62.
Cornelius, P., oleiro, 3.
Correia, Mendes, 83.
Costa, Américo, 46.
Criciro, oleiro, 87.
Cuadrado, E., 63.
Cubilles de Cerrato — Palencia, 11.

D

Damonus, oleiro, 55.
Déchelette, J., 51, 52.
Décimo Junio Bruto, 81.
Delgado, Manuela, 43, 67.
Denbighshire — Inglaterra, 52.
Deneauve, Jean, 49, 76.
Detsicas, A. P., 86.
Deus, Antonio Dias de, 42.
Dinamarca, 62.
Diocemus ou *Diogemus*, oleiro, 88.
Diónisos, deus, 2, 4, 5.
Doeringer, Suzannah F., 12, 75, 76.
Donas — Fundão, 42.
Donnaucus, oleiro, 86-88.
Douro, rio, 82, 83.
Dragendorff, H., 3-6, 51, 86-88.
Dressel, 49, 78.
Drusus I ou *Mestre X 3*, fabricante de moldes, 85, 86, 88, 89.
 — II, oleiro, 86.
Dueñas, vila romana, 10.
Dura-Europos — Siria, 52, 56, 62.

E

Éfeso, 51.
Eggers, H. J., 18, 19, 22, 25, 26, 29, 30.
El Palomar de Vellilla, necrópole, 19, 34.

El-Rei, Horta de — Vide: *Horta de El-Rei*.
Elvas, 42.
Escarigo — Fundão, 42.
Escurac-Doisy, H. d\ 84.
Espanha (Espagne), 18, 53, 63, 74.
Estrabão, 83.
Estremoz, 42.
Europa (Europe), 10, 63.
 — Central, 9, 22.
Euzennat, M., 84.
Évora, 1, 42, 67.

F

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 45.
Faro, 42, 49, 67.
Farrobo — Aljustrel, 51, 53.
Faustinas, imperatrizes romanas, 77.
Favière, Jean, 29.
Ferreira, Fernando Bandeira, 47.
 — , Octávio da Veiga, 42, 43, 53, 67, 81.
 — , Seomara da Veiga, 81.
Figueira da Foz, 56, 58.
Flávios, imperadores romanos, 58.
Fogg Art Museum — Nova York, 12, 76.
Fojo das Pombas — Valongo, 19, 28, 43, 67.
Folsom, Robert S., 50.
Fontaneda, coleção, 8.
Fouet, G., 34, 39, 40.
Fowler, Elisabeth, 63.
Franco, Gonçalo Lyster, 49.
 — , M. Lyster, 43.
Frankfurt am Main — Alemanha, 4.
Freixo, S. Sebastião do, freguesia — Batalha, 24.
Fremersdorf, Fritz, 34.
Fresin, 56.
Fundão, 24, 34, 42, 43.

G

- G. Julius Capito*, 47.
Gabinete de Numismática e Antiguidades da Biblioteca Nacional de Lisboa, 43, 67.
Galba, imperador romano, 81.
Gd/a (Gaule), 52, 89.
 ——— *Central*, 85, 89.
 ——— *Romana*, 51, 52.
Gannat — Gália, 52.
Garda y Bellido, A., 82.
Garrido, Juan Pedro, 25, 34.
Gergovie, 38, 39.
Germania, 18.
Giménez de Gregorio, Feriando, 19, 29, 30, 34.
Giubiasco, 57.
Gorbea, M. Almagro — Vide: *Almagro Gorbea*, M.
Grã-Bretanha, 52.
 ——— Vide também: *Inglaterra*.
Gradi, Santa Maria in, 2, 5.
Gregorio, Fernando Giménez de—Vide: *Gimenez de Gregorio*, Fernando.
Groningen, 56.
Guadiana, rio, 1, 82, 83.
Gundel, H. G., 81.
Guyonvare'h, Ch., 83.

H

- Hadrianus* — Vide: *Adriano*.
Hakkert, Adolf M., 76.
Haltern, 4.
Hatt, Jean-Jacques, 38, 39.
Ffautó, C. F. G., 29, 30, 39, 52, 60, 70.
Hemmor, 35.
Herculano, 58.
Hildesheim, 51.
Hippona, 22.
Hispania, 83.
Hofheim, 57, 58.

- Holanda*, 54.
Holt — *Denbighshire*, 52.
Horta de El-Rei — *Alenquer*, 46.
 ——— *do Pinto* — *Faro*, 49.
Huelva, 25.
Hull, M. R., 29, 39, 52, 70.
Hungria, 76.

I

- I. Nerva*, Q., 48.
Icosium, topónimo, 84.
Igocatus ou *Cocatus*, fabricante de moldes, 85.
Inglaterra, 86.
 ——— Vide também: *Grã-Bretanha*.
Ioenalis, oleiro, 86.
Isings, C., 56-58, 60, 62.
Itália, 52, 73.

J

- Jalhay*, Eugênio, 45, 47.
Johns, C., 86.
Jubainville, D'Arbois, 83.
Júlio César, imperador romano, 83.
Júlio-Cláudios, imperadores romanos, 76.
Julus Capito, G., 47.
Júnio Bruto, Décimo, 81.
 ——— Sexto, 81.

K

- Kam*, G. M., 18.
Karanis, 56.
Kent — *Inglaterra*, 39, 52, 65, 68.
Kern, J. H. L., 54.
Koln-Mungersdorf, 34.
Kramer, Werner, 39, 40, 69, 70.
Kreuznach, 57.

L

L. l. R., oleiro, 76-79.
La Graufesenque, 55.
 — *Téne*, 63.
Laberia Amoena, 48.
Labio, oleiro, 55.
Lacy, A. D., 50.
Lambo glia, Nino, 49, 60.
Lambrino, Scarlat, 83, 84.
Lameiranche — Torres Novas, 43, 67.
Lassus, Jean, 84.
Lavedan, Pierre, 71.
Le Glay, M., 84.
Leal, J. Bação, 1.
Leglay, M., 25, 26.
Leiden — Holanda, 54.
Lepelley, C, 84.
Les Mureaux, 19, 25, 34, 35.
Lézine, A., 84.
Lezoux — Gália, 52, 85, 88.
Libano (Liban), 13.
Lisboa, 43, 45-47, 49, 63, 67, 81.
Llano de los Tesoros — Riotinto, 77.
Lobeira Grande — Beja, 53, 54.
Locarno, 57, 58, 60.
Loeschcke, 78.
Londres (London), 4, 29, 39, 50, 51, 63, 69, 88.
Longinie, Maela, 47.
Lousa, castelo — Mourão, 1.
Luc-en-Dionis, 25, 26.
Lucius Annius, oleiro, 3.
Lugdunum, 89.
Luzon, J. M., 77, 78.

M

M. Perennius Bargathes, oleiro, 2-3.
Madeira, José Rosa, 43.
Madrid, 11-13, 17, 18, 63, 74, 78.
Maela Longinie, 47.
Mahdia, 38.

Majurel, René, 22.
Marcillet-Jaubert, J., 84.
Marco Aurélio, imperador romano, 77.
Maree, E., 22.
Marques, Gustavo, 17, 34, 39, 40, 43.
Martinez, Blasquez — Vide: *Blasquez Martinez*.
Martres-de-Veyre — Puy-de-Dôme, 85-89.
Matará — Espanha, 53.
Matoso, Luís, 47.
Medetus, oleiro, 86-88.
Mediterrâneo Central, 54.
 — *Oriental*, 52, 73.
Medu ou *Medui*, leitura discutível de *Medetus*, oleiro, 88.
Meimão — Penamacor, 43.
Memmius, oleiro, 3.
 «*Memorias Paroquiais*», 46.
Mestre da Roseta, fabricante de moldes, 85, 88.
Mestre X, fabricante de moldes, 85.
 ----- 1, oleiro, 87.
 ----- 2, fabricante de moldes, 85, 87, 88.
 ----- 3, — Vide: *Drusus I*.
 ----- 6, fabricante de moldes, 85, 88.
Milão, 2, 6.
Minas de S. Domingos, 67.
Minho, rio, 81-83.
Minusia, 60.
Mitten, David Gordon, 12, 75, 76.
Mocéjon — Espanha, 19.
Moinhos, Rio de — Vide: *Rio de Moinhos*.
Molière, Jean Claude, 22, 35.
Monsanto, 43.
Monte do Farrobo — Aljustrel, 53.
 — *de Vénus*, 82.
Montemor-o-Novo, 67.
Montmaurin, vila galo-romana, 34, 40.
Morel, Jean Paul, 53, 84.
Moron, 81.
Mourão, 1.
Mungersdorf— Vide: *Koln-Mungerdorf*.

Munique, 5.
 Muralto, 60.
 Murcia — Espanha, 17.
 Museu Arqueológico de Barcelona, 13.
 ----- Madrid, 11, 12, 17, 78
 ----- K/7tf Viçosa, 56, 58.
 Museu de Belas-Artes de Viena de
 Austria, 54.
 ---- Britânico, 49.
 ---- Calvet — Avignon, 34.
 ---- de Chiusi, 53.
 ----- Leiden, 54.
 ---- Machado de Castro — Coimbra,
 22, 43.
 ---- Monográfico de Conimbriga, 13-
 -15, 42, 67.
 ---- Municipal de Alenquer, 43, 48.
 ----- «Dr. Santos Rocha — Fi-
 gueira da Foz, 56, 58.
 ---- Nacional de Arqueologia e Etno-
 logia — Lisboa, 24, 42, 43, 49, 67.
 ---- Regional de Beja, 43, 67'
 ---- dos Serviços Geológicos de Por-
 tugal, 67.
 ---- da Sociedade Martins Sarmento
 — Guimarães, 56.
 ---- de Torres Vedras, 42.
 ----- Vannes, 64
 Museum of Fine Arts — Budapeste, 76.
 Museus — Vide também: Boston Mu-
 seum of Fine Arts, Fogg Art Museum
 e Rijksmuseum G. M. Kam.

N

Namorados, Torre dos — Vide: Torre
 dos Namorados.
 Nero, imperador romano, 55, 58.
 Nerva, imperador romano, 46, 47.
 ----, Q. I., 48.
 New Haven, 52.
 Nijmegen, 18, 35, 57.
 Notion — Éfeso, 51.
 Nova Jersey, 49.
 Nova Yorque, 76.

O

Oberaden, 3.
 Óbidos, 42, 67.
 Okéanos, deus, 19.
 Oleiro, J. M. Bairrão, 24, 43, 56.
 Oliveira, João Mário Aires de, 74.
 Orontes, 52.
 Orta, Elena Maria, 25, 34.
 Ostorius Scapula, 66.
 Oswald, F., 4, 5, 51.
 Oxé, A., 4, 5.
 Oxford, 52, 60, 65.

P

P., Cl(audia) T., 47.
 — Cornelius, oleiro, 3.
 Paço, Afonso do, 1.
 Patencia — Espanha, 8, 11, 12.
 Palin, Saint-Denis-de — Vide: Saint-
 Denis-de-Palin.
 Palma, Torre de — Vide: Torre de
 Palma.
 Paiol Salellas, P. de, 8-13, 64, 78.
 Palomar de Vellida, El — Vide: El
 Palomar de Vellida.
 Pantagathus, oleiro, 3.
 ---- C. Ami, oleiro, 4.
 Paredes, antigamente Vila Vedra, ne-
 crópole — Alenquer, 19, 45, 46, 50,
 54, 56, 62, 69, 74.
 Paris, 13, 19, 49, 51, 53, 71, 76.
 Paris, Pierre, 17-18
 Paternus, fabricante de moldes, 85, 86.
 Pedrosa de la Vega, vila romana
 — Espanha, 11.
 Penamacor, 43.
 Península Ibérica, 10, 18, 78, 82.
 Pereira, Maria Amélia Horta, 17, 19.
 Perennius Bargathes, M., oleiro, 2-3.
 Pérgamo, 52.
 Perlzweig, Judith, 49.

Pflaum, H. G., 84.
Piganiol, André, 19, 25, 34, 35.
Pinto, Horta do — Vide: *Horta do Pinto*.
Pirinéus, 32.
Planig — Alemanha, 58.
Plaudo, C., pretor, 82.
Poderosa, mina — Espanha, 78.
Pombas, Fojo das — Vide: *Fojo das Pombas*.
Pompeia, 51, 58.
Portas, Clara, 1, 17.
Porto, 43, 46, 67.
Portugal, 3, 8, 17, 19, 22, 24, 25, 28, 29, 34, 39, 49, 51, 53, 63, 67, 77, 78, 81, 82.
Prades, Henri, 22.
Princeton, 52.
Prior de S. Pedro da Silveira, 46.
Provença (Provence), 18.
Pryce, T. D., 4, 5, 51.
Puy-de-Dôme — França, 85.

Q

Q. / Nerva, 48.
Quinta do Bravo — Alenquer, 46, 47.
Q(uintus) V(alerius), 45, 46, 73.

R

Radnoti, 22, 35.
Rantus (Ranto), oleiro, 86-88.
Rasinius, oleiro, 1-3, 5, 6.
Rebuffat, R., 84.
Reinach, Salomon, 53, 54.
Renânia, 52.
Research Committee of the Society of Antiquaries of London, 29, 39.
Resende, 42.
Reuthinger, 4.
Rhein, rio, 4.
Rhone — Alpes, 25.
Ribas Beltrán, M., 53.
Ribeiro, Luciano, 45, 46, 48.
Richborough — Kent, 39, 52, 60, 65, 68.
Rijksmuseum G. M. Kam — Nijmegen, 18, 40.
Rio de Moinhos — Aljustrel, 53.
Riotinto, 17, 78.
Risstissen — Alemanha, 39, 68.
Ritterling, 55.
Rocha, Santos, 42, 56.
Rodrigues, A. Vasco, 43.
Roliça — Óbidos, 42.
Rolland, H., 18, 34.
Roma, 83.
Rufus Silonis, 47.
Russia, 9, 10, 52.

S

Sacer, oleiro, 86, 87.
Sacirius, fabricante de moldes, 85-87.
Sacrio, oleiro, 87.
Saint-Denis-de-Palin — Cher, 29.
Saint-Rémy-en-Rollat — Galia, 52.
Salellas, P. de Paiol — Vide: *Paiol Salellas*, P.
Santa Maria, Agostinho de, 47.
Santa Maria in Gradi, 2, 5.
 — Menina — Fundão, 24, 34, 42.
Santa Vitória do Ameixial — Estremoz, 42.
Santarém, 43.
Santo André, quinta — Alenquer, 47.
 — Estêvão de Alenquer, freguesia, 43.
São Domingos, Minas de — Vide: *Minas de S. Domingos*.
 — João, cemitério — Torres Vedras, 42.
 — Pedro da Silveira, freguesia, 46.
 — Sebastião do Freixo — Batalha, 24, 43.
Saragoça, 42.
Sarmento, Martins, 56.
Satus, fabricante de moldes, 85, 87.
Savory, H. N., 63.

- Scapula*, Ostorius, 66.
Schulten, 83.
Scipio (por Caepio), Servilius, 91.
Sertório, 81.
Serviço de Fomento Mineiro — Porto, 67.
Serviços Geológicos de Portugal — Lisboa, 67.
Servilius Caepio, 81.
Sete Pedras — Alenquer, 45.
Sexto Júnio Bruto, 81.
Shropshire, 65.
Sicília, 54.
Silonis, Rufus, 47.
Silveira, São Pedro da, freguesia, 46.
Silvio, oleiro, 88.
Simancas, 64.
Simonett, Christoph, 60.
Simpson, G., 85-89.
Sjaelland — Dinamarca, 62.
Society of Antiquaries of London, 29, 39.
Sorviodurum — Vide: *Straubing-Sorviodurum*.
Stanfield, 85-89.
Stenico, A., 2, 3, 5, 6.
Steuille — Dinamarca, 62.
Straubing-Sorviodurum, castelo, 29, 34.
Stumpel, Bernhard, 34, 35.
Suetónio, 81.
Szentléleký, Tihamér, 49, 76.
- T
- T. P.*, Cl(audia), 47.
Tarragona, 74.
Tarsus, 51, 52.
Tasgillus, oleiro, 86, 87.
Tavira, 42, 67.
Tchernia, A., 84.
Tejo, rio, 63, 82, 83.
Terentia, 45, 46.
Terrisse, J. R., 85-89.
Ter rugem — Eivas, 42.
Thames Street — Londres, 69.
- Tibério*, imperador romano, 3, 4, 40, 56, 57, 60, 78.
Tipasa, necrópole, 84.
Toledo, 19.
Toll, N., 52.
Tomar, 43.
Toorrenc, S., 84.
Torre dos Namorados—Fundão, 34, 43.
 — *¿e Palma*, 42, 67.
Torres, Manuel, 74.
Torres Novas, 43, 67, 69.
 — *Vedras*, 42.
Toutain, 83.
Trajano (Traianus), imperador romano, 46, 47, 88.
Trebaruna, deusa céltica, 84.
Trindade, A., 42.
Tróia — Setúbal, 43.
Tshandarli — Pérgamo, 51.
Tubingen, 4-6.
- U
- C/tóiT/*, Giinter, 8, 39, 40, 68, 69.
Universidade de Lisboa, 45.
- V
- Valdoca*, necrópole, 34, 58, 75-79.
V(alerius), Q(uintus), 45, 46, 73.
Valongo, 19, 43, 67.
Vannes, 64.
Vasconcelos, J. Leite de, 24, 34, 42, 43, 83, 84.
Vasilius, oleiro, 87.
Vásquez, Joana, 78.
 Pedrosa de la — Vide: *Pedrosa de la Vega*.
Vedilla, El Palomar de — Vide: *E/ Palomar de Vellida*.
Ventimiglia, 57, 58.

(Página deixada propositadamente em branco)

ÍNDICE GERAL

	Págs-
ADÍLIA M. ALARCÃO — <i>Cálice de Terra Sigillata da oficina de C. Annius</i>	1
ISABEL PEREIRA — <i>Elementos de freios tardo-romanos de Conimbriga . . .</i>	7
MANUELA DELGADO — <i>Elementos de situlas de bronze de Conimbriga . .</i>	15
MARIA AMÉLIA HORTA PEREIRA — <i>O dolium cinerário, com skyphos vidrado a verde, da necrópole de Paredes (Alenquer).....</i>	45
CLAUDETTE BELCHIOR — <i>Duas notas sobre lucernas da necrópole romana de Valdoca (Aljustrel).....</i>	75
A. e J. ALARCÃO— <i>Recensões bibliográficas.....</i>	81
<i>índice remissivo.....</i>	93

*Com posto e impresso nas oficinas da
IMPRESA DE COIMBRA, L.da
Larpo de S. Salvador 1-3 Coimbra*

CONIMBRIGA

REVISTA DO INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA
DA FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA (PORTUGAL)

PUBLICAÇÃO ANUAL

COLABORAÇÃO SOLICITADA

PEDIDOS À LIVRARIA DISTRIBUIDORA:

Casa do Castelo, Editora — Rua da Sofia, 47-49

Coimbra — Portugal

*Solicitamos permuta. On prie de bien vouloir établir Véchange.
Sollicitiamo scambio. We would like exchange. Tauschverkerhr erwünscht.*

